



CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO
PRAÇA DA REPÚBLICA, 53 – CENTRO/SP - CEP: 01045-903
FONE: 2075-4500

PROCESSO	CEESP-PRC-2025/00096		
INTERESSADAS	UNICAMP / Faculdade de Enfermagem		
ASSUNTO	Renovação do Reconhecimento do Curso de Enfermagem - Bacharelado e Licenciatura		
RELATORA	Consª Rose Neubauer		
PARECER CEE	Nº 112/2026	CES "D"	Aprovado em 01/04/2026 Comunicado ao Pleno em 08/04/2026

CONSELHO PLENO

1. RELATÓRIO

1.1 HISTÓRICO

Trata-se de pedido da UNICAMP de Renovação do Reconhecimento do Curso de Enfermagem - Bacharelado e Licenciatura, oferecido pela Faculdade de Enfermagem, por meio do Ofício GR 219/2025, protocolado em 12/06/2025 (fls. 03). A solicitação foi protocolada no prazo estabelecido pela Deliberação CEE 171/2019.

A Instituição encaminhou os seguintes documentos:

- Relatório Síntese - fls. 243;
- Projeto Pedagógico - fls. 316;
- Planilhas - fls. 479.

Os autos deram entrada na Assessoria Técnica deste Conselho em 13/6/2025. Em 17/6/2025 o processo foi baixado em diligência para esclarecimentos sobre a matriz curricular, respondida de fls. 243 570, em 13/10/2025, sendo no mesmo dia encaminhado à CES para designação da Comissão de Especialistas.

A Portaria CEE-GP 366, de 29/10/2025, designou as Professoras Eugênia Velludo Veiga e Teresa Célia de Mattos Moraes dos Santos para emissão do Relatório Circunstanciado sobre o Curso (fls. 573).

Os Especialistas realizaram visita *in loco* no dia 08/12/2025 e o Relatório circunstanciado foi juntado aos autos em 19/01/2026. Os autos retornaram à AT em 04/02/2026, para elaboração da Informação Final.

1.2 APRECIÇÃO

Com base na norma em epígrafe e nos documentos incluídos aos autos, passo a relatar como segue:

Histórico Institucional

Recredenciamento	Parecer CEE 614/2023 e Portaria CEE-GP 569/2023, publicada em 19/12/2023 pelo prazo de dez anos
Reitor	Prof. Dr. Paulo Cesar Montagner Mandato: 2025 a 2029

Dados do Curso

Renovação do reconhecimento	Portaria CEE 23/2021, publicada em 11/02/2021, por ter obtido nota 4 no ENADE 2019
Carga Horária	Modalidade Bacharelado em Enfermagem: Para graduar-se neste curso, o aluno deverá obter o total de 270 créditos, correspondentes a 4050 horas de atividades supervisionadas e 420 horas de atividades de extensão, que poderão ser integralizadas em 10 semestres, conforme proposta oferecida pela unidade para o cumprimento do currículo pleno, sendo o prazo máximo de integralização 16 semestres. Modalidade Licenciatura em Enfermagem: Para graduar-se neste curso, o aluno deverá obter o total de 307 créditos, correspondentes a 4605 horas de atividades supervisionadas e 480 horas de atividades de extensão, que poderão ser integralizadas em 10 semestres, conforme proposta oferecida pela unidade para o cumprimento do currículo pleno, sendo o prazo máximo de integralização 16 semestres.
Duração h/a	60 min
Horário	Curso de Enfermagem em Período Integral Manhã: das 7 às 12h de segunda a sexta-feira. Tarde: das 13 às 18h30 de segunda a sexta-feira
Vagas	48 vagas anuais
Integralização	Mínimo: 10 semestres Máximo: 16 semestres
Coordenadora do curso	Nome: Profa. Dra. Ariane Polidoro Dini Titulação: Doutorado em Enfermagem, Livre Docência em Administração em Enfermagem
Forma de Acesso	Classificação em Processo Seletivo – Vestibular



Caracterização da Infraestrutura Física da Instituição reservada para o Curso

Instalação	Número	Capacidade	Observações
Salas de aula	03	48	Duas salas de aula estão equipadas com Televisões 50" e uma com Projetor de alta resolução. Em todas as salas é possível realizar videoconferências.
Salas de aula - Dinâmica	01	55	Equipada com Televisão 50"
Laboratórios de Simulação	01	20	O laboratório possui espaço para a Simulação, com sala de controle e, espaço para realização de treino de habilidades. Destaca-se que foi adaptado com acessibilidade à Pessoa com Deficiência
Laboratório de Habilidades	01	30	
Anfiteatro	01	35	Anfiteatro Profa Dra Neusa Maria Costa Alexandre
Salas de Apoio	02	10	
Laboratório de Informática	01	20	
Sala de Descanso	01	08	Sala do Silêncio
Quiosque	01	50	Quiosque Profa Dra Maria Cecília Benatti Equipado com ar condicionado, geladeira, 02 microondas e mesas para refeição.
Área de vivência	01	25	Pergolado Profa Dra Maria Filomena Gouveia Vilella
Quiosque compartilhado entre o Centro Acadêmico de Enfermagem e Atlético	01	40	A Atlético da Enfermagem é nomeada Prof. Dr. José Luiz Tatagiba Lamas O ambiente além de ser suporte com materiais esportivos, possui área de convivência e reuniões estudantis.

Biblioteca

Tipo de acesso ao acervo	Livre
É específica para o curso	não
Total de livros (impressos e eletrônicos) específicos para o Curso de Enfermagem	2934
Periódicos	593
Teses	Teses (Exemplares) Digitais/Digitalizadas: 71.023

Sítio na WEB que contém detalhes do acervo: <http://www.sbu.unicamp.br/>

Corpo Docente

O corpo docente é constituído por 91 professores, todos com título de Doutor, atendendo a Deliberação CEE 145/2016.

Corpo Técnico disponível para o Curso

Tipo	Quantidade
Técnicos Administrativos (Secretaria de Graduação)	02
Técnicos Administrativos (Secretaria de Pós-graduação)	02
Técnicos Administrativos (Secretaria de Pesquisa/Extensão)	02
Técnicos Administrativos (Secretaria do Conselho Integrado)	01
Técnicos Administrativos (Secretaria Administrativa)	05
Técnicos Administrativos (Informática - TI)	03
Patrulheiro	01
Estatístico	01
Profissional de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (Enfermeiros)	01

Demanda do Curso nos últimos Processos Seletivos

ANO	Inscritos no Vestibular			
	Vestibular	ENEM	Provão Paulista	Indígena
2020	979	381	0	398
2021	1090	0	0	0
2022	862	311	0	198
2023	855	386	0	274
2024	831	350	5898	261
2025	647	321	11275	308

Demonstrativo de Alunos Matriculados e Formados

Semestre/ ANO	Ingressantes	Total de matriculados	Formados	Evasão
1S/2020	44	248	22	6
2S/2020	-	220	4	0
1S/2021	45	249	11	4
2S/2021	-	234	25	0
1S/2022	42	256	5	3
2S/2022	-	248	34	2
1S/2023	44	250	41	7
2S/2023	-	202	4	2
1S/2024	45	231	2	6
2S/2024	-	223	29	1
1S/2025	48	229	0	7



Matriz Curricular

LEGENDA

CH: Carga Horária; T: Teoria; P: Prática; L: Laboratório; O: Orientação; OE: Orientação de Extensão; PE: Prática de Extensão; C: Créditos; PR: Pré-Requisitos

1º semestre										
CÓD.	DISCIPLINA	CH	HORAS SEMANAIS						C	
			T	P	L	O	OE	PE		
BA133	Anatomia Humana Básica II	90	2	4	0	0	0	0	0	6
BB123	Bioquímica Básica I	75	2	2	1	0	0	0	0	5
BB125	Fundamentos de Biologia Molecular	30	2	0	0	0	0	0	0	2
BH125	Citologia e Histologia	60	2	0	2	0	0	0	0	4
EN112	Enfermagem em Saúde Coletiva I	75	2	2	0	1	0	0	0	5
EN280	Exercício da Enfermagem I	30	2	0	0	0	0	0	0	2
EN390	Metodologia de Pesquisa I	30	2	0	0	0	0	0	0	2
ME176	Introdução à Estatística Vital	30	1	1	0	0	0	0	0	2
TOTAL		420	15	9	3	1	0	0	0	28

2º semestre										
CÓD.	DISCIPLINA	CH	HORAS SEMANAIS						C	
			T	P	L	O	OE	PE		
BF284	Fisiologia e Biofísica Humana Básica	105	3	0	4	0	0	0	0	7
BI214	Imunologia	45	2	0	1	0	0	0	0	3
BM215	Microbiologia	60	2	2	0	0	0	0	0	4
BP223	Parasitologia	60	2	2	0	0	0	0	0	4
EN212	Enfermagem em Saúde Coletiva II	60	2	1	0	0	1	0	0	4
EN230	Enfermagem em Saúde Mental I	30	2	0	0	0	0	0	0	2
MD212	Psicologia Geral e do Desenvolvimento	45	3	0	0	0	0	0	0	3
MD311	Genética para Enfermagem I	30	2	0	0	0	0	0	0	2
EN321	Semiologia Aplicada à Enfermagem I	45	1	2	0	0	0	0	0	3
TOTAL		480	19	7	5	0	1	0	0	32

3º semestre										
CÓD.	DISCIPLINA	CH	HORAS SEMANAIS						C	
			T	P	L	O	OE	PE		
EN322	Aspectos Fundamentais do Processo de cuidar em Enfermagem	195	5	3	2	0	0	0	2	13
EN470	Processo de Enfermagem	30	2	0	0	0	0	0	0	2
MD231	Patologia Geral	45	3	0	0	0	0	0	0	3
MD362	Farmacologia Básica	60	3	1	0	0	0	0	0	4
EN232	Elementos das Ciências Sociais Aplicados à Enfermagem	30	2	0	0	0	0	0	0	2
EN421	Semiologia Aplicada à Enfermagem II	45	1	2	0	0	0	0	0	3
EN490	Metodologia de Pesquisa II	30	2	0	0	0	0	0	0	2
TOTAL		435	18	6	2	0	0	0	2	29

4º semestre										
CÓD.	DISCIPLINA	CH	HORAS SEMANAIS						C	
			T	P	L	O	OE	PE		
EL683	Escola e Cultura	90	2	2	0	0	0	2	0	6
EN214	Epidemiologia e Saúde	60	3	1	0	0	0	0	0	4
EN405	Processo de Cuidar do Adulto e Idoso I	180	6	2	2	0	0	2	12	
EN430	Enfermagem em Saúde Mental II	60	2	2	0	0	0	2	0	6
EN445	Nutrição e Cuidado Nutricional	45	3	0	0	0	0	0	0	3
MD430	Psicologia Aplicada à Saúde	30	2	0	0	0	0	0	0	2
MD462	Farmacologia Aplicada	30	2	0	0	0	0	0	0	2
TOTAL		495	20	7	2	0	0	0	0	35

5º semestre										
CÓD.	DISCIPLINA	CH	HORAS SEMANAIS						C	
			T	P	L	O	OE	PE		
EL511	Psicologia e Educação	90	30	30	0	0	2	0	6	
EN532	Processo de Cuidar em Enfermagem Psiquiátrica	105	3	2	0	0	0	1	7	
MD636	Genética para Enfermagem II	30	2	0	0	0	0	0	2	
EN505	Processo de Cuidar do Adulto e Idoso II	180	5	3	2	0	0	2	12	
EN312	Enfermagem na Organização do Sistema de Saúde	90	2	1	0	0	0	3	6	
TOTAL		495	42	36	2	0	2	6	33	

6º semestre										
CÓD.	DISCIPLINA	CH	HORAS SEMANAIS						C	
			T	P	L	O	OE	PE		
BH127	Embriologia	30	1	1	0	0	0	0	2	
EL212	Política Educacional: Organização da Educação Brasileira	60	2	2	0	2	0	0	6	
EL221	Práticas de Educação e Saúde	60	2	2	0	0	0	0	4	
EN433	Antropologia Filosófica, Educação e Enfermagem	30	2	0	0	0	0	0	2	
EN605	Enfermagem na Atenção Integral à Saúde da Família	300	8	3	0	0	0	9	20	
TOTAL		480	15	8	0	2	0	9	34	

7º semestre										
CÓD.	DISCIPLINA	CH	HORAS SEMANAIS						C	
			T	P	L	O	OE	PE		
EN304	Informática em Saúde	30	15	0	15	0	0	0	2	
EN766	Assistência de Enfermagem à Saúde da Mulher e Recém-Nascido	165	5	6	0	0	0	2	11	
EN590	Administração em Enfermagem	45	3	0	0	0	0	0	3	



EN665	Assistência de Enfermagem a Criança e Adolescente II	120	3	3	0	0	0	2	8
TOTAL		360	26	9	15	0	0	4	24

8º semestre

CÓD.	DISCIPLINA	CH	HORAS SEMANAIS						C
			T	P	L	O	DE	PE	
EL874	Estágio Supervisionado II	120	0	4	0	4	0	0	8
EL921	Estágio Supervisionado no Ensino de Enfermagem	285	0	4	0	15	0	0	19
EN690	Estágio Supervisionado de Administração em Enfermagem Hospitalar	165	3	8	0	0	0	0	11
EN780	Exercício da Enfermagem II	30	2	0	0	0	0	0	2
FN468	Libras e Educação de Surdos	60	2	2	0	0	0	0	4
TOTAL		660	7	18	0	19	0	0	44

9º semestre

CÓD	DISCIPLINA	CH	HORAS SEMANAIS						C
			T	P	L	O	OE	PE	
EN790	Tópicos de Administração em Enfermagem	30	1	0	0	0	0	1	2
EN791	Estágio Supervisionado I	330	0	4	0	18	0	0	22
EN792	Trabalho de Conclusão de Curso I	15	0	0	0	15	0	0	1
TOTAL		345	5	2	0	18			25

10º semestre

CÓD.	DISCIPLINA	CH	HORAS SEMANAIS						C
			T	P	L	O	OE	PE	
EN891	Estágio Supervisionado II	345	0	4	0	19	0	0	23
EN892	Trabalho de Conclusão de Curso II	30	0	0	0	2	0	0	2
TOTAL		375	2	4	0	19	0	0	25

LICENCIATURA

Quadro A - Carga Horária das Disciplinas de Formação Didático-Pedagógica ¹

Estrutura Curricular	Disciplinas	CH das disciplinas de Formação Didático-Pedagógica			
		Ano/ semestre letivo	CH Total (60 min)	Carga Horária total inclui:	
				CH EaD	CH PCC
	EN112 - Enfermagem em Saúde Coletiva I	1º semestre	75	-	15
	EN212 - Enfermagem em Saúde Coletiva II	2º semestre	60	-	15
	MD212 - Psicologia Geral e do Desenvolvimento	2º semestre	45	-	-
	EN321 - Semiologia Aplicada a Enfermagem I	3º semestre	45	-	15
	EN322 - Aspectos Fundamentais do Processo de Cuidar em Enfermagem	3º semestre	195	-	55
	EN232 - Elementos das Ciências Sociais Aplicados à Enfermagem	3º semestre	30	-	02
	EN430 - Enfermagem em Saúde Mental II	4º semestre	30	-	-
	EN465- Assistência de Enfermagem à Saúde da Mulher	4º semestre	45	-	15
	EL683 - Escola e Cultura	4º semestre	60	-	-
	EN505- Processo de Cuidar do Adulto e Idoso I	5º semestre	45	-	30
	EI 511 - Psicologia e Educação	5º semestre	90	-	-
	EN590- Administração em Enfermagem	7º semestre	45	-	-
	EN605- Enfermagem na Atenção Integral à Saúde da Família	6º semestre	300	-	45
	EN665- Assistência de Enfermagem a Criança e Adolescente II	7º semestre	120	-	30
	EL212 - Política Educacional: Organização da Educação Brasileira	6º semestre	90	-	-
	EL 221 - Práticas de Educação e Saúde	6º semestre	60	-	-
	EN690- Estágio Supervisionado de Administração em Enfermagem Hospitalar	8º semestre	165	-	-
	EN766- Assistência de Enfermagem à Saúde da Mulher e Recém-Nascido	7º semestre	45	-	45
Sub-total da carga horária de PCC e EaD				0	282
Carga horária total (60 minutos)			1545	0	282

Quadro B - Carga Horária das Disciplinas de Formação Específica

Estrutura Curricular	Disciplinas	Ano/ semestre letivo	CH das disciplinas de Formação Específica					
			CH Total	Carga Horária total inclui:				
				EaD	PCC*	Revisão		
				Conteúdo Específicos	LP	TICs		
	BA133 - Anatomia Humana Básica II	1º semestre	90	-	02	10	-	-
	BB123 - Bioquímica Básica I	1º semestre	75	-	02	10	-	-
	BB125 - Fundamentos de Biologia Molecular	1º semestre	30	-	02	05	-	-
	BH125 - Citologia e Histologia	1º semestre	60	-	02	08	-	-

¹ O perfil do egresso da modalidade licenciatura, além das características apresentadas no Projeto Pedagógico do Curso para o bacharelado, abrange a formação que o qualifica para o trabalho em instituições educativas, escolares e não-escolares, tanto no âmbito do ensino, como professor da educação básica promovendo ações de saúde, quanto em outras dimensões do trabalho educacional, com ênfase na educação profissional em enfermagem. Com formação para desenvolver e gerenciar o processo do cuidado de enfermagem, individual e coletivo, na perspectiva da integralidade, do raciocínio clínico e epidemiológico, nos diferentes contextos de prática profissional, em consonância com a realidade social. Faz parte dessa formação profissional a experiência investigativa, bem como de reflexão, acerca de aspectos políticos e culturais da ação educativa. Salienta-se que por ser polivalente, o enfermeiro licenciado, formador de profissionais de enfermagem, é capacitado para ministrar conteúdos que correspondem aos aspectos fundamentais da prática de enfermagem e às especificidades das áreas de conhecimento que abarcam o ciclo vital do indivíduo, do recém-nascido ao idoso, nas suas diversas dimensões – biológica, psíquica, cultural, espiritual, social. As disciplinas pertencentes ao quadro A desenvolvem atividades didático-pedagógicas que subsidiam a formação do enfermeiro-professor para profissionais de nível médio de enfermagem, dentro de sua especificidade com disciplinas ministradas pelos docentes da Faculdade de Enfermagem e/ou no processo ensino-aprendizagem oferecido pela Faculdade de Educação.



ME176 - Introdução à Estatística Vital	1º semestre	30	-	02	06	-	-
EN112 - Enfermagem em Saúde Coletiva I	1º semestre	75	-	15	07	-	-
EN280 - Exercício da Enfermagem I	1º semestre	30	-	02	04	-	-
EN390 - Metodologia de Pesquisa I	1º semestre	30	-	-	-	15	-
BI214 - Imunologia	2º semestre	45	-	02	06	-	-
BF284 - Fisiologia e Biofísica Humana Básica	2º semestre	105	-	02	15	-	-
BM215 - Microbiologia	2º semestre	60	-	02	06	-	-
EN230 - Enfermagem em Saúde Mental I	2º semestre	30	-	02	03	-	-
MD311 - Genética para Enfermagem I	2º semestre	30	-	02	03	-	-
EN321 - Semiologia Aplicada a Enfermagem I	2º semestre	45	-	15	-	-	-
BP323 - Parasitologia Médica II	2º semestre	60	-	02	08	-	-
EN490 - Metodologia de Pesquisa II	3º semestre	30	-	-	-	15	-
EN322 - Aspectos Fundamentais do Processo de Cuidar em Enfermagem	3º semestre	195	-	55	08	12	-
EN232 - Elementos das Ciências Sociais Aplicados à Enfermagem	3º semestre	30	-	02	15	-	-
EN421 - Semiologia Aplicada a Enfermagem II	3º semestre	45	-	15	-	-	-
EN214 - Epidemiologia, Enfermagem e Saúde	4º semestre	60	-	02	06	-	-
EN445 - Nutrição e Cuidado Nutricional	4º semestre	45	-	02	06	-	-
EN405 - Processo de Cuidar do Adulto e Idoso I	4º semestre	180	-	30	-	-	-
EN532 - Processo de Cuidar em Enfermagem Psiquiátrica	5º semestre	105	-	60	-	-	-
EN505 - Processo de Cuidar do Adulto e Idoso II	5º semestre	180	-	30	-	-	-
EN312 - Enfermagem na Organização do Sistema de Saúde	5º semestre	90	-	60	10	-	-
EN433 - Antropologia Filosófica, Educação Enfermagem	6º semestre	30	-	02	05	-	-
EN605 - Enfermagem na Atenção Integral à Saúde da Família	6º semestre	300	-	60	-	-	-
BH127 - Embriologia	6º semestre	30	-	02	04	-	-
EN665 - Assistência de Enfermagem a Criança e Adolescente II	7º semestre	120	-	30	-	-	-
EN304 - Informática em Enfermagem	7º semestre	30	-	-	-	-	30
EN766 - Assistência de Enfermagem à Saúde da Mulher e Recém-Nascido	7º semestre	165	-	45	-	-	-
EN780 - Exercício da Enfermagem II	8º semestre	30	-	02	03	-	-
Sub-total da carga horária de PCC, Revisão, EaD, LP, TIC			0	436	148	42	30
Carga Horária total (60 minutos)		2460					

Quadro C – Carga Horária total do Curso

TOTAL	4605 horas	Inclui
Disciplinas de Formação Didático-Pedagógica	1545	200 horas de PCC
Disciplinas de Formação Específica da Licenciatura ou áreas correspondentes	2460	436 horas de PCC 42 horas de LP 30 horas de TICs 148 horas de revisão de conteúdos.
Estágio Curricular Supervisionado	405	
Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento (ATPA)	200	

Síntese dos Projetos Integradores – Propostas para atender as PCCs – 400h

A prática como componente curricular deve ser articulada aos conhecimentos específicos e pedagógicos, distribuídos ao longo do percurso formativo do futuro professor.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Enfermagem de 2001 enfatizam, em seu artigo 14, que a estrutura do Curso de Graduação em Enfermagem deverá assegurar:

- a articulação entre o ensino, pesquisa e extensão/assistência, garantindo um ensino crítico, reflexivo e criativo, que leve a construção do perfil almejado, estimulando a realização de experimentos e/ou de projetos de pesquisa; socializando o conhecimento produzido, levando em conta a evolução epistemológica dos modelos explicativos do processo saúde-doença;
- as atividades teóricas e práticas presentes desde o início do curso, permeando toda a formação do enfermeiro, de forma integrada e interdisciplinar; a visão de educar para a cidadania e a participação plena na sociedade;
- os princípios de autonomia institucional, de flexibilidade, integração estudo/trabalho e pluralidade no currículo;
- a implementação de metodologia no processo ensinar-aprender que estimule o aluno a refletir sobre a realidade social e aprenda a aprender; a definição de estratégias pedagógicas que articulem o saber; o saber fazer e o saber conviver, visando desenvolver o aprender a aprender, o aprender a ser, o aprender a fazer, o aprender a viver juntos e o aprender a conhecer que constitui atributos indispensáveis à formação do



Enfermeiro;

- o estímulo às dinâmicas de trabalho em grupos, por favorecerem a discussão coletiva e as relações interpessoais;
- a valorização das dimensões éticas e humanísticas, desenvolvendo no aluno e no enfermeiro atitudes e valores orientados para a cidadania e para a solidariedade;
- a articulação da Graduação em Enfermagem com a Licenciatura em Enfermagem.

Frente ao exposto, identifica-se a obrigatoriedade da prática como componente curricular pela legislação vigente e a existência desta no curso de Graduação em Enfermagem, tanto bacharelado como licenciatura.

Desta forma, as disciplinas teórico-práticas apresentadas no quadro B desenvolvem suas atividades práticas priorizando a integração teoria-prática, ou seja, o estudante vivencia os conteúdos teóricos no cenário de prática, tanto na formação do bacharel quanto do licenciado.

Os projetos integradores são apresentados nos programas das disciplinas, de modo a contemplar os objetivos, a metodologia e o cenário da prática onde ocorrerão os referidos projetos.

As ementas, objetivos e bibliografia encontram-se de fls. 342 a 370.

Segundo a comissão de especialistas o “conjunto das disciplinas estão de acordo com a Resolução CNE/CES 3, de 7 de novembro de 2001 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem no seu Art. 6º define os conteúdos essenciais para o Curso de Graduação em Enfermagem”.

Curricularização da extensão universitária

A extensão universitária é uma das formas mais importantes de contribuir para a sociedade e aplicar os conhecimentos adquiridos durante a graduação. É uma oportunidade única para os estudantes saírem da teoria e colocarem em prática o que aprenderam, além de desenvolver habilidades importantes para o futuro profissional.

A participação em projetos de extensão nas áreas de esporte e cultura é uma excelente forma de ampliar a rede de contatos e desenvolver habilidades importantes como liderança, trabalho em equipe e resolução de problemas. Essas experiências práticas são altamente valorizadas pelos empregadores e podem ser fundamentais para a construção de uma carreira bem-sucedida.

Além disso, a Pro Reitoria de Extensão, Esporte e Cultura (PROEEC) busca aproximar a universidade da sociedade, permitindo que os estudantes compreendam melhor as necessidades da comunidade e desenvolvam soluções criativas e eficazes. Através de eventos esportivos e culturais, projetos comunitários e iniciativas inovadoras, os estudantes têm a chance de impactar positivamente a sociedade e promover um ambiente mais integrado e enriquecedor.

DISTRIBUIÇÃO POR SEMESTRE

Sem.	Principais Disciplinas	CH Total (h)	Extensão (h)
1º	Anatomia, Bioquímica, Biologia Molecular, Enf. Saúde Coletiva I, Exercício da Enfermagem I	420	0
2º	Fisiologia, Imunologia, Microbiologia, Parasitologia, Enf. Saúde Coletiva II (EN212), Enf. Saúde Mental I, Semiologia I	480	15
3º	Aspectos Fundamentais do Cuidar (EN322), Processo de Enfermagem, Patologia Geral, Farmacologia Básica, Semiologia II	435	30
4º	Cuidar do Adulto e Idoso I (EN405), Enf. Saúde Mental II (EN430), Epidemiologia, Nutrição, Farmacologia Aplicada	495	90
5º	Enf. Psiquiátrica (EN532), Cuidar Adulto/Idoso II (EN505), Enf. no Sistema de Saúde (EN312)	510	105
6º	Práticas de Educação e Saúde, Enf. Atenção Integral à Saúde da Família (EN605)	480	135
7º	Enf. Saúde da Mulher e RN (EN766), Enf. Criança e Adolescente II (EN665), Administração em Enf.	360	60
8º	Estágios Supervisionados (Ensino, Administração, Hospitalar), Exercício da Enfermagem II, Libras	675	15
9º	Tópicos de Administração em Enf. (EN790), Estágio Supervisionado I, TCC I	345	15



10º	Estágio Supervisionado II, TCC II	375	0
TOTAL	—	4.605	465

DISCIPLINAS COM EXTENSÃO CURRICULARIZADA

As disciplinas a seguir possuem atividades de extensão explicitadas em seus programas:

Disciplina	Ext. (h)	Atividades e Vínculos
EN212 – Enf. Saúde Coletiva II	15	Territorialização e perfil sócio-sanitário (VigiON); Educação em saúde em equipamentos sociais (EducaSEX/AMORAS)
EN322 – Cuidar em Enfermagem	30	Dia Mundial da Higienização das Mãos (OMS); Orientação de alta (insulinoterapia, feridas, drenos, estomias)
EN405 – Cuidar Adulto/Idoso I	30	Circuito Saúde – avaliação e promoção da saúde (CareAge); Orientação de alta a pacientes cardiopatas – HC/UNICAMP
EN430 – Enf. Saúde Mental II	—	Cuidado à pessoa com sofrimento psíquico em saúde mental comunitária (PTS, relação terapêutica)
EN532 – Enf. Psiquiátrica	15	Processo de cuidar em Saúde Mental nos CAPS
EN505 – Cuidar Adulto/Idoso II	30	Educação em saúde para pacientes hospitalizados; simulações de atendimento a múltiplas vítimas
EN312 – Organização do SUS	45	Campanha de vacinação (VigiON); Educação em saúde (Cuidabetes/EducaSEX/AMORAS); Controle Social no SUS (VigiON/AMORAS/Cuidabetes)
EN605 – Saúde da Família	135	CS – Desenvolvimento infantil (Aprender para Desenvolver); DEDIC – Estimulação precoce; HC – Brincar terapêutico (Espaço Brincar)
EN766 – Saúde da Mulher e RN	30	Assistência perinatal, neonatal, ginecológica e oncológica mamária/genital
EN665 – Criança e Adolescente II	30	Assistência sistematizada à criança/adolescente com doenças de média e alta complexidade
EN790 – Administração em Enf.	15	Metas Internacionais de Segurança do Paciente (identificação, comunicação, medicamentos, HM, quedas/LP)

PROGRAMAS E PROJETOS DE EXTENSÃO CADASTRADOS NA FACULDADE DE ENFERMAGEM

Tipo	Nome	Responsável(is)	Foco Principal
Programa	Aprender para Desenvolver	Samara Macedo Cordeiro	Vigilância, intervenção precoce e promoção do desenvolvimento infantil (CS São Marcos e região)
Programa	Eficiência Educacional em Primeiros Socorros	Ana Paula Boaventura	Sistema integrado de notificação de emergências e treinamentos em Morungaba-SP
Programa	Girassol – Cuidados Paliativos	Thalyta C. M. Schlosser	Empoderamento de comunidade, famílias e profissionais sobre cuidados paliativos e finitude
Programa	Promoção da Saúde Cardiovascular (CareAge)	R. C. M. Rodrigues; M. E. Cornélio	Cuidado integral a pacientes com DCV no AMFACOR – HC/UNICAMP
Projeto	AMECARDIO	Rafaela B. S. Pedrosa	Assistência de enfermagem a pacientes em lista de espera e pós-transplante cardíaco
Projeto	Espaço Brincar	L. de L. Melo; D. D. Amador	Atividades lúdicas com crianças hospitalizadas e familiares no HC/UNICAMP
Projeto	VigiON	—	Territorialização, vigilância em saúde e campanhas de vacinação nos CS de Campinas
Projeto	EducaSEX e AMORAS	D. S. Kassada; D. de S. Santos	Educação em saúde sexual e íntima para jovens de escolas públicas de Campinas
Projeto	Cuidabetes	—	Manejo e promoção da saúde de pessoas com diabetes nos CS de Campinas
Projeto	Saúde Mental Criança/Adolescente	M. F. Moll; A. P. R. F. Garcia; V. P. Toledo	Fatores de proteção da saúde mental de crianças e adolescentes vítimas de violência (CAPS ij)
Projeto	Controle de Infecções (IRAS)	Caroline L. C. Silva	Sensibilização e capacitação de pacientes e acompanhantes na prevenção de IRAS hospitalares

O projeto de curricularização é detalhado de fls. 384 a 432.

Da Comissão de Especialistas (fls. 575 a 597)

Contextualização do Curso

A criação do Curso de Graduação em Enfermagem da Unicamp teve como motivo central a necessidade de formar profissionais para o Hospital de Clínicas, que estava sendo construído, e para a rede básica de saúde de Campinas, que começava a ser implantada.

A Faculdade foi oficialmente criada em 7 de agosto de 2012, quando o Conselho Universitário (CONSU) aprovou a Deliberação CONSU-A-009/2012. Com isso, o antigo Departamento de Enfermagem passou a



ter as funções de uma Unidade acadêmica. Em 2016, uma nova deliberação (CONSU-A-007/2016) definiu o Regimento Interno da Faculdade, estabelecendo regras para o funcionamento do curso de Graduação.

As principais finalidades da Faculdade de Enfermagem são:

- Formar enfermeiros, bacharéis, licenciados e outros profissionais da saúde, também em cursos de pós-graduação e extensão.
- Produzir e divulgar conhecimento em Enfermagem e saúde por meio de pesquisas científicas.
- Contribuir para soluções de problemas de saúde individuais e coletivos.
- Oferecer serviços à comunidade e colaborar com instituições públicas e privadas, no Brasil e no exterior.
- Apoiar tecnicamente e cientificamente outras Unidades da Universidade e instituições parceiras.

Compromisso Social:

A missão da Faculdade de Enfermagem da Unicamp é formar profissionais, docentes e pesquisadores em todos os níveis da Enfermagem, promovendo ensino e pesquisa de excelência e contribuindo para o desenvolvimento da profissão em âmbito local, nacional e internacional.

Justificativa:

A formação em saúde e Enfermagem deve promover competências que integrem conhecimentos científicos à prática pedagógica, tendo como eixo o processo educativo. Essa articulação entre teoria e prática garante uma base sólida para o exercício profissional, contemplando tanto o domínio técnico quanto o desenvolvimento de habilidades éticas, sociais e pedagógicas."

Objetivos Gerais e Específicos

"O projeto pedagógico do curso de enfermagem da Unicamp, tem como objetivo geral: preparar o profissional para atuar em ações de proteção, recuperação e reabilitação da saúde, utilizando o processo de enfermagem de forma integral, e como educador em saúde..

E como objetivos específicos busca preparar o profissional para atuar com ética, responsabilidade e visão crítica, reconhecendo a saúde como direito e garantindo assistência integral em todos os níveis e fases da vida. Por fim, é esperado que mantenha atualização contínua e cuide de sua própria saúde física e mental.

Ao analisar os objetivos do Projeto Pedagógico, observou-se durante a visita, que o Curso de Enfermagem organiza o desenvolvimento de suas ações acadêmicas, a partir das DCNs, para a formação de Enfermeiros. Tem como campos de estágio as instituições de saúde que prestam assistência ao município. Os estudantes também desenvolvem atividades em Laboratórios de Ensino Simulado possibilitando o desenvolvimento de diferentes atividades necessárias para a formação do enfermeiro..

Ao analisar os objetivos gerais do Projeto Pedagógico do Curso, observa-se que, nas reuniões realizadas com os envolvidos, ficou evidente que tais objetivos estão sendo atendidos. O curso demonstra condições concretas de formar enfermeiros críticos, reflexivos e empreendedores, capazes de atuar com competência técnica, habilidades de gestão e sensibilidade humana. responder de maneira eficaz às demandas e necessidades do mercado de trabalho no país, contribuindo para o fortalecimento da saúde e da cidadania."

Currículo pleno oferecido

"A atual grade horária oferecida pelo curso de Enfermagem distribui suas disciplinas em cinco anos (10 semestres). O Projeto Pedagógico, atual apresenta a relação de disciplinas com suas ementas, os conteúdos disciplinares e a bibliografia básica e complementar. Observa-se que os programas disciplinares indicam literatura para a formação profissional. Foi possível identificar que as bibliografias básicas e complementares apresentam diversas referências que necessitam ser atualizadas e em visita in loco a proposta de atualização foi sugerida. Constatamos que a biblioteca oferece a literatura indicada, constatamos também a disponibilização da plataforma digital que garante a atualização das referências. O conjunto das disciplinas estão de acordo com a Resolução CNE/CES N° 3, de 7 de novembro de 2001 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem no seu Art. 6º define os conteúdos essenciais para o Curso de Graduação em Enfermagem, estes devem contemplar:

Quanto a carga horária do curso, sua distribuição, tempo de integralização atendem às Legislações vigentes."

Matriz Curricular implantada

"A matriz curricular do Curso de Enfermagem da Unicamp na sua organização vigente está coerente com as DCNs nacionais para a formação de Enfermeiros, as competências e habilidades gerais que o curso deve oferecer para a formação profissional, encontra-se alinhada às competências esperadas e atende o perfil do enfermeiro egresso por esta Instituição. Foi observado que a proposta curricular possibilita ao estudante atingir as competências esperadas para a formação do enfermeiro.

Utilização de Metodologias de Aprendizagem centradas no estudante

"Embora o Projeto Pedagógico não evidencie de forma clara a descrição da utilização de aprendizagens centrada no estudante, visando a autonomia do aprendiz e o desenvolvimento do perfil crítico e reflexivo do estudante e também descrevem apenas algumas das experiências de aprendizagem diversificadas em variados cenários, pode-se observar durante a visita, nas reuniões com o corpo docente, coordenadores e corpo discente, que o Curso de Enfermagem da Unicamp contempla de forma efetiva estas atividades e que estas deverão estar inseridas no Projeto Pedagógico do Curso.

Ao avaliar a matriz curricular implantada a mesma encontra-se alinhada às competências esperadas e atende o perfil do enfermeiro egresso por esta Instituição de acordo com a DCN e Resoluções vigentes.



As metodologias atendem às disciplinas ministradas, e permitem capacitar o enfermeiro em diferentes áreas de atuação. Para aplicação de metodologias ativas no ensino utilizam Laboratórios de Simulação Interdisciplinar, discussão de casos e nos foi informado que há uma boa parceria estabelecida entre Prefeitura e Unicamp.

Na licenciatura, os discentes têm oportunidade de participar de atividades em laboratórios de ensino e de acompanhar reuniões e supervisão de estágios em escolas profissionalizantes, desenvolvendo atividades didáticas, juntamente com os professores dessas escolas..

Foi realizada uma visita in loco em unidades de saúde e de educação utilizada para a prática e os docentes destacaram que os desafios são constantes para a integração entre o ensino e os serviços de saúde e de educação. Eles apontaram a necessidade da presença do docente nos cenários dessas práticas, facilitando a articulação entre os pares e a proatividade do discente.”

Projeto de Estágio supervisionado

“O curso de Enfermagem da Unicamp oferece na sua grade atual o Estágio Curricular Supervisionado que é disciplina obrigatória do curso e requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Enfermagem. O desenvolvimento do estágio tem a participação de docentes e enfermeiros de serviços desde seu planejamento, desenvolvimento, supervisão e avaliação. Os responsáveis pela supervisão são vinculados institucionalmente e formalizados de acordo com as DCNs e legislação pertinente.

Estágio supervisionado do curso de Bacharelado em Enfermagem está programado para ser realizado em ambiente real de trabalho, sob a supervisão e avaliação sistemática da coordenação do curso, do docente Enfermeiro e o auxílio do enfermeiro da Unidade na Atenção Básica e Área Hospitalar, visando contribuir para o desenvolvimento do estudante nos aspectos técnicos e científicos.

O estágio supervisionado está descrito por meio dos programas de ensino de cada área que o estudante realiza a atividade. Para o desenvolvimento do estágio supervisionado na Unicamp os campos de prática são escolhidos considerando seu potencial de aprendizagem para os estudantes.

O estágio Supervisionado é realizado mediante Termo de Responsabilidade do Estágio, entre Estudante, Instituição de Ensino Superior e Local de Estágio, de acordo com a Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, define o estágio como o ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo do estudante. O estágio integra o itinerário formativo do educando e faz parte do projeto pedagógico do curso de Enfermagem.

No que se refere ao Curso de Licenciatura em Enfermagem, o curriculum fundamenta-se na Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002, Resolução CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002, Deliberação CEE Nº 78/2008, Deliberação CEE Nº 87/2009, Deliberação CEE Nº 111/2012 e Deliberação CEE Nº 126/2014.

O projeto de estágio para os cursos de licenciatura, organizado pela Faculdade de Educação, contempla tanto os estágios gerais quanto os específicos de cada área. No caso da Licenciatura em Enfermagem, busca-se inserir o estudante em ambientes de trabalho que favoreçam sua formação docente, proporcionando contato com experiências e práticas profissionais.

Os programas de estágio apresentados no item 4 são organizados por projetos temáticos que abrangem diferentes dimensões do processo educativo em variados espaços de ensino e aprendizagem. Os estudantes devem elaborar um plano de ação para sua inserção em escolas de nível técnico, acompanhados pelo professor orientador da universidade e pelo supervisor da escola. A universidade, por meio de convênios e arranjos institucionais, busca estreitar a relação com esses campos, criando mecanismos de regulação, acompanhamento e gestão acadêmica. A Faculdade de Educação da UNICAMP, junto à Comissão de Estágios e à DEAPE, oferece apoio sistemático a essas iniciativas, fortalecidas por programas e experiências bem-sucedidas como o PIBID da CAPES.”

Trabalho de Conclusão de Curso

“No Projeto Pedagógico vigente do Curso de Enfermagem da Unicamp o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é componente obrigatório da estrutura curricular para a conclusão do curso. Os estudantes são orientados pelos professores do quadro de docentes da Faculdade. Os TCCs são desenvolvidos pelos estudantes e respectivos orientadores no contra-período do estágio.

O curso de Bacharelado em Enfermagem da Unicamp prevê a entrega de um trabalho de conclusão de curso com as etapas do método científico e atendem as Diretrizes Curriculares Nacionais específicas.”

Número de Vagas, Turnos de Funcionamento, Regime de Matrícula, Formas de Ingresso, Taxas de Continuação no tempo mínimo e máximo de integralização e Formas de Acompanhamento dos Egressos

“São disponibilizadas no total, 48 vagas para todos os semestres ou período.

O total de vagas, discriminado pela forma de ingresso contempla: 30 vagas pelo Vestibular COMVEST por ampla Concorrência;• 02 vagas para pessoas com Deficiência por Vestibular COMVEST;• 04 vagas pelo Provão Paulista;• 04 vagas pelo ENEM;• 04 vagas pelo Programa de Formação Interdisciplinar Superior (PROFIS), ingresso;• exclusivo para estudantes de escolas públicas, classificados para ingresso pelo ENEM;• 02 vagas pelo Vestibular Indígena;• 02 vagas pelo Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), programa oficial do governo brasileiro que oferece a estudantes estrangeiros vagas gratuitas para graduação completa no Brasil.

Não há ingresso específico para Bacharelado ou Licenciatura, cabendo ao estudante a escolha entre cursar apenas o Bacharelado ou cursar Bacharelado e Licenciatura concomitantemente.

Funciona em período integral. Para concluir o Bacharelado em Enfermagem, o estudante precisa integralizar 270 créditos, que equivalem a 4050 horas de atividades supervisionadas e 420 horas de



atividades de extensão. A proposta curricular prevê a conclusão em 10 semestres, mas o prazo máximo permitido para integralização é de 16 semestres.

O Curso de Licenciatura em Enfermagem ocorre concomitantemente ao Bacharelado em Enfermagem.

Curso de Enfermagem da Unicamp prevê que o ingresso ocorre inicialmente na modalidade Licenciatura, mas a partir do terceiro semestre o estudante pode optar por migrar para o Bacharelado. Mesmo aqueles que escolhem concluir apenas o Bacharelado têm acesso a conteúdo voltados para Educação e Ensino, já que o Projeto Pedagógico integra as duas modalidades, garantindo assim a formação completa para atuação tanto na assistência em saúde quanto na docência.

Na Licenciatura em Enfermagem, em 2017, a Deliberação CEE 154/2017 fixou carga mínima de 3200 horas, distribuídas entre revisão de conteúdos, conhecimentos específicos e pedagógicos, garantindo sólida formação docente para a Educação Básica.”

Sistema de avaliação do curso

“O curso de Bacharelado em Enfermagem prevê um sistema de avaliação do curso, incluindo processos de avaliação docente. Os próprios docentes assinalaram que a avaliação docente da Unicamp é muito criteriosa e o processo bastante consolidado.

Os estudantes têm sido convidados a realizar avaliação das disciplinas, por meio da aplicação de um questionário e tem por objetivo contemplar a avaliação do ensino, dos docentes com vistas à revisão e ajustes da proposta curricular. A avaliação discente ainda é realizada vinculada às disciplinas e de modo isolado.

As avaliações realizadas nas disciplinas são por meio de atividades teóricas e práticas, contemplando as dimensões cognitivas, psicomotora e afetiva/afetiva, utilizam-se de avaliações formativa e somativa com feedback aos estudantes compondo uma avaliação programática.

Na Licenciatura as formas de avaliação são: Frequência (assiduidade e pontualidade) e participação; Realização das atividades solicitadas durante o semestre: produções escritas, relatos de estágio, planos de ação, relatório final de estágio, Autoavaliação por escrito entre outras.”

Atendimento a: BNCC; Currículo Paulista; Deliberação CEE nº 154/2017

“Curso de Licenciatura atende às exigências do BNCC, Currículo Paulista e Deliberação CEE n. 154/2017, analisando criteriosamente a Planilha de Análise dos Processos e os quadros (Anexo 10 e 11 da Deliberação CEE n. 17/2019 identifica-se conteúdos pertinentes à formação do enfermeiro licenciado, com carga horária adequada, com Projeto de Estágio e Projeto de Prática Profissional como componente curricular atendendo às normas vigentes. Com relação às referências bibliográficas elas apresentam-se pertinentes, entretanto há necessidade de se fazer uma revisão bibliográfica para inserir no projeto Político Pedagógico as bibliografias mais atualizadas. Foi colocado, na reunião com os coordenadores do Curso, Direção e na reunião com o corpo docente e NDE da necessidade e importância em manter bibliografias das disciplinas atualizadas.”

Atividades relevantes promovidas pelo curso

“Segundo os documentos apresentados pelo Curso de Bacharelado em Enfermagem e a constatação nas reuniões com o corpo docente e discente, foi possível observarmos a sinalização do desenvolvimento de atividades de extensão voltadas à comunidade, vinculadas ao curso de enfermagem e a participação de atividades com outros cursos com enfoque na interdisciplinaridade.

No Curso de Licenciatura, as disciplinas específicas da educação em enfermagem se sobressaem pela prática pedagógica de excelência, promovendo experiência significativa para os estudantes. Proporcionam-se fundamentação e vivência de estratégias participativas e inovadoras de ensino.”

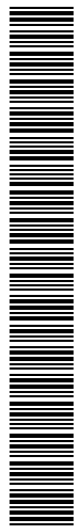
Avaliações institucionais

“Com relação às avaliações, vale a pena salientar que estas tem sido presenciais, bastante decisivas em situações mais rápidas, que reúnem as pessoas envolvidas na legislação da licenciatura realizada em 2015, com iniciativa do Núcleo Docente Estruturante (NDE), com portaria da Reitoria, cronograma de dois dias por ano, em maio e outubro, para avaliar o Projeto Político Pedagógico do Curso e para avaliar funcionários, enfermeiro do laboratório, alunos, docentes ligados à graduação. Quanto a avaliação institucional, esta ocorre a cada cinco anos, onde a Reitoria institui uma comissão CGU Coordenadoria Geral da Unidade, composta pelo Vice- Reitor. Possuem um Instrumento de avaliação EDUDAT, com perguntas norteadoras para avaliarem a Universidade, uma Comissão Externa de pessoas de fora da UNICAMP. E também uma Comissão interna que também avalia as questões do Ensino. O Núcleo Docente Estruturante, integra a Comissão interna e ajuda a fazer esta avaliação. Sendo que o último relatório apresentado pelo NDE desta avaliação, foi muito bem avaliado junto ao Conselho Universitário.”

Relação do Curso com a Gestão Municipal de Saúde

“O Curso de Enfermagem da Unicamp possui importante relação com a Gestão Municipal de Saúde e com a Educação, o que permite aos alunos espaços importantes tanto na Estratégia de Saúde da Família, atividades hospitalares e escolares favorecendo aos alunos a possibilidade de aprendizado em todos os níveis de atenção primária, secundária e terciária junto ao SUS. Conforme o relatório apresentado há um histórico da Instituição que permite constatar uma próxima relação com o Município. Possuem um bom envolvimento na área da saúde; participam da gestão das Unidades de Saúde em parceria com a Rede SUS, propiciando aos alunos a atuação como campos de práticas. Além de contribuição como os hospitais oferecendo treinamentos a funcionários. O curso de enfermagem está envolvido neste cenário.”

Recursos Educacionais de Tecnologia da Informação



“Sim, o curso de Enfermagem da Unicamp conta com recursos educacionais de tecnologia e informação que beneficiam o processo ensino aprendizagem e promovem o domínio dessas tecnologias para a promoção da autonomia na busca por educação continuada. Observou-se em todo o campus acesso a rede WIFI; salas de aula providas de computador, lousa e mesas digitais o que favorece as oportunidades de interatividade no processo ensino aprendizagem.

Os Laboratórios de enfermagem contam também com manequins de com alta tecnologia.”

Perfil dos Docentes Coordenador do Curso

“Todos os docentes que atuam no Curso de Enfermagem da Unicamp têm, no mínimo, a Titulação acadêmica de doutorado, sendo 27 (61,4%) são professores doutores, 12 (27,3%) são professores associados, livres docentes e 05 (11,3%) são professores titulares. As disciplinas específicas (profissionalizantes) do curso de enfermagem são ministradas por professores (as) enfermeiros (as).

O perfil do docente coordenador do curso de enfermagem da Unicamp é um professor com doutorado, que costuma participar de atividades de atualização contínua, possui um bom relacionamento com os alunos do curso, docentes e administração superior. É um docente que busca atualizar-se constantemente.”

Plano de Carreira instituído

“O Plano de Carreira Instituído na Universidade é denominado PAEC. Contempla uma progressão a cada 3 anos. Em termos salariais, progressão horizontal 5% do salário. E Progressão Vertical 20% do Salário.

Existe avaliação de desempenho, anual realizada pela chefia para avaliação da Progressão.”

Núcleo Docente Estruturante (NDE)

“O Núcleo Docente Estruturante (NDE) é atuante, tem reuniões sistemáticas, discutem a parte pedagógica do curso, e após orientações pelas especialistas, o próximo passo será a atualização do Projeto Pedagógico, atualização das referências bibliográficas, e a inserção da Avaliação da Curricularização da Extensão.”

Infraestrutura Física

“A estrutura física foi toda avaliada durante a visita: é ampla, porém com números insuficientes de salas de aula disponíveis ao curso, com disponibilidade de multimídias, são arejadas, com iluminação adequada e climatizadas.

Houve a solicitação do corpo docente e de funcionários sobre a importância em se ampliar o espaço físico, conjunto de salas de aulas com capacidade menores de número de alunos, para permitir a implementação de metodologias ativas, com grupos menores de alunos, ampliação do espaço físico dos laboratórios, e de ampliação de salas de trabalho do pessoal administrativo, uma vez que a faculdade tem crescido depois que se tomou faculdade.

Há espaços para os alunos se alimentarem, e espaços para descanso quando necessário, nos intervalos das atividades previstas. Dispõem de recursos necessários para o ensino de graduação para o curso de Enfermagem, possui acessibilidade, possui amplos laboratórios de habilidades práticas, com enfermeira contratada como técnica do laboratório. Possui ampla biblioteca com acervo adequado para o ensino de enfermagem. Com profissionais técnicos capacitados para atender aos laboratórios além de estudantes voluntários e bolsistas que colaboram na organização e funcionamento deles. Possui acesso livre aos alunos pelo site da Unicamp aos livros que constam na biblioteca.

Docentes e discentes têm acesso a Internet VPN e podem acessar as publicações científicas completas de forma rápida, segura e facilitada em equipamentos na Unicamp e fora dela.

A Escola dispõe de infraestrutura composta por laboratórios de enfermagem, laboratório de simulação, de informática. Todas as salas dos docentes estão equipadas com computadores conectados à rede e as salas de aulas contam com pontos fixos e rede wireless.”

Biblioteca

“A biblioteca é ampla, arejada, climatizada, com iluminação adequada, cadeiras confortáveis e mesas em número suficiente para atender aos alunos. Conta com uma bibliotecária e três funcionários para atender aos serviços. Permanece aberta no período diurno e vespertino para que os alunos possam consultar livros e utilizar os espaços para estudo. Possui salas para estudo em grupo, climatizadas, com cadeiras e mesas para que os alunos possam desenvolver atividades em grupo. A biblioteca também disponibiliza espaços com bancadas, com tomadas, cadeiras com isolamento nas laterais para que o estudante possa desenvolver atividades individuais de estudo com o seu microcomputador. Além de disponibilizar 10 microcomputadores, na biblioteca, com acesso à internet para consulta dos alunos. Possui acervo adequado para o ensino de graduação em enfermagem. Os alunos do curso de enfermagem também têm acesso aos livros dos cursos de medicina, odontologia, farmácia entre outros da área da saúde e livros e revistas científicas de portais eletrônicos de livre acesso e a alguns portais pagos pela instituição.

A biblioteca apresenta acervo suficiente para o ensino de enfermagem, porém, novos títulos específicos de referências teóricas que estruturam a ciência de Enfermagem devem rotineiramente ser integrados ao acervo. Constatamos a biblioteca oferece a literatura indicada, disponibiliza a plataforma digital que garante a atualização das referências. Quanto às referências foram orientados a aquisição de livros base recentes. Há profissionais técnicos capacitados para atender aos laboratórios além de funcionários que colaboram na organização e funcionamento dos mesmos.”

Funcionários Administrativos

“Funcionários administrativos estão em dimensionamento Inadequado conforme informações colhidas com os próprios funcionários que estavam presentes na reunião e possuem formação adequada para



desenvolverem os serviços junto a Unicamp. Vários funcionários trabalham na instituição há muitos anos, e referiram gostar do trabalho desenvolvido na Instituição.”

Recomendações realizadas no último Parecer

- 1. Relatório Síntese – Anexo 9 da Deliberação CEE 171/2019:**
- 2. Proposta Pedagógica – Anexo 8, Inciso I da Deliberação CEE 171/2019:**
- 3. Relatório contendo outras atividades relevantes – Anexo 8, Inciso II da Deliberação CEE 171/2019:**
- 4. Curricularização da Extensão – Deliberação CEE 216/2023:**

Manifestação final dos especialistas

*“Após criteriosa análise documental, das informações coletadas durante a visita in loco a instituição e com base na Portaria CEE/GP nº 201/2020, Deliberação CEE nº 183/2020, Deliberação CEE 171/2019, Deliberação 145/2016, Deliberação CEE nº 97/2010 entre outros documentos, **somos de parecer favorável ao reconhecimento do curso de enfermagem da Universidade de Campinas/SP.***

Após análise dos documentos e visita in loco, pode-se observar que as solicitações feitas à Unicamp foram atendidas.”

O curso atende às demandas do Município de Campinas e região, possui corpo docente qualificado para desenvolver as atividades teóricas e práticas, os alunos consideram que estão sendo adequadamente preparados e estão satisfeitos com o ensino recebido.

Com o objetivo de atender demandas apontadas, recomenda-se:

- **Revisão do PPC (Projeto Político Pedagógico):**
 - Atender a Resolução No. 7 de dezembro de 2018 que dispõe sobre a curricularização da extensão (como é realizada a Avaliação das atividades).
 - Atualizar as referências bibliográficas do ementário do Projeto Pedagógico do Curso
 - **Instituir processo de avaliação discente processual interdisciplinar.”**

Considerações Finais

A proposta do curso atende às legislações pertinentes, apresenta infraestrutura adequada, corpo docente altamente qualificado e plano de curso adequado às legislações atuais na área da saúde bem como nas mudanças tecnológicas. O Plano de curso apresentado atendeu de forma satisfatória, conforme análise criteriosa dos especialistas as inúmeras solicitações feitas na ocasião da renovação de reconhecimento anterior. Apresentou um projeto bastante diversificado de atividades de extensão cumprindo a Deliberação CEE 216/2023.

A partir da análise da documentação e da visita in loco a comissão de Especialistas emitiu parecer favorável à Renovação de Reconhecimento.

Nesses termos, esta Relatora manifesta-se favorável à Renovação de Reconhecimento do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem, da UNICAMP, em conformidade com os termos expressos na Deliberação CEE 171/2019 e Deliberação CEE 111/2012, alterada pela Deliberação CEE 154/2017, estas últimas vigentes à data da submissão do pedido de renovação.

Em Anexo encontra-se a Planilha de atendimento à Deliberação CEE 154/2017, que alterou a Deliberação CEE 111/2012, com as atualizações de Bibliografia de Legislação Educacional.

2. CONCLUSÃO

2.1 Aprova-se, com fundamento nas Deliberações CEE 171/2019 e 154/2017, o pedido de Renovação do Reconhecimento do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem, oferecido pela Faculdade de Enfermagem, da Universidade Estadual de Campinas, pelo prazo de cinco anos.

2.2 A presente Renovação de Reconhecimento tornar-se-á efetiva por ato próprio deste Conselho, após homologação deste Parecer pela Secretaria de Estado da Educação.

São Paulo, 30 de março de 2026.

a) Cons^a Rose Neubauer
Relatora



3. DECISÃO DA CÂMARA

A CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR adota, como seu Parecer, o Voto da Relatora.

Presentes os Conselheiros Anderson Ribeiro Correia, Cláudio Mansur Salomão, Eliana Martorano Amaral, Guiomar Namó de Mello, Hubert Alquéres, Juliana Velho, Mário Vedovello Filho, Nina Beatriz Stocco Ranieri, Roque Theophilo Junior e Rose Neubauer.

Reunião por videoconferência, 01 de abril de 2026.

a) Cons. Hubert Alquéres

Presidente da Câmara de Educação Superior

DELIBERAÇÃO PLENÁRIA

O CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO toma conhecimento, da decisão da Câmara de Educação Superior, nos termos do Voto da Relatora.

Sala "Carlos Pasquale", em 08 de abril de 2026.

Consª Maria Helena Guimarães de Castro
Presidente

Parecer CEE 112/2026	-	Publicado no DOESP em 09/04/2026	-	Seção I	-	Página 22
Res. Seduc de 10/04/2026	-	Publicada no DOESP em 13/04/2026	-	Seção I	-	Página 27
Portaria CEE-GP 125/2026	-	Publicada no DOESP em 15/04/2026	-	Seção I	-	Página 23




CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

 PRAÇA DA REPÚBLICA, 53 – CENTRO/SP - CEP: 01045-903
 FONE: 2075-4500

PLANILHA PARA ANÁLISE DE PROCESSOS
**AUTORIZAÇÃO, RECONHECIMENTO E RENOVAÇÃO DE RECONHECIMENTO DE CURSOS DE LICENCIATURA
 (DELIBERAÇÃO CEE Nº 111/2012)
 DIRETRIZES CURRICULARES COMPLEMENTARES PARA A FORMAÇÃO DE DOCENTES PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA**

PROCESSO CEE Nº:			
INSTITUIÇÃO DE ENSINO: Unicamp – Universidade Estadual de Campinas			
CURSO: Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem	TURNO/CARGA	HORÁRIA	Diurno: 4875 horas- relógio
	TOTAL: 4875		Noturno: horas-relógio
ASSUNTO: Renovação de Reconhecimento do Curso			

1 - FORMAÇÃO DE DOCENTES PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO

CAPÍTULO II - DELIBERAÇÃO CEE-SP Nº 111/2012		PROPOSTA DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO	
		DISCIPLINAS (onde o conteúdo é trabalhado)	Indicar somente os textos principais da Bibliografia Básica onde o conteúdo é contemplado
Art. 8º A carga total dos cursos de formação de que trata este capítulo terá no mínimo 3.200 (três mil e duzentas) horas, assim distribuídas:			
I – 200 (duzentas) horas dedicadas a revisão de conteúdos curriculares, Língua Portuguesa e Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs).	Art. 9º As 200 (duzentas) horas do Inciso I do Artigo 8º incluirão:	II – revisão dos conteúdos do ensino fundamental e médio da disciplina ou área que serão objeto de ensino do futuro docente;	BA133 - Anatomia Humana Básica II • Gewandsznajder F. Ciências: o corpo humano. São Paulo: Ática, 4 ed, 2010. • Bizzo N. Novas bases da biologia: seres vivos e comunidades. São Paulo: Ática, v.2, ensino médio, 1 ed, 2011. BB123 - Bioquímica Básica I • Usberco J, Salvador E. Química essencial. São Paulo: Saraiva, 4 ed, 2012. BB125 - Fundamentos de Biologia Molecular • Bruce A. Fundamentos da biologia celular. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2006. BH125 - Citologia e Histologia • Bruce A. Fundamentos da biologia
			EN230 - Enfermagem em Saúde Mental I EN232 - Elementos das Ciências Sociais Aplicados à Enfermagem EN445 - Nutrição e Cuidado Nutricional EN280 - Exercício da Enfermagem I EN312 - Enfermagem na Organização do Sistema de Saúde



			<p>EN322 - Aspectos Fundamentais do Processo de Cuidar em Enfermagem</p> <p>EN433 - Antropologia Filosófica, Educação Enfermagem EN780 - Exercício da Enfermagem II</p> <p>EN214 – Epidemiologia e Saúde</p> <p>MD311 - Genética para Enfermagem I ME176 - Introdução à Estatística Vital</p>	<p>celular. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2006.</p> <p>BH127 - Embriologia</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bruce A. Fundamentos da biologia celular. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2006. <p>BI214 - Imunologia</p> <ul style="list-style-type: none"> • Amabis JM, Martho GR. Biologia dos organismos. São Paulo: Moderna, 2005 <p>BF284 - Fisiologia e Biofísica Humana Básica</p> <ul style="list-style-type: none"> • Schimidt N, Nielsem K. Fisiologia animal. São Paulo: Edgard Blucher, 1986. <p>BM215 - Microbiologia</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bruce A. Fundamentos da biologia celular. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2006 <p>BP323 - Parasitologia Médica II</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bruce A. Fundamentos da biologia celular. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2006. <p>EN112 - Enfermagem em Saúde Coletiva I</p> <ul style="list-style-type: none"> • Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Especializada à Saúde. Departamento de Regulação Assistencial e Controle. Curso I : Regulação de Sistemas de Saúde do SUS : módulo4 : Redes de Atenção à Saúde [recurso eletrônico]. 1. ed. rev. Brasília : Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/modulo4_regulacao_redes_atencao_saude.pdf <p>EN230 - Enfermagem em Saúde Mental I</p> <ul style="list-style-type: none"> • Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. DAPES.Coordenação-Geral de Saúde Mental, Álcool e outras drogas. Saúde mental no SUS: as novas fronteiras da reforma psiquiátrica. Relatório de Gestão 2007-2010. Ministério da Saúde: Brasília. Janeiro de 2011, 106p.
				<p>EN232 - Elementos das Ciências Sociais Aplicados à Enfermagem</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bridi MA, Araujo SM, Motim BL. Ensinar



CEESP/IC202600122



				<p>e Aprender Sociologia. São Paulo: Contexto, 2009.</p> <ul style="list-style-type: none"> Gonçalves, Danyelle Nilin (Org.). Sociologia e juventude no ensino médio: formação, Pibid e outras experiências. Campinas: Pontes Editores, 2013. <p>EN445 Nutrição e Cuidado Nutricional</p> <ul style="list-style-type: none"> Galisa MS; Esperança LMB; SÁ NG. Nutrição: Conceitos e aplicações. São Paulo: M. Books do Brasil Editora LTDA., 2008. <p>EN280 - Exercício da Enfermagem I</p> <ul style="list-style-type: none"> Brasil, Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: Saúde. Brasília: MEC/SEF, 1997. <p>EN312 - Enfermagem na Organização do Sistema de Saúde</p> <ul style="list-style-type: none"> Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. Departamento de Ações Estratégicas de Epidemiologia e Vigilância em Saúde e Ambiente. Guia de vigilância em saúde : volume 1 [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente, Departamento de Ações Estratégicas de Epidemiologia e Vigilância em Saúde e Ambiente. – 6. ed. rev. – Brasília : Ministério da Saúde, 2024. Disponível <p>em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_vigilancia_saude_6edrev_v1.pdf</p> <ul style="list-style-type: none"> Fleury, S e Ouverney, AM. Política de Saúde: uma política social In: Giovanella L, Escorel S, Lobato LVC, et al. (org.) Políticas e Sistema de Saúde no Brasil. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2008. <p>EN322 - Aspectos Fundamentais do Processo de Cuidar em Enfermagem</p> <ul style="list-style-type: none"> Iezzi G. Fundamentos da matemática elementar. São Paulo: Editora Atual, v.6, 8 ed, 2013. Giovani AMM. Enfermagem: Cálculo e administração de medicamentos. São Paulo: Scrinium, 12ª ed, 2006. <ul style="list-style-type: none"> Barroso WKS, Rodrigues CIS, Bortolotto LA,
--	--	--	--	---



CEESP/IC202600122



				<p>et al. Diretrizes Brasileiras de Hipertensão Arterial – 2020. Arq Bras Cardiol. 2021;116(3):516-658. DOI: https://doi.org/10.36660/abc.20201238.</p> <p>EN433 - Antropologia Filosófica, Educação Enfermagem</p> <ul style="list-style-type: none"> Bauman, Zygmunt. A ética é possível num mundo de consumidores?. Rio de Janeiro, RJ; Zahar, 2011. 272 p. ISBN 9788537807163 (broch.). Barros, NF. Terapias Alternativas e Complementares: a nova parada do itinerário terapêutico. In: Nakamura, E; Martin, D; Santos, JFQ. (org). Antropologia para enfermagem. São Paulo: Manole; 2009. Cap 6 <p>EN780 - Exercício da Enfermagem II</p> <ul style="list-style-type: none"> Brasil, Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: Saúde. Brasília: MEC/SEF, 1997. Ribeiro LRC. Aprendizagem baseada em problemas (PBL): uma experiência no ensino superior. São Carlos: UFSCar; 2008. <p>EN214 - Epidemiologia e Saúde</p> <ul style="list-style-type: none"> Medronho RA; Bloch KV; Luis RR; Werneck G. Epidemiologia. Atheneu, Rio de Janeiro, 2009. BRASIL. Ministério da Saúde. PORTARIA GM/MS No 420, DE 2 DE MARÇO DE 2022. Lista Nacional de Notificação Compulsória de doenças, agravos e eventos de saúde pública nos serviços de saúde públicos e privados em todo o território nacional, disponível em: https://www.saude.sp.gov.br/cve-centro-de-vigilancia-epidemiologica-prof.-alexandre-vranjac/publicacoes/lista-nacional-doencas-de-notificacao-compulsoria. <p>MD311 - Genética para Enfermagem I</p> <ul style="list-style-type: none"> Snustad D.P., Simmons MJ. Fundamentos da genética. Editora Guanabara Koogan S.A., Rio de Janeiro, 2013. <p>ME176 - Introdução à Estatística Vital</p> <ul style="list-style-type: none"> Iezzi G. Fundamentos da matemática elementar. São Paulo: Editora Atual,
--	--	--	--	--



CEESP/IC202600122



		II - estudos da Língua Portuguesa falada e escrita, da leitura, produção e utilização de diferentes gêneros de textos bem como a	EN322 - Aspectos Fundamentais do Processo de Cuidar em Enfermagem EN390 - Metodologia de Pesquisa I	v.5, 8 ed, 2013. EN322 - Aspectos Fundamentais do Processo de Cuidar em Enfermagem
		prática de registro e comunicação, dominando a norma culta a ser praticada na escola;	EN490 - Metodologia de Pesquisa II	<ul style="list-style-type: none"> • Cianciarullo TI, Gulada DMR, Melleiro MM, Anabuki MH. Sistema de Assistência de Enfermagem: evolução e tendência. São Paulo: Ícone, 2001. • COFEn. Guia de recomendações para registro de enfermagem no prontuário do paciente e outros documentos de enfermagem. COFEn, 2017. EN390 e EN490 - Metodologia de pesquisa I e II <ul style="list-style-type: none"> • Therezo GP. Redação e leitura para universitários. Campinas: Editora Alínea, 2014. • Garcez LHC. Técnica de redação: o que é preciso saber para escrever bem. 3 ed. São Paulo: Martins Editora, 2012.
		III - utilização das Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs) como recurso pedagógico e para o desenvolvimento pessoal e profissional.	EN304 - Informática em Saúde	EN304 - Informática em Saúde <ul style="list-style-type: none"> • Colicchio TK. Introdução à informática em saúde: fundamentos, aplicações e lições aprendidas com a informatização do sistema de saúde americano. Porto Alegre, RS: Artmed; 2020. Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9786581335083. • CASTRO, Talita Candida; GONÇALVES, Luciana Schleder. Informática em Enfermagem: uma proposta de curso baseada em competências. 2016. Moreira AFB; Alves MPCE, Garcia RL. (org) Currículo, cotidiano e tecnologias. Araraquara- SP; Junqueira & Marin, 2006. Prado C (Org). • Prado C (Org). Práticas Pedagógicas em Enfermagem: processo de reconstrução permanente. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2013. • DAL SASSO, Grace TM. Tecnologia em informática: uma contribuição à disciplina de enfermagem. Cogitare Enfermagem, v. 2, n. 2, 2016.

1 - FORMAÇÃO DE DOCENTES PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO

CAPÍTULO II - DELIBERAÇÃO CEE-SP Nº 111/2012	PROPOSTA DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO	
	DISCIPLINAS (onde o conteúdo é trabalhado)	Indicar somente os textos principais da Bibliografia Básica onde o conteúdo é contemplado



<p>Art.10 - A formação didático-pedagógica compreende um corpo de conhecimentos e conteúdos educacionais – pedagógicos, didáticos e de fundamentos da educação – com o objetivo de garantir aos futuros professores dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, as competências especificamente voltadas para a prática da docência e da gestão do ensino:</p>	<p>I - conhecimentos de História da Educação, Sociologia da Educação e Filosofia da Educação que fundamentam as ideias e as práticas pedagógicas;</p>	<p>EL212 - Política Educacional: Organização da Educação Brasileira</p>	<p>EL212 - Política Educacional: Organização da Educação Brasileira</p> <ul style="list-style-type: none"> Fávero O. A educação nas constituições brasileiras. Campinas. Autores Associados, 1996. Saviani, Dermeval. Sistema Nacional de Educação e Plano Nacional de Educação. Campinas. Autores Associados, 2014.
	<p>II - conhecimentos de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem para compreensão das características do desenvolvimento cognitivo, social, afetivo e físico da população dessa faixa etária;</p>	<p>EI 511 - Psicologia e Educação EN232- Elementos das Ciências Sociais Aplicados à Enfermagem MD212 - Psicologia Geral e do Desenvolvimento</p>	<p>EL511 - Psicologia e Educação</p> <ul style="list-style-type: none"> Azzi RG. & Sadalla AMF. Psicologia e formação docente: desafios e conversas; São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. Placco VVMNS. (Org.) Psicologia & Educação – Revendo Contribuições. 4ª ed. São Paulo: Edduc – Editora da PUV, SP, 2007. <p>EN232 - Elementos das Ciências Sociais Aplicados à Enfermagem</p> <ul style="list-style-type: none"> Campos EA. Aspectos Socioculturais e as práticas de cuidados em Enfermagem. In Nakamura E, Martin D, Santos JSFQ. Antropologia para enfermagem. Manole: 2009. P59-81. Minayo MCS. A produção de conhecimentos na Interface entre Ciências Sociais e Humanas e a Saúde Coletiva. Saúde Soc.2013; 22(1): 21-31. Navarro MBM. A crise ambiental e a dimensão cognitiva e analítica da biossegurança. Ciências – Cognição 2016; 21(1): 023-32. <p>MD212 - Psicologia Geral e do Desenvolvimento</p> <ul style="list-style-type: none"> Ciasca SM; Rodrigues SD; Salgado-Azoni CA; Lima RF. Transtornos de Aprendizagem: neurociência e interdisciplinaridade. Ribeirão Preto: Book Toy, 2015. Fuentes D; Malloy-Diniz LF; Camargo CHP; Cosenza RM e cols. Neuropsicologia: teoria e prática. Porto alegre: Artes Médicas, 2008. Gazzaniga MS; Ivry RB; Mangun GR. Neurociência Cognitiva: a biologia da mente. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. Moura-Ribeiro MVL, Gonçalves VMG. Neurologia do Desenvolvimento da criança. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2009.



	<p>III - conhecimento do sistema educacional brasileiro, sua evolução histórica e suas políticas, para fundamentar a análise da educação escolar no país e possibilitar ao futuro professor entender o contexto no qual vai exercer sua prática docente;</p>	<p>EL212 - Política Educacional: Organização da Educação Brasileira EL683 - Escola e Cultura</p>	<p>EL212 - Política Educacional: Organização da Educação Brasileira Vide Art. 10, Inciso I</p> <p>EL683 - Escola e Cultura</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bourdieu P. Futuro de classe e a causalidade do provável. In: Nogueira MA; Catani A (Orgs.). Pierre Bourdieu: Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 81-126. • Bourdieu P. Os três estados do capital cultural. In: Nogueira MA; Catani, A (Orgs.). Pierre Bourdieu: Escritos de Educação. Petrópolis : Vozes, 2008. p. 71-79. • Wacquant Loïc. Lendo o "capital" de Bourdieu. Educação & Linguagem, São Paulo, Ano 10, n. 16. p. 37-62, jul.- dez. 2007.
	<p>IV – conhecimento e análise das diretrizes curriculares nacionais, da Base Nacional Comum Curricular da Educação Básica, e dos currículos, estaduais e municipais, para os anos finais do ensino fundamental e ensino médio;</p>	<p>EL212 - Política Educacional: Organização da Educação Brasileira</p>	<p>EL212 - Política Educacional: Organização da Educação Brasileira Vide Art. 10, Inciso I</p>
	<p>V – domínio dos fundamentos da Didática que possibilitem:</p> <p>a) a compreensão da natureza interdisciplinar do conhecimento e de sua contextualização na realidade da escola e dos alunos;</p> <p>b) a constituição de uma visão ampla do processo formativo e socioemocional que permita entender a relevância e desenvolver em seus alunos os conteúdos, competências e habilidades para sua vida;</p> <p>c) a constituição de habilidades para o manejo dos ritmos, espaços e tempos de aprendizagem, tendo em vista dinamizar o trabalho de sala de aula e motivar os alunos;</p> <p>d) a constituição de conhecimentos e habilidades para elaborar e aplicar procedimentos de avaliação que subsidiem e garantam processos progressivos de aprendizagem e de recuperação contínua dos alunos e;</p> <p>e) as competências para o exercício do trabalho coletivo e projetos para atividades de aprendizagem colaborativa.</p>	<p>EL 221 - Práticas de Educação e Saúde</p>	<p>EL 221 - Práticas de Educação e Saúde</p> <ul style="list-style-type: none"> • Araújo MJO. O papel das práticas educativas. Rev Pesq. Bras. Odontoped Clin Integr, João Pessoa, v.5,n.2, p.101-102, maio/ago.2005. • Benevides IA. Viagem pelos caminhos do coração. In: Vasconcelos E. A saúde nas palavras e nos gestos. Editora Hucitec, São Paulo, 2001. • Berbel NAN. Metodologia da Problematização. Experiências com Questões do Ensino Superior. Londrina: UEL, 1998. • _____(org.) Metodologia da Problematização: fundamentos e aplicações. Londrina: UEL, 1999. • Candeias NMF. Conceitos de educação e de promoção em saúde: mudanças individuais e mudanças organizacionais. Rev de Saúde Pública, 31(2):209- 13,1997. • Costa MV. Quem são? Que querem? Que fazer com eles? Eis que chegam às nossas escolas as crianças e os jovens do século XXI. Texto apresentado no VI Colóquio sobre questões curriculares. RJ, ago. 2005. • Costa M. Vorraber et.al. Estudos culturais, educação e pedagogia. Rev Brasileira de Educação, maio/jun/jul/ago,



CEESP/PIC/202600122



			<p>n. 23, 2003.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Esteban MT. Avaliar: ato tecido pelas imprecisões do cotidiano-texto ANPED. • Fernandes CNS. Refletindo sobre o aprendizado do papel de educador no processo de formação do enfermeiro. Rev Latino-Americana Enfermagem, jul/ago., 12(4), 2004.
			<p>Latino-Americana Enfermagem, jul/ago., 12(4), 2004.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Gazzinelli MF et.al. Educação em Saúde: conhecimentos, representações sociais e experiências da doença. Cad. Saúde Pública. [online]. Jan/fev.2005, vol.21, n. 1 [citado 06 junho 2005], p. 200 -206. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php • Hoffmann J. Avaliação Mediadora. 10ª ed. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1997. • L'Abbate S. Educação em Saúde: uma nova abordagem. Cadernos de Saúde Pública, RJ. 10(4):481-490, out./dez, 1994. • Meyer DE; Estermann et. al. "Você aprende. A gente ensina? Interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade". Cadernos de Saúde Pública, v. 22, no. 6 Rio de Janeiro, jun. 2006. • Ministério da Saúde. Conferência Nacional de Saúde ONLINE. Educação em saúde: histórico, conceitos e propostas. • HTTP://www.datasus.gov.br/cns/temas/educacaosaude.htm (03/03/2011). • Silva MIT. Posicionamento de enfermeiras sobre ensino problematizador. Rev Latino-Am Enfermagem 2002 março-abril;10(2):192-8. • Smeke EL; Oliveira N. Educação em saúde e concepções de sujeito. In: Vasconcelos E. A Saúde nas palavras e nos gestos. Editora Hucitec, São Paulo, 2001. • Vasconcelos E. Educação popular e atenção à saúde da família. Editora Hucitec, São Paulo, 2008. • _____. Os centros de saúde como espaços educativos. In: Educação Popular nos Serviços de Saúde. Editora Hucitec, São Paulo, 1997.
		EN112 - Enfermagem em Saúde Coletiva I EN212 - Enfermagem em Saúde Coletiva II	EN112 - Enfermagem em Saúde Coletiva I • Freire P. Pedagogia da autonomia:



CEESP/PIC202600122



	<p>VI – conhecimento de Metodologias, Práticas de Ensino ou Didáticas Específicas próprias dos conteúdos a serem ensinados, considerando o desenvolvimento dos alunos, e que possibilitem o domínio pedagógico do conteúdo e a gestão e planejamento do processo de ensino aprendizagem;</p>	<p>EN321 - Semiologia Aplicada a Enfermagem I EN322 - Aspectos Fundamentais do Processo de Cuidar em Enfermagem EN605- - Enfermagem na Atenção Integral à Saúde da Família, EN430 - Enfermagem em Saúde Mental II EN405- Processo de Cuidar do Adulto e Idoso I EN505- Processo de Cuidar do Adulto e Idoso II EN590- Administração em Enfermagem EN665- Assistência de Enfermagem a Criança e Adolescente II EN690- Estágio Supervisionado de Administração em Enfermagem Hospitalar EN766- Assistência de Enfermagem à Saúde da Mulher e Recém-Nascido</p>	<p>saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra; 1997.</p> <ul style="list-style-type: none"> Luz MT. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: novos paradigmas em saúde. In: Novos saberes e práticas em saúde coletiva: estudo sobre racionalidades médicas e atividades corporais. 3ª edição. São Paulo: Hucitec, 2007. p. 37-85. Pereira FGF, Caetano JA, Moreira JF et al. Práticas educativas em saúde na formação de acadêmicos de enfermagem. Cogitare Enferm. 2015; 20(2):332-7. <p>EN212 - Enfermagem em Saúde Coletiva II</p> <ul style="list-style-type: none"> Brasil. Ministério da Saúde. Saúde e desenvolvimento da juventude brasileira. Construindo uma agenda nacional. Brasília: Ministério da Saúde, 2000. Disponível em: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_juventude.pdf
			<p>e.pdf</p> <ul style="list-style-type: none"> Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra; 1997. PNUD. Metas do milênio. Brasília. Disponível em: http://www.objetivosdomilenio.org.br/ Pereira FGF, Caetano JA, Moreira JF et al. Práticas educativas em saúde na formação de acadêmicos de enfermagem. Cogitare Enferm. 2015; 20(2):332-7. <p>EN312 - Enfermagem na Organização do Sistema de Saúde</p> <ul style="list-style-type: none"> Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra; 1997. Pereira FGF, Caetano JA, Moreira JF et al. Práticas educativas em saúde na formação de acadêmicos de enfermagem. Cogitare Enferm. 2015; 20(2):332-7. <p>EN321 - Semiologia Aplicada a Enfermagem I</p> <ul style="list-style-type: none"> Bastable SB. O enfermeiro como



			<p>educador: princípios de ensino-aprendizagem para a prática de enfermagem. Porto Alegre: Artmed, 2010.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Jarvis C. Exame físico e avaliação da saúde. 6 ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2012. • Jarvis C. Physical examination and health assessment. 6 ed. USA: W.B. Saunders; 2011. <p>EN322 - Aspectos Fundamentais do Processo de Cuidar em Enfermagem</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bastable SB. O enfermeiro como educador: princípios de ensino-aprendizagem para a prática de enfermagem. Porto Alegre: Artmed, 2010. • Pereira FGF, Caetano JA, Moreira JF et al. Práticas educativas em saúde na formação de acadêmicos de enfermagem. Cogitare Enferm. 2015; 20(2):332-7. • Potter PA, Perry AG. Fundamentos de Enfermagem. Rio de Janeiro: Elsevier, 8ª ed, 2013. <p>EN605- Enfermagem na Atenção Integral à Saúde da Família</p> <ul style="list-style-type: none"> • Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Acolhimento à demanda espontânea/Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – 1. ed.; 1. reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
			<p>Volume1. Disponível em: http://www.saude.sp.gov.br/resources/humanizacao/biblioteca/documentos-norteadores/cadernos_de_atencao_basica_-_volume_i.pdf.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Especializada à Saúde. Departamento de Atenção Hospitalar, Domiciliar e de Urgência. Atenção Domiciliar na Atenção Primária à Saúde [recurso eletrônico]/Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção Especializada à



CEESP/PIC/202600122



		<p>Saúde, Departamento de Atenção Hospitalar, Domiciliar e de Urgência – Brasília:Ministério da Saúde, 2020. 98p. http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_domiciliar_primaria_saude.pdf</p> <p>EN322- Aspectos Fundamentais do Processo de cuidar em Enfermagem</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bastable SB. O enfermeiro como educador: princípios de ensino-aprendizagem para a prática de enfermagem. Porto Alegre: Artmed, 2010. • Pereira FGF, Caetano JA, Moreira JF et al. Práticas educativas em saúde na formação de acadêmicos de enfermagem. Cogitare Enferm. 2015; 20(2):332-7. • Potter PA, Perry AG. Fundamentos de Enfermagem. Rio de Janeiro: Elsevier, 8ª ed, 2013. <p>EN430 - Enfermagem em Saúde Mental II</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bastable SB. O enfermeiro como educador: princípios de ensino-aprendizagem para a prática de enfermagem. Porto Alegre: Artmed, 2010. • Pereira FGF, Caetano JA, Moreira JF et al. Práticas educativas em saúde na formação de acadêmicos de enfermagem. Cogitare Enferm. 2015; 20(2):332-7. • Pergola AM, Garcia APRF. O aprendizado da construção de caso clínico em Saúde Mental Rev. Esc. Enferm. USP [online]. 2008; [cited 2009-06-30]; 42(2):383-8 Available from:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-2342008000200024&lng=en&nrm=iso>.ISSN 080-6234.doi: 10.1590/S0080-62342008000200024. • Barros S, Rodrigues J, Alves TC, Almeida AB. A enfermagem e os direitos das pessoas no campo da saúde mental. Revista Brasileira de Enfermagem. 2021 Nov 1;75:e75suppl301. <p>EN605- - Enfermagem na Atenção</p>
--	--	--



CEESP/IC202600122



		<p>Integral à Saúde da Família,</p> <ul style="list-style-type: none"> • Anticoncepção: manual de orientação. Disponível em: http://www.febrasgo.com.br/ • Bastable SB. O enfermeiro como educador: princípios de ensino-aprendizagem para a prática de enfermagem. Porto Alegre: Artmed, 2010. • Pereira FGF, Caetano JA, Moreira JF et al. Práticas educativas em saúde na formação de acadêmicos de enfermagem. Cogitare Enferm. 2015; 20(2):332-7. <p>EN405 - Processo de Cuidar do Adulto e Idoso I</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bastable SB. O enfermeiro como educador: princípios de ensino-aprendizagem para a prática de enfermagem. Porto Alegre: Artmed, 2010. • Pereira FGF, Caetano JA, Moreira JF et al. Práticas educativas em saúde na formação de acadêmicos de enfermagem. Cogitare Enferm. 2015; 20(2):332-7. • Porto C. Exame clínico: bases para a prática médica. 6ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2008. <p>EN590 - Administração em Enfermagem</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bastable SB. O enfermeiro como educador: princípios de ensino-aprendizagem para a prática de enfermagem. Porto Alegre: Artmed, 2010. • Marquis BL, Huston CJ. Administração e liderança em enfermagem: teoria e aplicação, 3a ed, Porto Alegre: Artes Médicas, 2010 • Pereira FGF, Caetano JA, Moreira JF et al. Práticas educativas em saúde na formação de acadêmicos de enfermagem. Cogitare Enferm. 2015; 20(2):332-7. • WHO. Plano de ação global para a segurança do paciente 2021-2030: Em busca da eliminação dos danos evitáveis nos cuidados de saúde. Disponível em 2021. https://www.gov.br/anvisa/pt-br/centraisdeconteudo/publicacoes/servi
--	--	---



CEESP/IC202600122



		<p>cosdesaude/publicacoes/plano-de-acao-global-para-a-seguranca-do-paciente-2021-2030-traduzido-para-portugues/@@download/file</p> <p>EN505 -Processo de Cuidar do Adulto e Idoso II</p> <ul style="list-style-type: none"> • Processo de Cuidar do Adulto e Idoso II AORN. Association of perioperative Registered Nurses. Standards, Recommended Practices, and Guidelines. 2002.369p.
		<ul style="list-style-type: none"> • Bastable SB. O enfermeiro como educador: princípios de ensino-aprendizagem para a prática de enfermagem. Porto Alegre: Artmed, 2010. • Pereira FGF, Caetano JA, Moreira JF et al. Práticas educativas em saúde na formação de acadêmicos de enfermagem. Cogitare Enferm. 2015; 20(2):332-7. <p>EN665 - Assistência de Enfermagem a Criança e Adolescente II</p> <ul style="list-style-type: none"> • Behrman RE, Kliegman RM, Jenson HB. Nelson: Tratado de Pediatria. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2002 • Bastable SB. O enfermeiro como educador: princípios de ensino-aprendizagem para a prática de enfermagem. Porto Alegre: Artmed, 2010. • Pereira FGF, Caetano JA, Moreira JF et al. Práticas educativas em saúde na formação de acadêmicos de enfermagem. Cogitare Enferm. 2015; 20(2):332-7. <p>EN690 - Estágio Supervisionado de Administração em Enfermagem Hospitalar</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bastable SB. O enfermeiro como educador: princípios de ensino-aprendizagem para a prática de enfermagem. Porto Alegre: Artmed, 2010. • Marquis BL, Huston CJ. Administração e liderança em enfermagem: teoria e aplicação. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. • Pereira FGF, Caetano JA, Moreira JF et al. Práticas



CEESPIC202600122



			<p>educativas em saúde na formação de acadêmicos de enfermagem. Cogitare Enferm. 2015; 20(2):332-7.</p> <p>EN766 - Assistência de Enfermagem à Saúde da Mulher e Recém-Nascido</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bastable SB. O enfermeiro como educador: princípios de ensino-aprendizagem para a prática de enfermagem. Porto Alegre: Artmed, 2010. • Brasil. Ministério da Saúde. Ações de Enfermagem para o Controle do Câncer. Instituto Nacional do Câncer. 3.ed.rev.atual.amp. Rio de Janeiro:INCA, 2008. • Pereira FGF, Caetano JA, Moreira JF et al. Práticas educativas em saúde na formação de acadêmicos de enfermagem. Cogitare Enferm. 2015; 20(2):332-7.
	VII – conhecimento da gestão escolar na educação nos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio, com especial ênfase nas questões relativas ao projeto pedagógico da escola, regimento escolar, planos de trabalho anual, colegiados auxiliares da escola e famílias dos alunos;	EL212 - Política Educacional: Organização da Educação Brasileira	<p>EL212 - Política Educacional: Organização da Educação Brasileira</p> <p>Vide Art. 10, Inciso I</p>
	VIII - conhecimentos dos marcos legais, conceitos básicos, propostas e projetos curriculares de inclusão para o atendimento de alunos com deficiência;	FN468 - LIBRAS e Educação de Surdos	<p>FN468 - LIBRAS e Educação de Surdos</p> <ul style="list-style-type: none"> • CAMPELLO, A. R.; REZENDE, P. L. F. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história do movimento surdo brasileiro. Educar em revista. Curitiba: Editora UFPR. Educar em revista. Edição especial n 2/2014, p. 71-92. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/er/nspe- 2/06.pdf • CAPOVILLA, F. C. Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 6, n. 1, 2000. Disponível em: http://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_e_m_pdf/revista6numero1pdf/r6_art06.pdf • SILVA, L. V. Introdução aos estudos da língua brasileira de sinais. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal (RN), 2022. Disponível em: https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/10



			<p>44/2277/ Introdução aos Estudos de Iniciais.pdf? sequence=1&isAllowed=y</p> <ul style="list-style-type: none"> LACERDA, C.B.F., SANTOS, L.F., CAETANO, J.F. <p>Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. In: Tenho um aluno surdo e agora? Introdução à Libras e educação de surdos. Ogs: Cristina B. F. de Lacerda e Lara F. dos Santos. São Carlos: EdUFScar, 2013. Disponível em: https://ufscarlibras.blogspot.com/2016/08/estrategias-metodologicaspara-o-ensino.html</p>
	<p>X – conhecimento, interpretação e utilização na prática docente de indicadores e informações contidas nas avaliações do desempenho escolar realizadas pelo Ministério da Educação e pela Secretaria Estadual de Educação.</p>	<p>EL212 - Política Educacional: Organização da Educação Brasileira</p>	<p>EL212 - Política Educacional: Organização da Educação Brasileira Vide Art. 10, Inciso I</p>

1 - FORMAÇÃO DE DOCENTES PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO

CAPÍTULO I - DELIBERAÇÃO CEE-SP Nº 111/2012		PROPOSTA DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO	
		DISCIPLINA (S) (onde o conteúdo é trabalhado)	Indicar somente os textos principais da Bibliografia Básica onde o conteúdo é contemplado
<p>Art. 8º A carga total dos cursos de formação de que trata este capítulo terá no mínimo 3.200 (três mil e duzentas) horas, assim</p>	<p>400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular – PCC – a serem articuladas aos conhecimentos específicos e pedagógicos, e distribuídas ao longo do percurso formativo do futuro professor, em conformidade com o item 2, da Indicação CEE nº 160/2017, referente a esta Deliberação.</p>	<p>EN312 - Enfermagem na Organização do Sistema de Saúde EN321 - Semiologia Aplicada a Enfermagem I EN322 - Aspectos Fundamentais do Processo de Cuidar em Enfermagem EN421 – Semiologia Aplicada a Enfermagem II EN405 - Processo de Cuidar do Adulto e Idoso I EN505- Processo de Cuidar do Adulto e Idoso II EN605- - Enfermagem na Atenção Integral à Saúde da Família, EN532 – Processo de Cuidar em Enfermagem Psiquiátrica EN604 - Processo de Cuidar em Enfermagem Perioperatória EN665 - Assistência de Enfermagem a Criança e Adolescente II</p>	<p>EN312 - Enfermagem na Organização do Sistema de Saúde</p> <ul style="list-style-type: none"> Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Atenção Básica/Ministério da Saúde Secretaria de Atenção a Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília, 2012. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/pnab.pdf. Miranda SMRC. Participação popular na gestão de saúde. In: Santos AS, Miranda SMRC (org.) A enfermagem na gestão em atenção primária à saúde. São Paulo: Manole, 2007, p.337-54. <p>EN321 - Semiologia Aplicada a Enfermagem I</p> <ul style="list-style-type: none"> Benseñor IM, Atta JA, Martins MA. Semiologia Clínica. São Paulo: Sarvier; 2002. Cianciarullo TI, Gualda D, Melleiro MM, Anabuki MH (Org). Sistema de Assistência de Enfermagem: evolução e tendências. 5 ed. São Paulo: Ícone; 2012. <p>EN322 - Aspectos Fundamentais do Processo de Cuidar em Enfermagem</p> <ul style="list-style-type: none"> Craven RF, Hirmler CJ. Fundamentos de Enfermagem: saúde e função humanas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 4ª ed, 2006.



distribuídas:		<p>EN704 - Processo de Cuidar do Adulto e Idoso de Alto Risco</p> <p>EN766 - Assistência de Enfermagem à Saúde da Mulher e Recém-Nascido</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Potter PA, Perry AG. Fundamentos de Enfermagem. Rio de Janeiro: Elsevier, 8ª ed, 2013. <p>EN421 – Semiologia Aplicada a Enfermagem II</p> <ul style="list-style-type: none"> • Jarvis C. Exame físico e avaliação de saúde para a enfermagem, 6 ed., Rio de Janeiro: Elsevier; 2012. • Jarvis, C. Guia de exame físico para enfermagem. 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2012. <p>EN405 - Processo de Cuidar do Adulto e Idoso I e</p> <p>EN505 - Processo de Cuidar do Adulto e Idoso I</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pereira FGF, Caetano JA, Moreira JF et al. Práticas educativas em saúde na formação de acadêmicos de enfermagem. Cogitare Enferm. 2015; 20(2):332-7. • Porto C. Exame clínico: bases para a prática médica. 6ª ed. Rio
			<p>de Janeiro: Guanabara Koogan; 2008.</p> <p>EN532 – Processo de Cuidar em Enfermagem Psiquiátrica</p> <ul style="list-style-type: none"> • Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. DAPES.Coordenação-Geral deSaúde Mental, Alcool e outras drogas. Saúde mental no SUS: cuidado em liberdade, defesa de direitos e rede de atenção psicossocial. Relatório de Gestão 2011-2015. Ministério da Saúde:Brasília. Maio de 2016,143p. • Dalgalarondo P. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais. 2ed. Porto Alegre: Artmed,2008. 142p. <p>EN605- Enfermagem na Atenção Integral à Saúde da Família</p> <ul style="list-style-type: none"> • Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Acolhimento à demanda espontânea/Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – 1. ed.; 1. reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Volume1. Disponível em:http://www.saude.sp.gov.br/recursos/humanizacao/bibliotecadocuments-norteadores/cadernos_de_atencao_basica_-_volume_i.pdf. • Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Especializada à Saúde. Departamento deAtenção Hospitalar, Domiciliar e de Urgência. Atenção Domiciliar na Atenção Primária à Saúde [recurso eletrônico]/Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção Especializada à Saúde, Departamento de Atenção Hospitalar, Domiciliar e de Urgência –



CEESP/IC202600122



			<p>Brasília:Ministério da Saúde, 2020. 98p. http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_domiciliar_primaria_saude.pdf</p> <p>EN766 - Assistência de Enfermagem à Saúde da Mulher e Recém-Nascido</p> <ul style="list-style-type: none"> • Brasil. Ministério da Saúde. Ações de Enfermagem para o Controle do Câncer. Instituto Nacional do Câncer. 3.ed.rev. amp. Rio de Janeiro: INCA, 2008. • Brasil. Ministério da Saúde. Humanização do parto e do nascimento, Ministério da Saúde. Universidade Estadual do Ceará. – Brasília: Ministério da Saúde; 2014. 465 p. (Cadernos HumanizaSUS; v. 4).
--	--	--	---

2 - FORMAÇÃO DE DOCENTES PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO

CAPÍTULO II - DELIBERAÇÃO CEE-SP Nº 111/2012		PROPOSTA DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO	
		Descrição Sintética do Plano de Estágio	Indicar somente os textos principais da Bibliografia Básica Específica para o Estágio
<p>Art. 11 O estágio supervisionado obrigatório, previsto no inciso III do art. 8º, deverá ter projeto próprio e incluir:</p>	<p>II – 200 (duzentas) horas de estágio na escola, em sala de aula, compreendendo o acompanhamento do efetivo exercício da docência nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, bem como vivenciando experiências de ensino, na presença e sob supervisão do professor responsável pela classe na qual o estágio está sendo cumprido e sob orientação do professor da Instituição de Ensino Superior;</p>	<p>A Faculdade de Educação é responsável pelas disciplinas EL874 - Estágio Supervisionado II e EL921 - Estágio Supervisionado no Ensino Enfermagem com uma carga total de 405 horas do plano de estágio ou plano de ação. Além dos estágios realizados na Faculdade de Educação, também são oferecidas as disciplinas: EL212 - Política Educacional: Organização da Educação Brasileira; EL 511 – Psicologia e Educação; EL683 - Escola e Cultura; EL 221 - Práticas de Educação e Saúde.</p> <p>Anexo - Relação de Escolas conveniadas como cenário de prática para os Estágios Supervisionados de Licenciatura em Enfermagem</p>	<p>EL874 - Estágio Supervisionado II</p> <ul style="list-style-type: none"> • Gomes MO.(org). Estágio na formação de professores. São Paulo: Edições Loyola, 2011. • Pimenta SG. O estágio na formação de professores. Unidade teoria e prática? São Paulo: Cortez, 2012. • Pimenta SG. Estágio e docência. São Paulo: Cortez, 2011. <p>EL921 - Estágio Supervisionado no Ensino Enfermagem</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apple M. História do Currículo e Controle Social. In: Ideologia e Currículo. Porto Alegre: Artmed, 2006. • Bagnato MHS; Sordi MRL; Cocco MIM. (org) Educação, saúde e trabalho: antigos problemas, novos contextos, outros olhares. Campinas: Editora Alínea, 1999. (p.63-70). • Berbel NAN. Metodologia da Problematização. Experiências com Questões do Ensino Superior. Londrina: UEL, 1998. • Brasil 2004. Portaria 198GM/MS. Institui a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde e dá outras providências. Ministério da Saúde; 2004. • Brasil 2007. Portaria 1.996 GM/MS. Dispõe sobre as diretrizes para a implementação da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde e dá outras providências. Ministério da Saúde; 2007. • Brasil 2016. Catálogo Nacional de Cursos Técnicos. Ministério da Educação; 2016. • Conselho Nacional de Educação 2012. Resolução CNE/CEB Nº 6/2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio;2012. • Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, SP.: Paz e Terra, 1996. • Pereira IB; Ramos MN. Educação Profissional em Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006. • Silva TT. Documentos de identidade. Uma introdução às



			<p>teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica; 2002.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sordi MRL. O caos nosso de todo dia: o ensino na área da saúde num sistema em crise. Texto Contexto Enferm 1997; 6:68-80. • Brasil, MEC. Resolução CNE/CP nº 4/2024, determina as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica. https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/junho/divulgadas-novas-diretrizes-para-formacao-de-professores
	<p>II – 200 (duzentas) horas dedicadas ao acompanhamento das atividades da gestão da escola dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio, nelas incluídas, entre outras, as relativas ao trabalho pedagógico coletivo, conselhos da escola, reuniões de pais e mestres, reforço e recuperação escolar, sob orientação do professor da Instituição de Ensino Superior e supervisão do profissional da educação responsável pelo estágio na escola, e, em outras áreas específicas, se for o caso, de acordo com o Projeto de Curso de formação docente da Instituição.</p> <p>Parágrafo único – Os cursos de Educação Física e Artes deverão incluir estágios em educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, nos termos deste artigo. (Acréscimo)</p>	<p>A Faculdade de Educação é responsável pelas disciplinas EL874 - Estágio Supervisionado II e EL921 - Estágio Supervisionado no Ensino Enfermagem que procuram contemplar as atividades descritas no Inciso II.</p>	<p>Vide inciso I do artigo 11</p>
		<p>Não se aplica</p>	

OBSERVAÇÕES:

A atuação do enfermeiro é bastante diversificada e ampliada no que tange ao processo complexo de cuidar, educar e gerenciar. Neste contexto, os conteúdos das disciplinas acima apresentadas versam sobre a formação do enfermeiro no contexto de atenção à saúde, direcionada ora para a educação de outros profissionais de enfermagem e, em maior escala, para a educação em saúde dos usuários dos serviços, bem como para a educação dos profissionais desses mesmos serviços, situação em que a educação permanente e a educação continuada são as estratégias mais visíveis. A educação em saúde perpassa pelo cotidiano do enfermeiro, considerando a recuperação, prevenção e as necessidades de ensino para a assistência à saúde da comunidade. Enfatiza-se que pela peculiaridade do ensino da enfermagem em processos educativos, consta na bibliografia, além de textos que subsidiem a formação do enfermeiro como educador, também aqueles específicos das diversas áreas de conhecimento do enfermeiro. Ressalta-se que as disciplinas com sigla EL são de responsabilidade da Faculdade de Educação e as de siglas EN e MD da Faculdade de Enfermagem e Faculdade de Ciências Médica da UNICAMP, respectivamente.

Para obedecer à resolução CEE 154/2017, artigo 8º, inciso III, houve a necessidade de tornar obrigatória, para a modalidade Licenciatura, a disciplina EN304 – Informática em Saúde com carga horária de 30 horas a ser implementada no catálogo do Curso de Graduação em Enfermagem, ingresso 2019. Ainda neste contexto, no artigo 11, do estágio supervisionado, foi aprovada nas Comissões de Graduação da Faculdade de Enfermagem e de Educação, a inserção de 105 horas na disciplina EL921 - Estágio Supervisionado no Ensino Enfermagem (carga horária total 285 horas) que, juntamente, com a disciplina EL874 - Estágio Supervisionado II (carga horária total 120 horas) perfazem 405 horas. Salienta-se que, desde 2012, a última disciplina substituiu a EL774- Estágio Supervisionado I. Desta forma, o Curso de Graduação em Enfermagem, modalidade licenciatura ficará com 4605 horas, sendo que todas as disciplinas para a formação do Bacharel em enfermagem são também disciplinas que formam o Licenciado e totalizam 4050 horas. As disciplinas oferecidas para a modalidade Licenciatura pela Faculdade de Educação totalizam 735 horas, incluindo as disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado.

Além da carga horária total do curso relacionada às disciplinas de formação didático-pedagógica (960 horas), de formação específica da licenciatura (620 horas), estágio curricular supervisionado (405 horas) e atividades teórico-práticas de aprofundamento (200 horas), tem-se 2420 horas que completam a formação do enfermeiro, bacharel e/ou licenciado, no que tange aos processos de cuidar, educar e gerenciar, conforme descrito acima.

Enfatiza-se também que a discussão sobre a legislação referente à formação do profissional no ensino técnico é realizada na disciplina EL921 - Estágio Supervisionado no Ensino Enfermagem que desenvolve atividades de estágio e de reflexões ético epistemológicas sobre a natureza de um trabalho pedagógico em saúde capaz de subsidiar a formação de trabalhadores comprometidos com a sustentação do Sistema Único de Saúde (SUS) e análise das políticas de formação docente para a educação profissional técnica em nível médio na área da saúde, particularmente na enfermagem, na perspectiva da Reforma Sanitária.

Além disso, considerando a Resolução CNE/CPn4/2024, o Curso de Licenciatura em Enfermagem está adequado quando a duração, realização totalmente presencial, atividades acadêmicas de Extensão e Estágio Supervisionado completamente presencial.

3- PROJETO DE ESTÁGIO

O Projeto de estágio para os cursos de Licenciaturas está configurado nos estágios oferecidos pela Faculdade de Educação, para todos os cursos de licenciatura e os estágios específicos. No conjunto das atividades desenvolvidas para o Curso de Licenciatura em Enfermagem, procura-se inserir o estagiário no campo de trabalho que propicie ao professor em formação, o contato com experiências, práticas e conhecimentos de natureza profissional, articulando as diferentes formas de ensino-aprendizagem, de gestão e de organização, bem como conhecer as várias dimensões do trabalho educativo e da docência, especialmente, as atividades desenvolvidas na sala de aula. Este conteúdo é abordado na disciplina EL874 - Estágio Supervisionado II. Ainda neste contexto, é oferecida a disciplina EL921 - Estágio Supervisionado no Ensino de Enfermagem que



objetiva desenvolver atividades de estágio e reflexões ético epistemológicas sobre natureza de um trabalho pedagógico em saúde, capaz de subsidiar a formação de trabalhadores comprometidos com a sustentação do Sistema Único de Saúde (SUS) e analisar as políticas de formação docente para a educação profissional técnica em nível médio na área de saúde, na perspectiva da Reforma Sanitária.

No item 4, estão apresentados os programas na íntegra, os quais expressam os projetos de estágios desenvolvidos por projetos temáticos, que englobam as diversas dimensões e tempo do processo educativo em diferentes espaços de ensino e aprendizagem. Os estudantes precisam preparar um plano de ação para a inserção no campo (escolas de nível técnico) e esta inserção deve ser acompanhada pelo professor orientador (universidade) e pelo professor supervisor (escola). Por meio de convênios e novos arranjos institucionais, a universidade busca uma aproximação maior com estes campos, no sentido de desenvolver e criar processos e sistemas de regulação, acompanhamento e gestão acadêmica dos projetos e planos de ação desenvolvidos pelos estudantes. Por meio de sua Comissão de Estágios, a Faculdade de Educação da UNICAMP e a Diretoria Executiva de Apoio à Permanência (DEAPE) apoiam de maneira crescente e sistemática estes projetos e planos de ação de estágios supervisionados, que tem sido incentivada por programas e apoiada em boas experiências como o PIBID(CAPES).

A Diretoria Executiva de Apoio e Permanência Estudantil (DEAPE), antigo Serviço de Apoio ao Estudante (SAE), é o principal órgão de apoio a permanência estudantil na Unicamp. Seus programas visam garantir que, ao ingressar na Universidade, os(as) estudantes possam se desenvolver plenamente a partir da associação de um ensino de qualidade a uma efetiva política de permanência estudantil, que incorpora auxílios referentes à moradia, alimentação e transporte, além de apoio na área educacional, social, cultural, psicológica e psiquiátrica, além de outras atividades na área de carreiras. Em 2023, por meio da Deliberação CONSU nº20/2023, foi criada a Diretoria Executiva ligada ao Gabinete do Reitor passando a receber a denominação de Diretoria Executiva de Apoio e Permanência Estudantil (DEAPE). Destaca-se que a Coordenadoria de Carreiras, Egressos e Vida Estudantil do DEAPE, ao implementar o sistema CARREIRAS para a organização dos estágios supervisionados, possibilitou a interoperabilidade com o Sistema DAC e possibilita o acompanhamento do estudante em estágio supervisionado, inclusive, integrando Plano e Relatório de Estágio, de conhecimento da Universidade, docente orientador, supervisor de campo de estágio e Coordenação das Unidades Concedentes de Campo de Estágio Curricular Supervisionado.

PROJETOS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I (EL874)

Projeto 1

Tema do Projeto: Não há.

Descrição:

O estágio pretende promover a reflexão dos futuros professores sobre as múltiplas abordagens da avaliação (micro, meso e macro) e as repercussões sobre o trabalho docente. Partindo do nível da sala de aula (avaliação das aprendizagens) busca situar o campo da avaliação da escola (institucional) e da avaliação em larga escala estabelecendo interfaces que fortalecem o protagonismo dos profissionais da educação na luta pela qualidade da escola pública socialmente referenciada. A discussão sobre o significado de um "pacto de qualidade negociada" e a categoria do fortalecimento dos atores da escola ajudam a relocalizar o fenômeno da avaliação e subsidiar ações de cunho contra-regulatório frente aos resultados da avaliação externa.

Desenvolvimento:

A proposta envolverá momentos de exposição teórica dialogada, sustentada pela leitura prévia dos textos indicados pela disciplina. A imersão dos licenciandos na realidade de escolas públicas permitirá a compilação de evidências que permitam descrever, problematizar as formas usuais de avaliação utilizadas pelas escolas e as influências positivas ou negativas derivadas das atuais políticas educacionais nas aprendizagens dos estudantes e na profissão docente. As rodas de conversação pretendem valorizar a experiência do trabalho coletivo concretizada pela forma de socialização do vivido pelos licenciandos com destaque aos eixos do projeto de atuação desenvolvidos juntos às escolas, apresentados de modo indissociável das bases teóricas.

Bibliografia:

Afonso AJ. Para uma conceptualização alternativa de accountability em educação. Educ. Soc, Campinas, v.33, n.119, abr-jun 2012, p.471-484.

Ângulo Rasco JF. O planejamento da qualificação da escola: o leigo graal da mudança educacional In: Murillo F; Javier; Nunoz-Repiso MA. qualificação da escola um novo enfoque Porto Alegre: Artmed, 2007 p.103-133.

Barroso J. A formação dos professores e a mudança organizacional das escolas. In: Ferreira NSC. Formação continuada e gestão da educação 2 ed São Paulo: Cortez 2006.

Bondioli A. O projeto pedagógico da creche e sua avaliação. Campinas: Autores Associados.2004. Fernandes D. Avaliar para aprender. Fundamentos, práticas e políticas SP: Editora Unesp, 2009.

Freitas LC. Qualidade negociada: avaliação e contra-regulação na escola pública.Educação & Sociedade, Campinas, v.26, n.92, p.911-933, out 2005. Freitas LC; Sordi MRL;Malavasi MMS; Freitas HCL. Avaliação educacional Caminhando pela contramão Petrópolis: Vozes, 2009.

Freitas LC. Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação Educ. Soc, Campinas, v.33, n.119, abr-jun 2012, p.379-404.

Mac Beath J et al., A história de Serena.Viajando rumo a uma escola melhor Porto, Portugal: Asa, 2000.

Sordi MRL; Souza E. A avaliação institucional como instância mediadora da qualidade da escola pública: a Rede Municipal de Educação de Campinas como espaço de aprendizagem Campinas: Millenium, 2009.

Sordi MRL; Ludke M. Avaliação institucional participativa em escolas de ensino fundamental: o fortalecimento dos atores locais In: Leite D (org) Avaliação participativa e qualidade. Os atores locais em foco Porto Alegre: Sulina, 2009.

Projeto 2

Tema do Projeto: Experienciar e investigar práticas pedagógicas em escolas públicas.

Descrição:

Desenvolvimento de atividades de estágio em escolas públicas. Essas atividades compreendem uma inserção no campo de trabalho docente nas escolas mediada por processos de análise, problematização e investigação das práticas escolares vigentes e de tentativas de intervenção (disciplinar, interdisciplinar, transdisciplinar ou não-disciplinar) nessas práticas sob uma perspectiva sócio-cultural e de inclusão escolar e social das crianças, jovens e adultos que a frequentam. Objetivos: Geral: Possibilitar aos estudantes contato com o trabalho profissional desenvolvido no contexto escolar, buscando construir, a partir da análise dos problemas e desafios da escola atual, propostas de ação conjunta com os professores das escolas (supervisores locais de estágio), numa perspectiva preferencialmente colaborativa e interdisciplinar ou transdisciplinar.

Específicos:

1. Descrever, analisar e problematizar as práticas de ensino e aprendizagem vigentes, para conhecer e compreender suas características e seus problemas e desafios.
2. Projetar e desenvolver um plano de intervenção na prática escolar da instituição que os acolheu, prevendo o desenvolvimento do mesmo; tais atividades podem ser desenvolvidas tanto em sala de aula nas diferentes disciplinas curriculares, como em outros espaços educativos dentro do campo de estágio, sempre com a supervisão dos profissionais da escola.



3. Documentar as ações de intervenção e analisá-las/interpretá-las coletivamente tanto no âmbito escolar quanto no âmbito da turma de estágio na Unicamp.
4. Escrever o relatório final de estágio e socializar as experiências de estágio com a comunidade escolar e acadêmica.

Atividades previstas:

1. Esta disciplina compreende um total de 60 horas semestrais, divididas entre encontros presenciais na universidade (30 horas) e atividades supervisionadas nos campos de estágio (30 horas). Os estágios deverão ser narrados, descritos e analisados em um diário de campo que deverá ser postado semanalmente no portfólio individual do ambiente virtual de aprendizagem.
2. O curso será desenvolvido por meio de atividades individuais e em grupos, tomando como referência para as reflexões: diários de campo, imagens, registros e episódios de ensino-aprendizagem e outras experiências de estágio. Os estágios deverão ser desenvolvidos em pequenos grupos (2 a 4 alunos) formados por estudantes de pelo menos dois cursos diferentes, mas que tenham uma temática ou problemática comum. Isto é, se o grupo temático for composto de apenas 2 alunos, estes devem ser necessariamente de cursos disciplinares diferentes. Ou seja, cada grupo temático deverá ter pelo menos dois estagiários de cursos diferentes. Embora sejam formados grupos, tendo em comum uma determinada temática ou problemática, a intervenção escolar (ou trabalho em campo de estágio) pode ser individual e vinculada a uma disciplina escolar relacionada à sua licenciatura. A inter (ou trans) disciplinaridade pode ser feita por cada estagiário, mesmo que atue em uma disciplina do currículo escolar.
3. No que se refere especificamente à inserção nos campos de estágio, esse processo ocorrerá em dois momentos: 1. Aproximação, via estudo/análise e investigação da realidade e dos problemas da escola vigente, buscando conhecer/compreender o campo de estágio e das ações educativas ali desenvolvidas;
2. Elaboração e desenvolvimento de um plano de intervenção na prática escolar. Este plano de intervenção deve ser feito e negociado colaborativamente com os profissionais do campo de estágio. O plano será elaborado, discutido e apresentado coletivamente nos encontros da Unicamp. As atividades decorrentes desse plano de ação/intervenção devem ser compartilhadas com colegas de estágio (ou grupo), sendo sua aplicação registrada/documentada (através de diário, gravação, vídeo, relatórios dos alunos...) para posterior análise do grupo e produção do relatório final de estágio e de uma análise narrativa. Para compor o relatório final e a análise narrativa, serão disponibilizadas orientações no Ambiente Virtual de Aprendizagem.

Bibliografia:

1. Alves FC. Diário - um contributo para o desenvolvimento profissional dos professores e estudo dos seus dilemas. Educação, Ciência e Tecnologia. Disponível em: <<http://www.ipv.pt/millennium/Millennium29/30.pdf>>. Acesso em: mar. 2008.
2. Charlot B. A mobilização no exercício da profissão docente. Revista Contemporânea de Educação, v. 13, p. 9-25, 2012.
3. Charlot B. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição. Revista da FAEEBA: educação e contemporaneidade, Salvador, v.17, n. 30, jul./dez. 2008.
4. Cortesão L. O arco-íris na sala de aula. 2. ed. Biblioteca Digital. Lisboa IIE. Lisboa: Celta, 2000.
5. Dayrell J. A escola como espaço sócio-cultural. In: Dayrell J. (org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996. p.137-161.
6. Fiorentini D. A didática e a Prática de Ensino mediadas pela investigação sobre a prática. In: Romanowski JP. et al. (Org.) Conhecimento Local e Conhecimento Universal: Pesquisa, Didática e Ação Docente. Curitiba, Champanhãt, 2004, p. 243-257.
7. Fiorentini D. A pesquisa do professor sobre sua própria prática. In: Kleine MU; Megid Neto J. (Org.). Fundamentos de Matemática, Ciências e Informática para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental I. Vol. 2, Campinas: FE/Unicamp, 2010, p. 97-106.
8. Fiorentini D. Diários e narrativas reflexivos sobre a prática de ensinar e aprender. In: Kleine MU; Megid Neto J. (Org.). Fundamentos de Matemática, Ciências e Informática para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental I. Vol. 2, Campinas: FE/Unicamp, 2010, p. 107-119.
9. Fiorentini D; Castro FC. Tornando-se professor de Matemática: O caso de Allan em Prática de Ensino e Estágio Supervisionado. In: Fiorentini D. (org.) Formação de professores de Matemática: Explorando novos caminhos com outros olhares. Campinas: Mercado de Letras, 2003. (p 121-156)
10. Fiorentini D; Lorenzato S. Investigação em Educação Matemática: percursos teóricos e metodológicos. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2009. 226 p.
11. Fiorentini D; Megid MABA. Autobiografias e narrativas de aprendizagem. In: Kleine MU; Megid Neto, J. (Org.). Fundamentos de Matemática, Ciências e Informática para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental I. Vol. 2, Campinas: FE/Unicamp, 2010, p. 121-128.
12. Freitas MTM; Fiorentini D. As possibilidades formativas e investigativas da narrativa em educação matemática. Itatiba: Revista Horizontes. Vol.25, n. 1, p.63- 71, jan./jul.2007.
13. Libâneo JC. Cultura jovem, mídias e escola: o que muda no trabalho dos professores? Educativa. Goiânia: v. 9, n. 1, p. 25-46, jan./jun. 2006.
14. Porlán R; Martín J. El diário de profesor: un recurso para la investigación en el aula. Sevilla: Díada, 1996. (Serie Práctica, n. 6).
15. Souza EC. O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.
16. Zabalza MA. Diários de aula: contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores. Porto: Porto Editora, 1994.

Projeto 3

Tema do Projeto: Dinâmicas da Violência e da Violência Simbólica nas Instituições Escolares

Objetivos:

A disciplina de estágio supervisionado propõe discutir as várias dimensões que assume o fenômeno da violência simbólica nas instituições educativas, abrindo espaço para indagações e reflexões acerca dos mecanismos que, de um lado, permitem perpetuar tais práticas e, de outro, suscitam estratégias de resistência que possibilitam novas práticas e pensamentos no campo da educação na sua relação com as questões sociais e com os modos de subjetivação dos diferentes sujeitos.

Para tanto, utilizaremos prioritariamente a perspectiva do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002) e sua teoria dos mecanismos de reprodução das desigualdades na sociedade e, em particular, nas instituições de ensino, contidas na obra A Reprodução. Elementos para uma teoria dos sistemas de ensino (1982 [1970]).



Temas contemplados:

1. Violências e o cotidiano;
2. Disciplina e indisciplina;
3. Bullying nas instituições;
4. Preconceitos (racial, étnico, socioeconômico);
5. Relatos de injustiça;
6. Relações entre cultura e o imaginário;
7. História de vida e trajetória;
8. Sucesso e fracasso escolar;
9. Mérito e merecimento;
10. Capitais simbólicos e herança.

Desenvolvimento do Estágio:

O campo de estágio diz respeito às instituições de ensino em todos os níveis, nas quais se podem observar cotidianamente as estratégias de violência simbólica e também os movimentos de resistência. Individualmente ou em pequenos grupos, os estudantes cumprirão o estágio frequentando os encontros de discussão teórica com o responsável e cumprindo as horas obrigatórias no campo.

Avaliação:

Será cobrado do aluno/aluna, além da assiduidade nos encontros, um caderno de campo ao final do semestre no qual, com o auxílio da bibliografia pertinente discutida nos encontros, espera-se que seja possível vislumbrar a maneira pela qual a violência simbólica opera na cotidianidade das instituições de ensino. Além do relato escrito, o aluno/aluna poderá anexar material iconográfico, fotos, relatos, entrevistas gravadas e demais materiais que julgar pertinente. Um relatório formal do estágio também faz parte da dinâmica avaliativa.

Bibliografia:

1. Bourdieu P; Passeron JC. Fundamentos de uma teoria da violência simbólica. In. A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
2. Bourdieu P. "Excluídos do interior". In Pierre Bourdieu (Coord.). A miséria do mundo. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
3. Candau VM. et al. Escola e Violência. Rio de Janeiro, DP & A., 2001.
4. Guimarães A. A dinâmica de violência escolar: conflito e ambiguidade. Campinas: Autores Associados, 1996.
5. _____, Vigilância, Punição e Depredação Escolar. Campinas: Papyrus, 2003.
6. Sposito MP. A instituição escolar e a violência. Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas, 104, 1998
7. Zaluar A. (org.) Violência e Educação. São Paulo, Cortez, 1992.

Projeto 4

Tema do Projeto: Não há.

Objetivos:

Possibilitar aos estudantes contato com o trabalho profissional desenvolvido no contexto escolar, por meio de observação, acompanhamento e desenvolvimento conjunto de propostas de ação com os professores das escolas (supervisores de estágio), numa dimensão coletiva e interdisciplinar; para tanto, deverão conhecer as características desse trabalho, das formas mais diversificadas possíveis, para pensar, planejar e desenvolver atividades na instituição que os recebeu; tais atividades podem ser desenvolvidas tanto em sala de aula nas diferentes disciplinas curriculares, como em outros espaços educativos dentro do campo de estágio, sempre com a supervisão dos profissionais da escola. Refletir coletivamente sobre as diversas experiências de estágio.

Metodologia:

O curso será desenvolvido por meio de atividades individuais e em grupo, tomando como referência para as reflexões: textos, imagens, registros e as diversas experiências de estágio realizadas nas escolas.

O curso terá 4 horas de atividade semanal na universidade e 4 horas semanais (num mesmo período) de estágio na escola.

Os estágios deverão ser realizados em escolas da cidade de Campinas e em grupos (2 a 4 integrantes) formados por estudantes de diferentes cursos. Poderão ser realizados em diferentes níveis da educação básica (educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos).

No que se refere especificamente à inserção nos campos de estágio, esse processo ocorrerá em dois momentos: 1. aproximação e conhecimento da escola e das ações educativas ali desenvolvidas; 2. elaboração e desenvolvimento de um plano de ação do grupo de estagiários em conjunto com os profissionais da escola, o qual será apresentado e discutido coletivamente nas aulas na universidade.

Os temas abordados em aula englobam: planejamento no contexto escolar; registro da prática docente; escola e relações humanas; corpo e arte na escola; relações de gênero; entre outros a serem definidos com a própria turma.

Será utilizado o Ambiente Virtual de Aprendizagem.

Avaliação:

Frequência (assiduidade e pontualidade) e participação.

- Realização das atividades solicitadas durante o semestre: produções escritas, relatos de estágio, planos de ação, relatório final de estágio, entre outras.
- Auto-avaliação por escrito.



Projeto 5

Tema do Projeto: Educação e visualidade: imagens que presenciam, perpassam e perturbam os ambientes e materiais educativos.

Descrição:

Propõe-se um percurso de aproximação, entendimento/estranhamento e ações junto aos campos de estágio, de modo a possibilitar aos estudantes contato com o trabalho profissional em diferentes instâncias educativas. Para tanto, deverão conhecer as características desse trabalho, das formas mais diversificadas possíveis, para pensarem, inventarem/planejarem e desenvolverem atividades em diferentes espaços da instituição (campo de estágio) que os recebeu. Estas atividades serão pensadas e desenvolvidas em grupos compostos por alunos de diferentes graduações e terão como eixo de pensamento/ação as imagens visuais que constituem os processos educativos ou que podem vir a constituir-los. Nesta disciplina, o estágio é de natureza curricular e compreende um total de 120 horas semestrais, divididas entre atividades supervisionadas em instituições educativas e encontros em sala de aula na universidade.

Objetivos:

Possibilitar aos estudantes contato com o trabalho profissional em diferentes instâncias educativas. Para tanto, deverão conhecer as características desse trabalho, das formas mais diversificadas possíveis, para pensarem, planejarem e desenvolverem atividades em diferentes espaços da instituição que os recebeu. Estas atividades podem ser pensadas e desenvolvidas não exclusivamente em sala de aula, nem no âmbito exclusivo de suas disciplinas curriculares, mas sim no âmbito institucional do campo de estágio.

Metodologia:

A partir de uma parceria com o corpo pedagógico da instituição e seus usuários, o estagiário deverá desenvolver ações educativas propostas no Plano de Ação elaborado no primeiro mês. Estas ações serão acompanhadas pelos profissionais que atuam no campo de estágio (supervisores de estágio) e pelos professores responsáveis pela disciplina na universidade (orientadores de estágio). Serão três os momentos deste processo:

1. Elaboração do plano de ação.
2. Realização das ações educativas.
3. Conversa acerca destas ações e da participação de cada estagiário nelas.

Bibliografia:

Será selecionada pelos grupos de estagiários e/ou indicada pelos orientadores, definida segundo o plano de ação a ser desenvolvido nas instâncias educativas. Há uma bibliografia comum que subsidiará os Encontros Coletivos e esta deverá ser lida por todos os alunos.

Avaliação:

Será baseada na presença e participação dos encontros coletivos, das reuniões de orientação, na realização e entrega, nas datas fixadas neste programa, das atividades solicitadas durante o semestre, bem como da frequência no campo de estágio.

Frequência: a frequência nas atividades de estágio, bem como nos momentos de orientação e discussão coletiva, será acompanhada pelo professor e PED, fazendo parte da avaliação final do aluno. Limite máximo de faltas: o aluno só poderá faltar a um encontro coletivo e a uma orientação. Deve perfazer um mínimo de 60 horas no campo, distribuídas ao longo do semestre.

Atividades Previstas

Atividade 1. Escrita de uma crônica a partir das anotações feitas nos cadernos de campo – esta crônica será escrita a partir de algum acontecimento registrado no caderno de campo. O ponto de vista da escrita não poderá ser o do estagiário, mas sim de algum outro personagem que assume para si o lugar de narrador do acontecimento.

Atividade 2. Relato final da ação desenvolvida no campo de estágio - a ser apresentado impresso e discutido em sala na universidade, com os demais alunos e supervisores. Nele devem constar pelo menos 5 itens:

- a) o que NÃO foi efetivamente realizado do plano de ação (os motivos pessoais e institucionais);
- b) os materiais utilizados nas atividades;
- c) imagens (desenhos, fotografias, vídeos, colagens, etc.) das atividades realizadas;
- d) quais os aprendizados do grupo com a realização das atividades;
- e) escrito pessoal de cada integrante do grupo sobre a experiência de ser estagiário/professor.

Atividade 3. Agendamento de visita do orientador/professor da universidade-PED ao campo de estágio – a ser realizada num momento em que estiver sendo realizada alguma das atividades propostas no plano de ação.

Bibliografia:

1. Almeida MJ. A Educação Visual da Memória: Imagens Agentes do Cinema e da Televisão. In: Pro-posições vol. 10, n. 2 (29), julho de 1999a, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.
2. Arendt H. Crise da educação. In: Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1979.
3. Benjamin W. O narrador. In: Obras escolhidas. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985.
4. Cândido A. A vida ao rés do chão. In: Recortes. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
5. Deleuze G. Francis Bacon – Lógica da sensação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
6. Deleuze G & Guattari F. Kafka, para uma literatura menor. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.
7. Ferraz MC F. 2009. Imagem e clichê: reflexões intempestivas. Disponível em: <http://www.ateliedaimagem.com.br/sistema/Arquitetura/Arquivos/Biblioteca/45.pdf>
8. Ferreira M S. Investigando os rumos da disciplina escolar Ciências no Colégio Pedro II (1960-1970). Educação em Revista. Belo Horizonte, v.45 jun.2007, pp.127-144. Disponível em: <http://www.scientificcircle.com/pt/88692/investigando-ru-mos-disciplina-escolar-ciencias-colegio-pedro/>
9. Godoy A. A menor das ecologias. São Paulo: Edusp, 2008.
10. Goodson I. Competições curriculares – Estudos Ambientais versus Geografia. In: O currículo em mudança. Porto: Porto Editora, 2001.
11. Hamilton D. Notas de lugar nenhum: sobre os primórdios da escolarização moderna. In: Revista Brasileira de História da Educação, SBHE, SP: Autores Associados, janeiro/junho de 2001. Disponível em



- <http://www.sbhe.org.br/novo/rbhe/RBHE1.pdf> Acesso em 25/02/2010. Pp.45-73.
12. Hillman J. Anima Mundi. In: Cidade e alma. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
 13. Kastrup V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: Passos E e outros. Pistas do método da cartografia – pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.
 14. Kossoy B. Realidades e ficções na trama fotográfica. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
 15. Kiarostami A. Abbas Kiarostami. São Paulo: CosacNaify, 2004.
 16. Larrosa Jorge. Agamenon e seu porquero. In: Pedagogia profana – danças, piroetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
 17. Larrosa J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação, número 19, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002. [<http://www.anped.org.br/rbe19/03-bondia.pdf>]
 18. Nietzsche F. Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral. In: Nietzsche. São Paulo: Abril, 1982. (coleção: Os pensadores).
 19. Oliveira Junior WM. Como Uma Notícia Vira A Verdade - Mídia, Conhecimento e Educação. In: Boletim Pedagógico Proeb 2001- Ciências Humanas, Juiz de Fora/MG, 2002.
 20. Oliveira Junior WM; Soares ES. Fotografias didáticas e geografia escolar – entre evidências e fabulações. Revista Percursos, vol.13, n.2. novembro 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/2806>
 21. Pasolini PP. Gennariello: a linguagem pedagógica das coisas. In: Os jovens infelizes. São Paulo: Brasiliense, 1990.
 22. Pellejero E. A postulação da realidade. Lisboa: Vendaval, 2009.
 23. Rolnik S. Pensamento, corpo e devir. In: Cadernos de subjetividade. v.1, n.2. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade/PUC, 1993.
 24. Sgarbi P. Colando textos, colando imagens. In: Alves N; Sgarbi P. (orgs.). Espaços e imagens na Escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. Pp. 115-132.
 25. Sgarbi P. O valor da nota-conceito de participação: currículo-avaliação na brincadeira de ser Deus. Trabalho apresentado no GT Currículo na 29ª. Reunião anual da ANPED, out./2006.
 26. Telles JR G. Meditações sobre a desordem. Imaginário, USP, nº 3, 1996.
 27. Tragtemberg M. A escola como organização complexa, In: Educação brasileira contemporânea, MEC, 1978. Disponível em http://www.espacoacademico.com.br/012/12mt_1976.htm. Acesso em 25/02/2010.
 28. Vilela E. Michel Foucault, uma filosofia analítica do poder. Marcas, sinais e traços do silêncio. In: Claretto S e Ferrari A (orgs). Foucault, Deleuze e Educação. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2010.
 29. Vincent G; Lahire B; Thin D. Sobre a história e a teoria da forma escolar. Educação em Revista, Belo Horizonte: n. 33, junho/2001.

Projeto 6

Tema do Projeto: Não há.

Descrição:

Nesta disciplina, o estágio é de natureza curricular e compreende um total de 120 horas semestrais, divididas entre atividades supervisionadas em instituições educativas e encontros em sala de aula na universidade.

Objetivos:

Possibilitar aos estudantes contato com o trabalho profissional em diferentes instâncias educativas. Para tanto, deverão conhecer as características desse trabalho, das formas mais diversificadas possíveis, para pensarem, planejarem e desenvolverem atividades em diferentes espaços da instituição que os recebeu. Estas atividades podem ser pensadas e desenvolvidas não exclusivamente em sala de aula, nem no âmbito exclusivo de suas disciplinas curriculares, mas sim no âmbito institucional do campo de estágio.

Metodologia:

A partir de uma parceria com o corpo pedagógico da instituição e seus usuários, o estagiário deverá discutir planejar e desenvolver ações educativas que serão acompanhadas pelos profissionais que atuam no campo de estágio (supervisores de estágio) e pelos professores responsáveis pela disciplina na universidade (orientadores de estágio), seja na fase de planejamento, execução ou avaliação. Serão três os momentos deste processo:

1. Aproximação e conhecimento do campo de estágio e das ações educativas ali desenvolvidas.
2. Elaboração de plano de ação do grupo de estagiários.
3. Desenvolvimento de projeto segundo a temática "Educação para o Consumo"
4. Aplicação de minicurso em condições de sala de aula segundo

Projeto a ser realizado nos minicursos

Para a realização dos minicursos os alunos irão ser sorteados aleatoriamente para formar grupos de até cinco membros. Cada grupo irá desenvolver um projeto segundo a temática "Educação para o Consumo".

Tal projeto deverá respeitar e estar em ressonância com o "modus operandi" das instituições que os alunos farão o trabalho de campo. As instituições escolhidas pelos alunos podem ser de natureza privada ou pública e de qualquer nível escolar ou de formação.

Avaliação:

Será baseada na presença e participação dos encontros coletivos e na realização e qualidade das atividades solicitadas durante o semestre. Ainda, se prevê a apresentação do plano do minicurso e dos resultados finais.

Não se prevê também exame final para essa disciplina.



Entregas de Documentos

Devem-se entregar dois documentos ao longo do semestre, podendo ser feito em grupo.

1. Plano de realização do minicurso. Pode ser feito por e-mail. Indicar no "assunto" – Plano Estágio EL 774. Tal documento deve ser sintético, indicando:

- Nomes dos componentes do grupo
- Local de estágio
- Atividades que serão desenvolvidas
- Expectativa de resultados

2. Relatório de Estágio: Espera-se que o relatório seja descritivo, indicado, além dos dados referentes aos participantes e suas atividades e da instituição que recebeu o estágio, os aspectos positivos e negativos do processo de estágio.

Apresentação do plano dos minicursos e dos resultados

Os alunos devem preparar apresentações em *Power Point* para, nas datas previstas, divulgar o plano do minicurso e os resultados finais. As finalidades de tais apresentações são a divulgação e o debate coletivo dos planos e dos aspectos da realidade escolar encontrados nas instituições.

Bibliografia Básica:

1. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
2. Charlot B. Relação com o saber e formação de professores e globalização: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.
3. Delors J. Educação: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, 2001.
4. Libâneo JC. Organização e a gestão da escola: teoria e prática. 3. ed. Goiânia: Alternativa, 2006.
5. Lima MSL; Pimenta SG. Estágio e docência. São Paulo: Cortez, 2004.
6. Nóvoa A. (coord.). Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
7. Perrenoud P. Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas. Lisboa, Dom Quixote, 1993.
8. Pimenta SG. O Estágio na formação de professores. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2005.
9. Tardiff M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
10. Veiga IPA; Amaral AL. Formação de Professores: Políticas e debates. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

Projeto 7

Tema do Projeto: Educação integral: dimensões teórico-práticas e a educação escolar em São Paulo e no Brasil.

1. Apresentação

A partir da observação de escolas de educação básica que adotam a educação integral na Cidade de Campinas/SP ou região, os(as) alunos(as) da disciplina selecionarão uma escola para descrevê-la, contextualizá-la e analisá-la sob mediação dos conceitos-chaves e da compreensão das políticas educacionais debatidas pela disciplina, de tal forma, que na sequência do trabalho os referidos alunos desenvolverão um projeto de ensino de práticas pedagógicas, tendo como parâmetro a concepção de educação integral.

2. A importância do estágio supervisionado

As atividades do estágio supervisionado I devem representar o resultado de análises e reflexões individuais, sobre a organização da escola, tendo em vista as discussões realizadas ao longo da disciplina EL 874. Durante o estágio, o licenciando assume a responsabilidade de refletir sobre as condições de atuação dos diferentes sujeitos educativos na escola de tempo integral.

3. Objetivos do estágio

O projeto de estágio supervisionado acerca da Educação integral: dimensões teórico-prática e a educação escolar em São Paulo e no Brasil, segue os seguintes objetivos:

1. Observar e vivenciar a realidade organizacional da escola em seus aspectos pedagógico-curriculares e de gestão;
2. Criar oportunidades de adequar os conhecimentos teóricos adquiridos durante o curso da disciplina de Estágio Supervisionado I (EL 774) à prática profissional e às necessidades da instituição escolar de tempo integral;
3. Ampliar o entendimento sobre a escola de tempo integral e o sistema educacional nas suas múltiplas dimensões;
4. Da estrutura, duração e desenvolvimento do estágio.

O estágio será desenvolvido em escolas de educação básica, sendo o cumprimento da sua carga horária requisito para a aprovação na disciplina EL 774. As exigências do estágio compreendem a realização de 60h de atividades na escola mais aulas semanais e 75% de presença nas aulas combinadas em sala da disciplina. Será cumprido nas modalidades:

- 4.1 – Modalidade observação: A modalidade observação das práticas pedagógicas da docência em escolas de tempo integral pressupõe: conhecer o projeto pedagógico da escola, as atribuições e competências do diretor e demais gestores e profissionais que administram a Escola de Tempo Integral, conhecer as normas administrativas, a estrutura e o funcionamento da administração escolar, participar das reuniões pedagógicas e, por último, conhecer a proposta de trabalho docente na escola. A escolha de locais para a realização do estágio deverá levar em conta as possibilidades que possuem de oferecer vivências profissionais enriquecedoras e diversificadas.
- 4.2. – Modalidade de reflexão e elaboração do relatório final de estágio: considerado como um instrumento para a construção de conhecimentos pedagógicos e científicos, bem como uma importante ação da atividade



docente, o registro sistemático de observações, participações e experiências vivenciadas no campo de estágio, constitui o recurso básico para a sistematização da experiência prática, ou seja, a elaboração do Relatório do Estágio Curricular Supervisionado pelo estagiário. As aulas combinadas em sala de aula subsidiarão a reflexão e a elaboração do relatório final de estágio.

As atividades de Estágio requerem o uso do Registro em dois momentos:

- No primeiro momento, no ato de realização do estágio, a observação subsidia o registro apontando para os aspectos mais relevantes e significativos da realidade escolar, em especial da prática docente.
- No segundo momento, distanciado no tempo e no espaço em que as ações transcorreram, é possível um Registro que envolve uma reflexão sobre a ação. Os informes obtidos podem ser discutidos, analisados e interpretados à luz de referenciais teóricos no momento de realização do relatório do estágio.
- Providências administrativas que antecedem a realização dos Estágios pelos alunos comparecer à Escola pretendida solicitando autorização para realizar o estágio;
- apresentar-se à Escola com o Ofício de Encaminhamento para que a direção formalize sua autorização em documento próprio;
- providenciar a Folha de Freqüência anexa a este manual;
- retornar a ficha de controle de horário de estágio, devidamente assinado pelo responsável do estágio na escola, ao professor Supervisor.

5. Competências do estagiário na Escola

- apresentar-se à direção da escola ou a quem seja responsável pelo acompanhamento do estágio e solicitar permissão para acesso a documentos como: Regimento Escolar, Plano Escolar, Projeto ou Proposta Pedagógica, para conhecimento e análise;
- recorrer a profissionais responsáveis pelos diversos serviços ou setores da Escola, em caso de dúvidas ou necessidade de orientações;
- trajar-se adequadamente e com roupas condizentes com o local de trabalho educativo;
- saber ouvir atentamente, bem como aguardar momentos propícios de intervir e/ou manifestar-se;
- observar horários e regras estabelecidas, tanto em relação à administração da escola, quanto ao estágio curricular supervisionado;
- manter discrição e postura ética em relação às informações e às ações referentes à participação em atividades da escola e de realização do estágio;
- comprometer-se com a comunidade na qual se insere e com o próprio desenvolvimento pessoal e profissional;
- respeitar, em todos os sentidos, o ambiente escolar, as pessoas e as responsabilidades assumidas nesse contexto.

6. Recomendações procedimentais

A comprovação do estágio será feita mediante registro na ficha de estágio e entrega do relatório final para validação do professor segundo as orientações da SAE.

7. Registro e Relatório

O Estágio é uma atividade de natureza estritamente individual, por isso, o Relatório de suas atividades deve resultar de uma elaboração pessoal de cada estagiário.

Após o encerramento do estágio, o aluno deve apresentar o relato das atividades desenvolvidas, para análise e avaliação pelo professor supervisor.

A apresentação formal da experiência prática, ou seja, do Relatório de Estágio Curricular Supervisionado, deve constituir-se em um documento a ser apresentado em uma única via original, impresso de acordo com as normas ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

O Relatório deve ser organizado em um único documento, encadernado na seguinte ordem:

- Página de Rosto, constituída de folha impressa com identificação do aluno no modelo indicado no primeiro Anexo
- Ficha de Identificação do Aluno
- Folha(s) de Freqüência devidamente assinada pela autoridade responsável, com carimbo da Instituição e sem rasuras.
- Relatório: textos e documentos que sistematizam a experiência prática.
- Avaliação do Estágio realizado e auto-avaliação pelo aluno-estagiário

Projeto 8

Tema do Projeto: Não há

Descrição:

Ementa:

Imersão no campo de trabalho que propicie ao professor em formação inicial o contato com experiências, práticas e conhecimentos de natureza profissional, tanto na escola quanto em espaços educativos não escolares. Conhecer as características das instituições educativas no contexto socioeconômico cultural brasileiro, articulando as diferentes formas de ensino-aprendizagem, de gestão e de organização.

Objetivos:

Durante o Estágio Supervisionado I, os estudantes deverão produzir, em grupos de até 4 componentes, uma pesquisa exploratória por meio da qual serão articuladas as dimensões da pesquisa, da teoria e da observação da prática educativa.

Os campos de investigação deverão ser, preferencialmente, escolas de Ensino Fundamental e Ensino Médio. Deverão ser evitadas instituições nas quais o aluno trabalha e/ou estudou.

Serão estimuladas as abordagens comparativas.

Os projetos de pesquisa exploratória do estágio deverão, prioritariamente, abordar os seguintes temas:

- relações entre desigualdades sociais, econômicas, culturais e urbanas e desigualdades educacionais;
- relação de docentes, estudantes e familiares com a escola e os saberes escolares;
- trabalho docente: o prescrito, o realizado e o possível.

Avaliação



Os alunos serão avaliados pelos seguintes quesitos:

- cumprimento das horas de atividade no campo de estágio;
- frequência nas sessões de orientação e nos dias de seminário;
- realização das atividades parciais (pré-projeto, apresentações para o grupo e leituras teóricas);
- apresentação dos resultados para o grupo;
- relatório final.

Bibliografia:

Cada grupo organizará uma bibliografia específica a partir de seu objeto de investigação. As obras relacionadas abaixo cumprem o papel de introduzir o aluno nos principais debates da disciplina.

1. Bourdieu P. Escritos de educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
2. Champagne P; Lenoir R; Merlié D; Pinto L. Iniciação à prática sociológica. Petrópolis, RJ: Ed Vozes, 1996.
3. Charlot B. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre : ArtMed, 2000.
4. Duru-Bellat M; Van Zanten, Agnès. Sociologie de l'école. Paris: Armand Colin, 1999.
5. Forquin J-C. Escola e cultura : as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre : Artes Médicas, 1993. [Introdução e Conclusão].
6. Forquin J-C. Sociologia da Educação: dez anos de pesquisas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
7. Luna S. Planejamento de pesquisa: uma introdução. São Paulo: Educ (várias edições)
8. Machado AR. O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva. Londrina, EdUEL, 2004.
9. Nogueira MA; Catani A (Orgs.). Pierre Bourdieu: Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 2008
10. Van Zanten A. (Org.). Dicionário de Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
11. Williams R. Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.

Projeto 9

Tema do Projeto: A organização do trabalho pedagógico e a constituição e autorreflexão acerca do ser professor

Ementa e Objetivos:

Imersão no campo de trabalho, que propicie ao professor, em formação inicial, o contato com experiências, práticas e conhecimentos de natureza profissional, tanto na escola quanto em espaços educativos não escolares. Conhecer as características das instituições educativas no contexto socioeconômico cultural brasileiro, articulando as diferentes formas de ensino-aprendizagem, de gestão e de organização.

A disciplina propõe:

- Orientação, supervisão, reflexão e discussão acerca da construção da identidade do estudante universitário que deseja ser professor;
- Vivenciar, compreender, analisar e refletir acerca das contribuições da Psicologia Educacional para a formação do professor;
- Participação no cotidiano da escola para observar e compreender os diversos elementos que constituem a atividade do professor, tendo em vista o planejamento e o desenvolvimento de atividades pedagógicas no campo de estágio.
 - Nível/ Modalidade: Ensino Fundamental II e Médio
 - Campo de estágio:

As atividades de estágio estarão concentradas em duas escolas – sendo uma escola municipal de Ensino Fundamental e uma escola técnica estadual de Ensino Médio. 60 hs/supervisão + 60 hs/estágio em campo.

Atividades previstas

As atividades previstas durante o estágio incluem a observação da instituição escolar, entrevista com professores/alunos, diretores e/ou coordenadores. A partir do contexto escolar observado os alunos serão orientados à elaboração de planos de aula e realização práticas pedagógicas. Estimular-se-á a análise das próprias práticas e das práticas de alunos do ensino fundamental e médio que facilitam e ou dificultam o processo de aprendizagem e desenvolvimento acadêmico, bem como a identificação não só dos aspectos que podem ser melhorados nos diversos âmbitos do cotidiano escolar, mas também de estratégias para o enfrentamento dos problemas encontrados.

Metodologia:

Atividades práticas, vivenciais e autorreflexivas, preparação de aulas e oficinas. Exposição dialogada; trabalhos em grupo e individuais; debates.

Bibliografia Básica:

Parte I – A organização do trabalho pedagógico



1. Azanha JMP. Uma reflexão sobre a didática. In: _____ . Educação: alguns escritos. São Paulo: Nacional, 1987.
2. Hernandez F; Ventura M; Rodrigues JH. (Org.). A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio. 5. ed. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1998.
3. Oliveira MK. Pensar a educação: Contribuições de Vygotsky. In: Castorina JA; Ferreiro E; Lerner D; Oliveira MK. de. Piaget –Vygotsky: novas contribuições para o debate. 6.ed. 4.reimpr. São Paulo: Ática, 2002.
4. Silva LH A; Schnetzler RP. O discurso pedagógico de um professor e a elaboração de conhecimentos científicos. Ens. Pesqui. Educ. Ciênc., Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 67-86, jun. 2009.
5. Smolka ALB; Laplane ALF; Nogueira ALH; Braga ES. As relações de ensino na escola In: Temas em debate: Multieducação. Rio de Janeiro: SMERJ, 2007, v.1, p. 1-21.
6. Veiga IPA. (Org.). Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas. Campinas, SP: Papyrus, 2008. – CAP 10 Parte II – Reflexões acerca das Contribuições da Psicologia Educacional, com base na Perspectiva da Aprendizagem Autoregulada, para a atuação docente, no contexto educativo
7. Azzi RG; Polydoro, S. A. J. (2006). Auto-eficácia em diferentes contextos. Campinas, SP: Editora Alínea.
8. Boruchovitch, E; Bzuneck JA. (Orgs.). Aprendizagem: processos psicológicos e o contexto social na escola. Rio de Janeiro: Vozes, 2010, 2ª edição.
9. Boruchovitch E; Bzuneck JA. (Orgs.). Motivação do Aluno: Contribuições da Psicologia Contemporânea. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009, 4ª edição.
10. Boruchovitch E; Bzuneck JÁ; Guimarães SER. (2010). Motivação para Aprender: Aplicações no Contexto Educativo. Editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro p.254. ISBN 978-85-326-3934-9.
11. Coll C; Palácios J; Marchesi A. (Orgs). Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia da Educação Escolar. Vol. 2. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004, 2ª Edição.
12. Sisto FF; Oliveira GC; Fini LDT. (2000): Leituras de Psicologia para formação de Professores. Ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro.

Projeto 10

Tema do Projeto: Não há

Ementa:

O professor em formação conhecerá os processos que envolvem a organização e gestão do trabalho dentro da escola diante da legislação e das atuais políticas educacionais. Propõe a imersão do estagiário no cotidiano das escolas da rede pública de ensino por meio do acompanhamento do trabalho da equipe escolar e da colaboração com as atividades desenvolvidas pela equipe gestora e pelos professores (Diretor, vice-diretor e Coordenador). Serão analisadas as relações de trabalho no âmbito das escolas e dos sistemas de ensino a partir de temas como: autonomia, gestão democrática e avaliação da escola. Pretende-se ainda, criar espaço para discussão e diálogo entre estagiário, orientador e supervisor de estágio sobre os significados do trabalho, a identidade, a subjetividade, a saúde e a qualidade de vida na docência.

Objetivo Geral:

Conhecer os processos que envolvem a gestão e a organização do trabalho no sistema de ensino e na escola a partir do acompanhamento, observação, bem como, colaboração com as práticas de gestão desenvolvidas pelos membros da equipe gestora (direção e coordenação) e professores no campo de estágio.

Objetivos específicos:

- Propiciar a vivência dos alunos no processo de organização da unidade escolar em suas dimensões pedagógicas, políticas e administrativa, considerando a perspectiva dos membros da equipe escolar;
 - Conhecer as trajetórias profissionais dos membros da equipe escolar (diretor, vice, coordenador e professores);
 - Discutir o papel do trabalho na construção da identidade profissional;
 - Compreender a gestão escolar na educação básica relacionada ao conjunto de transformações no âmbito da política educativa e seus efeitos no trabalho da equipe escolar;
 - Analisar a organização e as relações de trabalho na escola;
 - Discutir a questão da autonomia da escola e do trabalho da equipe escolar frente aos modelos de avaliação da qualidade por metas, objetivos e ganhos de produtividade;
- Discutir os significados e os sentidos do trabalho na educação.

Programa de trabalho:

1. Colaboração, acompanhamento e observação das atividades desenvolvidas na escola pela equipe gestora e professores;
2. Coleta de documentos e depoimentos orais (direção, coordenação e professor da área de formação);
3. Elaboração de relatório de estágio com a caracterização da escola, descrição das atividades desenvolvidas e a realidade do trabalho na escola em diálogo com textos debatidos em sala de aula;

Unidade I - Gestão e organização do trabalho na unidade escolar.

A profissão e trabalho docente. A construção política da profissão docente. Análise das mudanças no modelo de gestão escolar no contexto das reformas educacionais; A valorização do trabalho docente: questões atuais; Estudo das novas demandas à educação e o papel de escola; análise dos conceitos de gestão e administração escolar; O discurso da qualidade e avaliação da escola por metas e objetivos; a autonomia e a gestão democrática; descentralização e desconcentração e; mudanças no trabalho e na organização do trabalho na escola.

Unidade II – Trajetórias profissionais e o trabalho da equipe escolar.

O trabalho e a profissão na prática cotidiana; a trajetória formativa e o exercício da profissão; o trabalho prescrito e o trabalho real do diretor, do coordenador e do professor; trabalho e as condições reais de trabalho da equipe escolar; o trabalho na escola e a violência; estudo da legislação correspondente aos cargos, funções e atribuições; acompanhamento e descrição das atividades desenvolvidas; as diferentes áreas de atuação e as práticas de gestão (ações de natureza técnico-administrativa e pedagógico-curricular); as relações de trabalho no âmbito do sistema de ensino e da escola; as relações com a comunidade, superiores, e os pares; as possibilidades e limites do trabalho coletivo no espaço da escola; envolvimento nos aspectos da gestão e; os significados do trabalho na educação; saúde e qualidade de vida no trabalho.

Metodologia:

Aulas expositivas, trabalhos em grupo, seminários temáticos, depoimentos, atividades práticas e observação do campo de estágio.

Avaliação:



A avaliação será realizada por meio da participação em seminários e do relatório de estágio.

Bibliografia:

1. Abramovav M et al (2006) – Cotidiano das escolas: entre violências. Brasil: UNESCO-MEC. <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001452/145265por.pdf>
2. Almeida MIN. O desenvolvimento profissional, formação contínua e sindicato de professores In: _____ . O sindicato como instância formadora dos professores: novas contribuições ao desenvolvimento profissional. 1999, p.1-30. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
3. Cavaco MH. O ofício do professor: o tempo e as mudanças. In: NÓVOA, A (org.) Profissão professor. Lisboa: Porto, 1995, p.155-177.
4. Aquino J. (1998) – A violência escolar e a crise da autoridade docente. Cadernos do Cedes. Ano XIX, n. 47.
5. APEOESP. Violência nas Escolas: uma visão dos delegados da Apeoesp. Pesquisa DIEESE/Apeoesp.2007. www.apeoesp.org.br/hotsite/observatorio/relat_violencia_escola.doc
6. Basso I. Significado e sentido do trabalho docente. Cadernos do CEDES. Vol.19, n.44. Campinas. 1998.
7. Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil. 18.ed.,atualizada e ampliada. São Paulo: Saraiva, 1998.
8. _____. Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional. Lei n. 9394 de 20 dez de 1996.
9. Codo W. Educação: Carinho e Trabalho. Ed. Vozes.1999.
10. Costa MV. Trabalho docente e profissionalismo. Porto Alegre, Sulina, 1995.
11. Enguita M. A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo. Porto Alegre: Artes Médicas.1989
12. Esteve JM. O mal-estar docente; a sala de aula e a saúde dos professores. São Paulo: EDUSC. 1999.
13. Freitas LC. Políticas de avaliação no Estado de São Paulo: o controle do professor como ocultação do descaso. Educação e Cidadania, v.8, n.1, 2009.
14. Gaulejac V. Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. 2ed. Aparecida: Ideias & Letras. 2011.
15. Guimarães AM. Vigilância, punição e depreciação escolar. Campinas: Papirus, 1985.
16. Heloani R; Piolli E. Educação, economia e Reforma do Estado: algumas reflexões sobre a gestão e o trabalho na educação. Revista Apase, n.11, p.14-21, maio 2010.
17. Heloani R; Capitão C. "Identidade como grupo, o grupo como identidade", in Aletheia, n. 26. Canoas, ULB, 2007, pp.50-61.
18. Heloani R. Gestão e organização no capitalismo globalizado: história da manipulação psicológica no mundo do trabalho. São Paulo: Atlas, 2003.
19. _____. Organizações qualificantes ou neurotizantes ? In: Revista pró-posições. Vol.8 nº 3, pp. 147-152. Nov de 1997.
20. Huberman M. O ciclo da vida profissional dos professores. In: Nóvoa A. Vidas de professores. Lisboa: Porto Editora, 1992, p.31-61.
21. _____. Dificuldades de professores iniciantes: elementos para um curso de didática. 1995. 197f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995.
22. Hypolito ÁM. Processo de trabalho na escola: Algumas categorias para análise. Teoria & Educação, n. 4, Porto Alegre, RS: Pannonica Editora Ltda.1991. p. 3- 21.
23. Jáen MJ. Os docentes e a racionalização do trabalho em educação: Elementos para uma crítica da teoria da proletarianização dos docentes. Teoria & Educação. N. 4, Porto Alegre, RS: Pannonica Editora Ltda. 1991. p.74-91.
24. Libâneo JC; Oliveira JF; Toschi MS. Educação Escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2005.
25. Libâneo JC. Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática. 3a Edição, Goiânia: Editora Alternativa, 2001.
26. Lima LC. A escola como organização educativa. 3 ed. São Paulo: Cortez. 2008.
27. Nóvoa A. (org.) Profissão Professor. Lisboa: Porto, 1995.
28. Oliveira D. Os trabalhadores da educação e a construção política da profissão docente no Brasil. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. especial 1, p. 17-35, 2010. Editora UFPR.
29. Oliveira DA. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. Educação & Sociedade, Campinas, v. 25, n 89, p. 1127-1144, Set./Dez. 2004.
30. Oliveira DA. Mudanças na organização e na gestão do trabalho na escola. In. Oliveira DA; Rosar FF. (orgs). Política e gestão da educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. pp. 125-143.
31. Paro VH. Por dentro da escola pública. São Paulo: Xamã, 2006.
32. Silva Junior JR; Ferretti CJ. O institucional, a organização e a cultura da escola. São Paulo: Xamã. 2004. Pp.49-81.
33. Silva EP; Heloani R. "Gestão educacional e trabalho docente: aspectos sócio-culturais dos processos de saúde-doença", in Revista HISTEDBR, n. 23, 2009, pp. 207-27.
34. Tardif M. Saberes, tempo e aprendizagem do Magistério. In: Saberes docentes e formação de professores. Petrópolis: Vozes, 2001, p.56-111
35. Torres RM. Melhorar a qualidade da educação básica? As estratégias do Banco Mundial. In: Tommasi L; Warde MJ; Haddad S(Orgs.) O Banco Mundial e as políticas educacionais. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998. p. 125-186.

Projeto 11

Tema do Projeto: Educação integral: dimensões teórico-práticas e a educação escolar em São Paulo e no Brasil.

Apresentação:



A partir da observação de escolas de educação básica que adotam a educação integral na Cidade de Campinas/SP ou região, os(as) alunos(as) da disciplina selecionarão uma escola para descrevê-la, contextualizá-la e analisá-la sob mediação dos conceitos-chaves e da compreensão das políticas educacionais debatidas pela disciplina, de tal forma, que na sequência do trabalho os referidos alunos desenvolverão um projeto de ensino de práticas pedagógicas, tendo como parâmetro a concepção de educação integral.

A importância do estágio supervisionado

As atividades do estágio supervisionado I devem representar o resultado de análises e reflexões individuais, sobre a organização da escola, tendo em vista as discussões realizadas ao longo da disciplina EL 774. Durante o estágio, o licenciando assume a responsabilidade de refletir sobre as condições de atuação dos diferentes sujeitos educativos na escola de tempo integral.

Objetivos do estágio

O projeto de estágio supervisionado acerca da Educação integral: dimensões teórico-prática e a educação escolar em São Paulo e no Brasil, segue os seguintes objetivos:

1. Observar e vivenciar a realidade organizacional da escola em seus aspectos pedagógico-curriculares e de gestão;
2. Criar oportunidades de adequar os conhecimentos teóricos adquiridos durante o curso da disciplina de Estágio Supervisionado I (EL 774) à prática profissional e às necessidades da instituição escolar de tempo integral;
3. Ampliar o entendimento sobre a escola de tempo integral e o sistema educacional nas suas múltiplas dimensões;
4. Da estrutura, duração e desenvolvimento do estágio.

O estágio será desenvolvido em escolas de educação básica, sendo o cumprimento da sua carga horária requisito para a aprovação na disciplina EL 774. As exigências do estágio compreendem a realização de 60h de atividades na escola mais aulas semanais e 75% de presença nas aulas combinadas em sala de disciplina. Será cumprido nas modalidades:

4.1 – Modalidade observação: A modalidade observação das práticas pedagógicas da docência em escolas de tempo integral pressupõe: conhecer o projeto pedagógico da escola, as atribuições e competências do diretor e demais gestores e profissionais que administram a Escola de Tempo Integral, conhecer as normas administrativas, a estrutura e o funcionamento da administração escolar, participar das reuniões pedagógicas e, por último, conhecer a proposta de trabalho docente na escola. A escolha de locais para a realização do estágio deverá levar em conta as possibilidades que possuem de oferecer vivências profissionais enriquecedoras e diversificadas.

4.2. – Modalidade de reflexão e elaboração do relatório final de estágio: considerado como um instrumento para a construção de conhecimentos pedagógicos e científicos, bem como uma importante ação da atividade docente, o registro sistemático de observações, participações e experiências vivenciadas no campo de estágio, constitui o recurso básico para a sistematização da experiência prática, ou seja, a elaboração do Relatório do Estágio Curricular Supervisionado pelo estagiário. As aulas combinadas em sala de aula subsidiarão a reflexão e a elaboração do relatório final de estágio.

As atividades de Estágio requerem o uso do Registro em dois momentos:

- No primeiro momento, no ato de realização do estágio, a observação subsidia o registro apontando para os aspectos mais relevantes e significativos da realidade escolar, em especial da prática docente.
- No segundo momento, distanciado no tempo e no espaço em que as ações transcorreram, é possível um Registro que envolve uma reflexão sobre a ação. Os informes obtidos podem ser discutidos, analisados e interpretados à luz de referenciais teóricos no momento de realização do relatório do estágio.

5. Providências administrativas que antecedem a realização dos Estágios pelos alunos

- comparecer à Escola pretendida solicitando autorização para realizar o estágio;
- apresentar-se à Escola com o Ofício de Encaminhamento para que a direção formalize sua autorização em documento próprio;
- providenciar a Folha de Frequência anexa a este manual;
- retornar a ficha de controle de horário de estágio, devidamente assinado pelo responsável do estágio na escola, ao professor Supervisor.

6. Competências do estagiário na Escola

- apresentar-se à direção da escola ou a quem seja responsável pelo acompanhamento do estágio e solicitar permissão para acesso a documentos como: Regimento Escolar, Plano Escolar, Projeto ou Proposta Pedagógica, para conhecimento e análise;
- recorrer a profissionais responsáveis pelos diversos serviços ou setores da Escola, em caso de dúvidas ou necessidade de orientações;
- trajar-se adequadamente e com roupas condizentes com o local de trabalho educativo;
- saber ouvir atentamente, bem como aguardar momentos propícios de intervir e/ou manifestar-se;
- observar horários e regras estabelecidas, tanto em relação à administração da escola, quanto ao estágio curricular supervisionado;
- manter discrição e postura ética em relação às informações e às ações referentes à participação em atividades da escola e de realização do estágio;
- comprometer-se com a comunidade na qual se insere e com o próprio desenvolvimento pessoal e profissional;
- respeitar, em todos os sentidos, o ambiente escolar, as pessoas e as responsabilidades assumidas nesse contexto.

7. Recomendações procedimentais

- A comprovação do estágio será feita mediante registro na ficha de estágio e entrega do relatório final para validação do professor segundo as orientações da SAE.

8. Registro e Relatório

O Estágio é uma atividade de natureza estritamente individual, por isso, o Relatório de suas atividades deve resultar de uma elaboração pessoal de cada estagiário.

Após o encerramento do estágio, o aluno deve apresentar o relato das atividades desenvolvidas, para análise e avaliação pelo professor supervisor.

A apresentação formal da experiência prática, ou seja, do Relatório de Estágio Curricular Supervisionado, deve constituir-se em um documento a ser apresentado em uma única via original, impresso de acordo com as normas ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

O Relatório deve ser organizado em um único documento, encadernado na seguinte ordem:



- Página de Rosto, constituída de folha impressa com identificação do aluno no modelo indicado no primeiro Anexo
- Ficha de Identificação do Aluno
- Folha(s) de Freqüência devidamente assinada pela autoridade responsável, com carimbo da Instituição e sem rasuras.
- Relatório: textos e documentos que sistematizam a experiência prática.
- Avaliação do Estágio realizado e auto-avaliação pelo aluno-estagiário.

Projeto 12

Tema do Projeto: Não há.

Ementa:

O professor em formação conhecerá os processos que envolvem a organização e gestão do trabalho dentro da escola diante da legislação e das atuais políticas educacionais. Propõe a imersão do estagiário no cotidiano das escolas da rede pública de ensino por meio do acompanhamento do trabalho da equipe escolar e da colaboração com as atividades desenvolvidas pela equipe gestora e pelos professores (Diretor, vice-diretor e Coordenador). Serão analisadas as relações de trabalho no âmbito das escolas e dos sistemas de ensino a partir de temas como: autonomia, gestão democrática e avaliação da escola. Pretende-se ainda, criar espaço para discussão e diálogo entre estagiário, orientador e supervisor de estágio sobre os significados do trabalho, a identidade, a subjetividade, a saúde e a qualidade de vida na docência.

Objetivo Geral:

Conhecer os processos que envolvem a gestão e a organização do trabalho no sistema de ensino e na escola a partir do acompanhamento, observação, bem como, colaboração com as práticas de gestão desenvolvidas pelos membros da equipe gestora (direção e coordenação) e professores no campo de estágio.

Objetivos específicos:

- Propiciar a vivência dos alunos no processo de organização da unidade escolar em suas dimensões pedagógicas, políticas e administrativa, considerando a perspectiva dos membros da equipe escolar;
- Conhecer as trajetórias profissionais dos membros da equipe escolar (diretor, vice, coordenador e professores);
- Discutir o papel do trabalho na construção da identidade profissional;
- Compreender a gestão escolar na educação básica relacionada ao conjunto de transformações no âmbito da política educativa e seus efeitos no trabalho da equipe escolar;
- Analisar a organização e as relações de trabalho na escola;
- Discutir a questão da autonomia da escola e do trabalho da equipe escolar frente aos modelos de avaliação da qualidade por metas, objetivos e ganhos de produtividade;
- Discutir os significados e os sentidos do trabalho na educação.

Programa de trabalho:

1. Colaboração, acompanhamento e observação das atividades desenvolvidas na escola pela equipe gestora e professores;
2. Coleta de documentos e depoimentos orais (direção, coordenação e professor da área de formação);
3. Elaboração de relatório de estágio com a caracterização da escola, descrição das atividades desenvolvidas e a realidade do trabalho na escola em diálogo com textos debatidos em sala de aula;

Unidade I - Gestão e organização do trabalho na unidade escolar.

A profissão e trabalho docente. A construção política da profissão docente. Análise das mudanças no modelo de gestão escolar no contexto das reformas educacionais; A valorização do trabalho docente: questões atuais; Estudo das novas demandas à educação e o papel de escola; análise dos conceitos de gestão e administração escolar; O discurso da qualidade e avaliação da escola por metas e objetivos; a autonomia e a gestão democrática; descentralização e desconcentração e; mudanças no trabalho e na organização do trabalho na escola.

Unidade II – Trajetórias profissionais e o trabalho da equipe escolar

O trabalho e a profissão na prática cotidiana; a trajetória formativa e o exercício da profissão; o trabalho prescrito e o trabalho real do diretor, do coordenador e do professor; trabalho e as condições reais de trabalho da equipe escolar; o trabalho na escola e a violência; estudo da legislação correspondente aos cargos, funções e atribuições; acompanhamento e descrição das atividades desenvolvidas; as diferentes áreas de atuação e as práticas de gestão (ações de natureza técnico-administrativa e pedagógico-curricular); as relações de trabalho no âmbito do sistema de ensino e da escola; as relações com a comunidade, superiores, e os pares; as possibilidades e limites do trabalho coletivo no espaço da escola; envolvimento nos aspectos da gestão e; os significados do trabalho na educação; saúde e qualidade de vida no trabalho.

Metodologia:

Aulas expositivas, trabalhos em grupo, seminários temáticos, depoimentos, atividades práticas e observação do campo de estágio.

Avaliação:

A avaliação será realizada por meio da participação em seminários e do relatório de estágio.

Bibliografia:

1. Abramov M. et al., (2006) – Cotidiano das escolas: entre violências. Brasil: UNESCO-MEC. <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001452/145265por.pdf>
2. Almeida MIN. O desenvolvimento profissional, formação contínua e sindicato de professores In: _____ . O sindicato como instância formadora dos professores: novas contribuições ao desenvolvimento profissional. 1999, p.1-30. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
3. Cavaco MH. O ofício do professor: o tempo e as mudanças. In: Nóvoa A (org.) Profissão professor. Lisboa: Porto, 1995, p.155-177.
4. Aquino J. (1998) – A violência escolar e a crise da autoridade docente. Cadernos do Cedes. Ano XIX, n. 47.
5. APEOESP. Violência nas Escolas: uma visão dos delegados da Apeoesp. Pesquisa DIEESE/Apeoesp.2007. www.apeoesp.org.br/hotsite/observatorio/relat_violencia_escola.doc



6. Basso I. Significado e sentido do trabalho docente. Cadernos do CEDES. Vol.19, n.44. Campinas. 1998.
7. Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil. 18. ed., atualizada e ampliada. São Paulo: Saraiva, 1998.
8. _____. Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional. Lei n. 9394 de 20 dez de 1996.
9. Codo W. Educação: Carinho e Trabalho. Ed. Vozes.1999.
10. Costa MV. Trabalho docente e profissionalismo. Porto Alegre, Sulina, 1995.
11. Enguita M. A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo. Porto Alegre: Artes Médicas.1989
12. Esteve JM. O mal-estar docente; a sala de aula e a saúde dos professores. São Paulo: EDUSC. 1999.
13. Freitas LC. Políticas de avaliação no Estado de São Paulo: o controle do professor como ocultação do descaso. Educação e Cidadania, v.8, n.1, 2009.
14. Gaulejac V. Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. 2ed. Aparecida: Ideias & Letras. 2011.
15. Guimaráes AM. Vigilância, punição e depredação escolar. Campinas: Papyrus, 1985.
16. Heloani R; Piolli E. Educação, economia e Reforma do Estado: algumas reflexões sobre a gestão e o trabalho na educação. Revista Apase, n.11, p.14-21, maio 2010.
17. Heloani R; Capitão C. "Identidade como grupo, o grupo como identidade", in Aletheia, n. 26. Canoas, ULB, 2007, pp.50-61.
18. Heloani R. Gestão e organização no capitalismo globalizado: história da manipulação psicológica no mundo do trabalho. São Paulo: Atlas, 2003.
19. _____. R. Organizações qualificantes ou neurotizantes ? In: Revista pró-posições. Vol.8 nº 3, pp. 147-152. Nov de 1997.
20. Huberman M. O ciclo da vida profissional dos professores. In: Nóvoa A. Vidas de professores. Lisboa: Porto Editora, 1992, p.31-61.
21. _____. Dificuldades de professores iniciantes: elementos para um curso de didática. 1995. 197f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995.
22. Hypolito ÁM. Processo de trabalho na escola: Algumas categorias para análise. Teoria & Educação, n. 4, Porto Alegre, RS: Pannonica Editora Ltda. 1991. p. 3- 21.
23. Jáen MJ. Os docentes e a racionalização do trabalho em educação: Elementos para uma crítica da teoria da proletarianização dos docentes. Teoria & Educação. N. 4, Porto Alegre, RS: Pannonica Editora Ltda. 1991. p.74-91.
24. Libâneo JC; Oliveira JF; Toschi MS. Educação Escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2005.
25. Libâneo JC. Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática. 3a Edição, Goiânia: Editora Alternativa, 2001.
26. Lima LC. A escola como organização educativa.3 ed. São Paulo: Cortez. 2008.
27. Nóvoa A. (org.) Profissão Professor. Lisboa: Porto, 1995.
28. Oliveira D. Os trabalhadores da educação e a construção política da profissão docente no Brasil. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. especial 1, p. 17-35, 2010. Editora UFPR.
29. Oliveira DA. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. Educação & Sociedade, Campinas, v. 25, n 89, p. 1127-1144, Set./Dez. 2004.
30. Oliveira DA. Mudanças na organização e na gestão do trabalho na escola. In. Oliveira DA; Rosar FF. (orgs). Política e gestão da educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. pp. 125-143.
31. Paro VH. Por dentro da escola pública. São Paulo: Xamã, 2006.
32. Silva Junior JR; Ferretti CJ. O institucional, a organização e a cultura da escola. São Paulo: Xamã. 2004. Pp.49-81.
33. Silva EP; Heloani R. "Gestão educacional e trabalho docente: aspectos sócio-culturais dos processos de saúde-doença", in Revista HISTEDBR, n. 23, 2009, pp. 207-27.
34. Tardif M. Saberes, tempo e aprendizagem do Magistério. In: Saberes docentes e formação de professores. Petrópolis: Vozes, 2001, p.56-111
35. Torres RM. Melhorar a qualidade da educação básica? As estratégias do Banco Mundial. In: Tommasi L; Warde MJ; Haddad S (Orgs.) O Banco Mundial e as políticas educacionais. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998. p. 125-186.

Projeto 13

Tema do Projeto: A inclusão do aluno surdo, ou com deficiência, no Ensino Fundamental e Médio

Objetivos:

Refletir sobre a prática docente em situações escolares de alunos surdos, ou com deficiência, no ensino regular. Os estágios devem acontecer, prioritariamente, em escolas públicas, onde estão matriculados alunos surdos ou com deficiência. Carga de estágio obrigatória: 60 horas.

Público Alvo:

Alunos de licenciatura Modalidade de Ensino:

Fundamental II e Ensino Médio

Bibliografia básica:

(sujeito a alteração conforme a turma)

1. ETD - Educação Temática Digital - vol. v. 7, n. 2 (2006) - Número Temático: "Educação de Surdos e Língua de Sinais", disponível em: <http://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/issue/view/133/showToc>



2. Gesser A. Libras? Que língua é essa? São Paulo: Parábola, 2009.
3. Lins HM. (org). Experiências docentes ligadas à educação de surdos: aspectos de formação. Campinas: Leitura Crítica, 2012.

Projeto 14

Tema do Projeto: Não há.

Ementa:

Imersão no campo de trabalho que propicie ao professor em formação inicial o contato com experiências, práticas e conhecimentos de natureza profissional, tanto na escola quanto em espaços educativos não escolares. Conhecer as características das instituições educativas no contexto socioeconômico cultural brasileiro, articulando as diferentes formas de ensino-aprendizagem, de gestão e de organização.

Objetivos:

Durante o Estágio Supervisionado I, os estudantes deverão produzir, em grupos de até 4 componentes, uma pesquisa exploratória por meio da qual serão articuladas as dimensões da pesquisa, da teoria e da observação da prática educativa.

Os campos de investigação deverão ser, preferencialmente, escolas de Ensino Fundamental e Ensino Médio. Deverão ser evitadas instituições nas quais o aluno trabalha e/ou estudou.

Serão estimuladas as abordagens comparativas.

Os projetos de pesquisa exploratória do estágio deverão, prioritariamente, abordar os seguintes temas:

- relações entre desigualdades sociais, econômicas, culturais e urbanas e desigualdades educacionais;
- relação de docentes, estudantes e familiares com a escola e os saberes escolares;
- trabalho docente: o prescrito, o realizado e o possível.

Avaliação:

Os alunos serão avaliados pelos seguintes quesitos:

- cumprimento das horas de atividade no campo de estágio;
- frequência nas sessões de orientação e nos dias de seminário;
- realização das atividades parciais (pré-projeto, apresentações para o grupo e leituras teóricas);
- apresentação dos resultados para o grupo;
- relatório Final.

Bibliografia:

Cada grupo organizará uma bibliografia específica a partir de seu objeto de investigação. As obras relacionadas abaixo cumprem o papel de introduzir o aluno nos principais debates da disciplina.

1. Bourdieu P. Escritos de educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
2. Champagne P; Lenoir Ri; Merlié D; Pinto L. Iniciação à prática sociológica. Petrópolis, RJ: Ed Vozes, 1996.
3. Charlot B. Da relação com o saber : elementos para uma teoria. Porto Alegre: ArtMed, 2000.
4. Duru-Bellat M; Van Zanten A. Sociologie de l'école. Paris: Armand Colin, 1999.
5. Forquin Jean-Claude. Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. [Introdução e Conclusão].
6. Forquin Jean-Claude. Sociologia da Educação: dez anos de pesquisas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
7. Luna S. Planejamento de pesquisa: uma introdução. São Paulo: Educ (várias edições)
8. Machado AR. O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva. Londrina, EdUEL, 2004.
9. Nogueira MA; Catani A (Orgs.). Pierre Bourdieu: Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 2008
10. Van Zanten A. (Org.). Dicionário de Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
11. Williams R. Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.

Projeto 15

Tema do Projeto: Não há

Ementa:

Imersão no campo de trabalho, que propicie ao professor, em formação inicial, o contato com experiências, práticas e conhecimentos de natureza profissional, tanto na escola quanto em espaços educativos não escolares. Conhecer as características das instituições educativas no contexto socioeconômico cultural brasileiro, articulando as diferentes formas de ensino- aprendizagem, de gestão e de organização.

Objetivos:

- Possibilitar aos estudantes contato com o trabalho profissional desenvolvido no contexto escolar, por meio de observação, acompanhamento e desenvolvimento conjunto de propostas de ação com os professores das escolas (supervisores de estágio), numa dimensão coletiva e interdisciplinar; para tanto, deverão conhecer as características desse trabalho, das formas mais diversificadas possíveis, para pensar, planejar e desenvolver atividades na instituição que os recebeu; tais atividades podem ser desenvolvidas tanto em sala de aula nas diferentes disciplinas curriculares, como em outros espaços educativos dentro do campo de estágio, sempre com a supervisão dos profissionais da escola.
- Refletir coletivamente sobre as diversas experiências de estágio.

Metodologia:

- O curso será desenvolvido por meio de atividades individuais e em grupo, tomando como referência para as reflexões: textos, imagens, registros e as diversas experiências de estágio realizadas nas escolas.



- O curso terá 4 horas de atividade semanal na universidade e 4 horas semanais (num mesmo período) de estágio na escola.
 - Os estágios deverão ser realizados em escolas da cidade de Campinas e em grupos (2 a 4 integrantes) formados por estudantes de diferentes cursos. Poderão ser realizados em diferentes níveis da educação básica (educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos).
 - No que se refere especificamente à inserção nos campos de estágio, esse processo ocorrerá em dois momentos:
 1. aproximação e conhecimento da escola e das ações educativas ali desenvolvidas;
 2. elaboração e desenvolvimento de um plano de ação do grupo de estagiários em conjunto com os profissionais da escola, o qual será apresentado e discutido coletivamente nas aulas na universidade.
 - Os temas abordados em aula englobam: planejamento no contexto escolar; registro da prática docente; escola e relações humanas; corpo e arte na escola; relações de gênero; entre outros a serem definidos com a própria turma.
 - Será utilizado o Ambiente Virtual de Aprendizagem.
- Avaliação:**
- Frequência (assiduidade e pontualidade) e participação.
 - Realização das atividades solicitadas durante o semestre: produções escritas, relatos de estágio, planos de ação, relatório final de estágio, entre outras.
 - Auto-avaliação por escrito.

Projeto 16

Tema do Projeto: Escola e Juventude: uma relação conflituosa

Ementa:

Imersão no campo de trabalho, que propicie ao professor, em formação inicial, o contato com experiências, práticas e conhecimentos de natureza profissional, tanto na escola quanto em espaços educativos não escolares. Conhecer as características das instituições educativas no contexto socioeconômico cultural brasileiro, articulando as diferentes formas de ensino-aprendizagem, de gestão e de organização.

Projeto 17

Tema do Projeto: Não há.

Objetivos:

Possibilitar aos/as estudantes contato com o trabalho escolar em suas diferentes dimensões, conhecendo melhor o ambiente da escola e suas vinculações com a sociedade e a política educacional vigentes. Para tanto, dever-se-á conhecer mais sobre: as características gerais desse trabalho, seus fundamentos sociais e históricos, o público que frequenta a instituição, as condições de trabalho dos/as profissionais, os processos de ensino-aprendizagem, as dimensões de organização, planejamento, gestão e avaliação do ensino.

As atividades poderão ser desenvolvidas não apenas em sala de aula, ou no âmbito exclusivo de suas áreas de conhecimento (disciplinas), mas sim no âmbito institucional de modo geral. Elas envolvem o acompanhamento, a observação e a colaboração com as práticas desenvolvidas pelos profissionais da escola.

Metodologia:

- Nas 60h de sala de aula, as atividades serão divididas em quatro momentos:
 - I - aulas expositivas introdutórias, seguidas de debates, de temas relativos à organização da educação no Brasil, ao trabalho escolar e às condições de trabalho docente, mediadas pela leitura de textos indicados pelo docente responsável;
 - II - apresentação dos projetos de estágio individuais pelos/as estudantes e do andamento parcial das atividades, problemas levantados, dificuldades e outros;
 - III - seminários apresentados pelos/as estudantes a partir das observações feitas no espaço dos estágios;
 - IV - orientação individual ou em grupos para a elaboração do relatório final.
- Nas 60h de inserção na instituição escolar, o/a estagiário deverá discutir, planejar e desenvolver ações acompanhadas pelos profissionais do campo de estágio e pelo docente responsável pela disciplina na universidade, sendo todas elas devidamente registradas em relatório. Serão etapas deste processo:
 - descrever e analisar as práticas vigentes na escola, para conhecer e compreender suas características, bem como seus problemas e desafios;
 - observar e registrar aspectos da vida escolar que permitam compreender melhor quem é seu público específico e como isto se materializa nas práticas vigentes;
 - se for o caso, desenvolver um plano de intervenção na prática escolar da instituição, dentro ou fora da sala de aula, sempre com a supervisão dos profissionais da escola;
 - documentar as ações de intervenção e analisá-las/interpretá-las.

Bibliografia:

1. Brasil. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 20 fev. 2015.
2. Brasil. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes.... Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm>. Acesso em: 26 jan. 2015.
3. Brasil. Lei nº 13.005, de 25 jun. 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>. Acesso em: 20 fev. 2015. 4
4. Brasil. MEC. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP 1, de 18 fev. 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Disponível em:



<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2015.

5. _____. Resolução CNE/CP 2, de 19 fev. de 2002. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2015. Leituras específicas:
6. Almeida M; Pimenta S. (Org.). Estágios supervisionados na formação docente: educação básica e educação de jovens e adultos. São Paulo: Cortez, 2014.
7. Assunção A; Oliveira D. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. Educação e Sociedade, Campinas, v. 30, n. 107, p. 349-372, maio/ago. 2009.
8. Fernandes F. A formação política e o trabalho do professor? In: _____. O desafio Educacional. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989. p. 157-175.
9. Freitas HCL. A (nova) política de formação de professores: a prioridade postergada. Educação e Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100: 1203-1230, out. 2007.
10. _____. O trabalho como princípio articulador na prática de ensino e nos estágios. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2002. Introdução (p. 13-56).
11. Frigotto G; Ciavatta M. Perspectivas sociais e políticas da formação de nível médio: avanços e entraves nas suas modalidades. Educação e Sociedade, Campinas, v. 32, n. 116, p. 619-638. jul.-set. 2011.
12. Gohn MG. Educação não-formal no Brasil: anos 90. In: CIDADANIA/Textos, Campinas, SP, n. 10, p. 01-15, out. 1997.
13. _____. Movimentos sociais, políticas públicas e educação. In: Almeida M; Jezine E. (Org.). Educação e movimentos sociais: novos olhares. Campinas, SP: Alínea, 2007. p. 33-54.
14. Kuenzer A. A formação de professores para o ensino médio: velhos problemas, novos desafios. Educação e Sociedade, Campinas, v. 32, n. 116, p. 667- 688, jul.-set. 2011.
15. Leher R. Educação popular como estratégia política. In: Almeida M; Jezine E. (Org.). Educação e movimentos sociais: novos olhares. Campinas, SP: Alínea, 2007. p. 19-32.
16. Pimenta SG; Lima MSL. Estágio e docência. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
17. Rays OA. A relação teoria-prática na didática escolar crítica. In: Veiga I. (Org.). Didática: o ensino e suas relações. Campinas, SP: Papirus, 1996. p. 33-52.
18. Saviani D. Educação: do senso comum à consciência filosófica. 17. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.
19. _____. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40:143-155, jan./abr. 2009.
20. _____. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 10. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (cap. 1: p. 11-22).
21. Veiga IP. A. Projeto político-pedagógico: novas trilhas para a escola. In: Veiga I; Fonseca M. (org.). As dimensões do projeto político-pedagógico: novos desafios para a escola. 3ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2004. p. 45-66.

Projeto 18

Tema do Projeto: Não há.

Ementa:

A proposta do estágio é refletir as práticas pedagógicas e possibilitar a proposição de novos olhares sobre elas. A abordagem teórica assumida na parte I do estágio será a histórico-cultural, vinculada às áreas temáticas relativas à alteridade e às diferenças/ desigualdades no cotidiano das instituições de ensino e/ou às novas tecnologias na educação, a partir da análise de aspectos do Projeto Político Pedagógico das escolas de Educação Básica e do olhar crítico sobre as mesmas. Já na parte II, ênfase será dada ao vivenciar, compreender, analisar e refletir acerca das contribuições da Psicologia Educacional, com base na perspectiva da Aprendizagem Autorregulada, para o fortalecimento da capacidade de aprender a aprender na formação do professor, considerando os aspectos cognitivos, afetivos, motivacionais e sociais do aluno de ensino médio e do futuro professor, bem como as variáveis contextuais. O trabalho desenvolvido nas partes I e II será analisado e apresentado pelo aluno, processualmente e ao final da disciplina, com as duas articulações teóricas propostas, a partir de sua narrativa em relação ao que é vivenciado nas escolas/ instituições, sob orientação das docentes responsáveis e a colaboração de outros alunos envolvidos em temas semelhantes.

Frequência:

A aprovação nesta disciplina depende também do cumprimento de no mínimo de 75% de presenças relativas ao total de horas/aula ministradas, conforme exigência da Lei Federal e do Regimento Geral da UNICAMP.

Objetivos:

Conhecer o estudante de ensino médio e observar a realidade escolar; planejar e desenvolver atividades pedagógicas; Analisar e refletir sobre o papel das variáveis psicológicas-chave na construção do conhecimento, seu impacto nas relações interpessoais e suas implicações no fortalecimento da capacidade de aprender a aprender na formação e atuação docente; Identificar, analisar e refletir sobre as condições de mediação envolvidas no espaço escolar e suas relações com o processo de ensino-aprendizagem.

Metodologia:

Atividades práticas, vivenciais e autorreflexivas, preparação de aulas e oficinas, exposição dialogada; trabalhos em grupo e individuais; debates.

Avaliação:

A avaliação será processual e comum às partes I e II O conceito final de cada aluno resultará das notas obtidas nas seguintes atividades:

Relatório do trabalho de campo, com base nas vivências e experiências práticas no contexto educativo e redação de uma análise crítica (individual) sobre o projeto de intervenção realizado (com 10 laudas, no máximo, incluindo as referências bibliográficas) (0 – 8,0 pts).

Apresentação coletiva (por grupos temáticos) dos projetos de intervenção, tendo como base a carga horária desenvolvida nos estágios: (0 – 1,0 pt); Realização de trabalhos em sala de aula individuais e ou em grupo, bem como de trabalhos em casa; (0,0-1,0 pt).

Parte I - Referências Bibliográficas básicas*:

1. Coscarelli CV; Ribeiro AE. Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 3ª. ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2011.
2. Gnerre M. Linguagem, escrita e poder. São Paulo: Martins Fontes, 1987. [Segundo capítulo: "Considerações sobre o campo de estudo da escrita"]
3. Laborit E. O voo da gaivota. São Paulo: Editora Best Seller/Círculo do Livro. s/d. [Capítulo: Eu me chamo "eu"; pp 45-54.]
4. Leite SAS. Afetividade e práticas pedagógicas. In: Leite SAS. (org.) Afetividade e práticas pedagógicas. 1ª. ed. SP: Casa do Psicólogo, 2006.



5. Lins H. Psicologia nas licenciaturas: a perspectiva interacionista em foco. Campinas, SP: Ed. Leitura Crítica, 2013.
 6. Newman F; Holzman L. Lev Vygotsky: cientista revolucionário. SP: Ed. Loyola, 2002.
 7. Oliveira MK. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. SP: Scipione, 1997 (Col. Pensamento e Ação no Magistério).
 8. Rego TC. Para o modelo histórico-cultural inspirado por Vygotsky, a escola tem um papel singular e insubstituível na apropriação da experiência culturalmente apropriada. Viver mente & cérebro. Coleção Memória da. Lev Semenovich Vygotsky. Edição Especial. 58-66. s/d.
 9. Rojo R; Moura E. Multiletramentos na escola. SP: Parábola Editorial, 2012.
 10. Sawaia BB. (org). As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 3ª. ed. SP: Vozes, 2001.
 11. Souza RM. Línguas e sujeitos de fronteira: um pouco mais, e ainda, sobre a educação de surdos. In: Arantes, V. (org). Educação de surdos. Série Pontos e Contrapontos. São Paulo: Summus editorial, 2007.
 12. Vygotsky LS. Imaginação e criação na infância. SP: Ática, 2009.
- Obs.: Com aporte na concepção histórico-cultural, outras obras serão disponibilizadas na plataforma virtual, processualmente. Os grupos também deverão fazer pesquisas bibliográficas a respeito de seus respectivos temas, para aprofundamento.

*sujeitas à alteração a depender dos dados de estágio.

Parte II - Referências Bibliográficas:

Bibliografia Básica:

1. Azzi RG; Polydoro SAJ. (2006). Auto-eficácia em diferentes contextos. Campinas, SP: Editora Alínea.
2. Boruchovitch E; Bzuneck JA. (Orgs.). Motivação do Aluno: Contribuições da Psicologia Contemporânea. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009, 4ª edição.
3. Boruchovitch E; Bzuneck JA. (Orgs.). Aprendizagem: processos psicológicos e o contexto social na escola. Rio de Janeiro: Vozes, 2010, 2ª edição.
4. Boruchovitch E; Bzuneck JA; Guimarães SER. Motivação para Aprender: Aplicações no Contexto Educativo. Editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro p.254. 2010. ISBN 978-85-326-3934-9.
5. Coll C; Palácios J; Marchesi A. (Orgs). Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia da Educação Escolar. Vol. 2. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004, 2ª Edição.
6. Sisto FF; Oliveira GC; Fini LDT. Leituras de Psicologia para formação de Professores. Ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2000.

Projeto 19

Tema do Projeto: Não há.

Ementa:

O professor em formação conhecerá os processos que envolvem a organização e gestão do trabalho dentro da escola diante da legislação e das atuais políticas educacionais. Propõe a imersão do estagiário no cotidiano das escolas da rede pública de ensino por meio do acompanhamento do trabalho da equipe escolar e da colaboração com as atividades desenvolvidas pela equipe gestora e pelos professores (Diretor, vice-diretor e Coordenador). Serão analisadas as relações de trabalho no âmbito das escolas e dos sistemas de ensino a partir de temas como: autonomia, gestão democrática e avaliação da escola. Pretende-se ainda, criar espaço para discussão e diálogo entre estagiário, orientador e supervisor de estágio sobre os significados do trabalho, a identidade, a subjetividade, a saúde e a qualidade de vida na docência.

Objetivo Geral:

Conhecer os processos que envolvem a gestão e a organização do trabalho no sistema de ensino e na escola a partir do acompanhamento, observação, bem como, colaboração com as práticas de gestão desenvolvidas pelos membros da equipe gestora (direção e coordenação) e professores no campo de estágio.

Objetivos específicos:

- Propiciar a vivência dos alunos no processo de organização da unidade escolar em suas dimensões pedagógicas, políticas e administrativa, considerando a perspectiva dos membros da equipe escolar;
 - Conhecer as trajetórias profissionais dos membros da equipe escolar (diretor, vice, coordenador e professores);
 - Discutir o papel do trabalho na construção da identidade profissional;
 - Compreender a gestão escolar na educação básica relacionada ao conjunto de transformações no âmbito da política educativa e seus efeitos no trabalho da equipe escolar;
 - Analisar a organização e as relações de trabalho na escola;
 - Discutir a questão da autonomia da escola e do trabalho da equipe escolar frente aos modelos de avaliação da qualidade por metas, objetivos e ganhos de produtividade;
- Discutir os significados e os sentidos do trabalho na educação.

Programa de trabalho:

1. Colaboração, acompanhamento e observação das atividades desenvolvidas na escola pela equipe gestora e professores;
2. Coleta de documentos e depoimentos orais (direção, coordenação e professor da área de formação);
3. Elaboração de relatório de estágio com a caracterização da escola, descrição das atividades desenvolvidas e a realidade do trabalho na escola em diálogo com textos debatidos em sala de aula;

Unidade I - Gestão e organização do trabalho na unidade escolar.

A profissão e trabalho docente. A construção política da profissão docente. Análise das mudanças no modelo de gestão escolar no contexto das reformas educacionais; A valorização do trabalho docente: questões atuais; Estudo das novas demandas à educação e o papel de escola; análise dos conceitos de gestão e administração escolar; O discurso da qualidade e avaliação da escola por metas e objetivos; a autonomia e a gestão democrática; descentralização e desconcentração e; mudanças no trabalho e na organização do trabalho na escola.

Unidade II – Trajetórias profissionais e o trabalho da equipe escolar

O trabalho e a profissão na prática cotidiana; a trajetória formativa e o exercício da profissão; o trabalho prescrito e o trabalho real do diretor, do coordenador e do professor; trabalho e as condições reais de trabalho da equipe escolar; o trabalho na escola e a violência; estudo da legislação correspondente aos cargos, funções e atribuições; acompanhamento e descrição das atividades desenvolvidas; as diferentes áreas de atuação e



as práticas de gestão (ações de natureza técnico-administrativa e pedagógico-curricular); as relações de trabalho no âmbito do sistema de ensino e da escola; as relações com a comunidade, superiores, e os pares; as possibilidades e limites do trabalho coletivo no espaço da escola; envolvimento nos aspectos da gestão e; os significados do trabalho na educação; saúde e qualidade de vida no trabalho.

Metodologia:

Aulas expositivas, trabalhos em grupo, seminários temáticos, depoimentos, atividades práticas e observação do campo de estágio.

Avaliação:

A avaliação será realizada por meio da participação em seminários e do relatório de estágio.

Bibliografia:

1. Abramovav M. et al., Cotidiano das escolas: entre violências. Brasil: UNESCO-MEC. 2006. <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001452/145265por.pdf>
2. Almeida MIN. O desenvolvimento profissional, formação contínua e sindicato de professores In: _____ . O sindicato como instância formadora dos professores: novas contribuições ao desenvolvimento profissional. 1999, p.1-30. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
3. Cavaco MH. O ofício do professor: o tempo e as mudanças. In: Nóvoa A (org.) Profissão professor. Lisboa: Porto, 1995, p.155-177.
4. Aquino J. A violência escolar e a crise da autoridade docente. Cadernos do Cedes. Ano XIX, n. 47. 1998.
5. APEOESP. Violência nas Escolas: uma visão dos delegados da Apeoesp. Pesquisa DIEESE/Apeoesp.2007. www.apoesp.org.br/hotsite/observatorio/relat_violencia_escola.doc
6. Basso I. Significado e sentido do trabalho docente. Cadernos do CEDES. Vol.19, n.44. Campinas. 1998.
7. Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil. 18.ed., atualizada e ampliada. São Paulo: Saraiva, 1998.
8. _____. Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional. Lei n. 9394 de 20 dez de 1996.
9. Codo W. Educação: Carinho e Trabalho. Ed. Vozes.1999.
10. Costa MV. Trabalho docente e profissionalismo. Porto Alegre, Sulina, 1995.
11. Enguita M. A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo. Porto Alegre: Artes Médicas.1989
12. Esteve JM. O mal-estar docente; a sala de aula e a saúde dos professores. São Paulo: EDUSC. 1999.
13. Freitas LC. Políticas de avaliação no Estado de São Paulo: o controle do professor como ocultação do descaso. Educação e Cidadania, v.8, n.1, 2009.
14. Gaulejac V. Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. 2ed. Aparecida: Ideias & Letras. 2011.
15. Guimarães AM. Vigilância, punição e deprecação escolar. Campinas: Papyrus, 1985.
16. Heloani R; Piolli E. Educação, economia e Reforma do Estado: algumas reflexões sobre a gestão e o trabalho na educação. Revista Apase, n.11, p.14-21, maio 2010.
17. Heloani R; Capitão C. "Identidade como grupo, o grupo como identidade", in Aletheia, n. 26. Canoas, ULB, 2007, pp.50-61.
18. Heloani R. Gestão e organização no capitalismo globalizado: história da manipulação psicológica no mundo do trabalho. São Paulo: Atlas, 2003.
19. _____.R. Organizações qualificantes ou neurotizantes? In: Revista pró-posições. Vol.8 nº 3, pp. 147-152. Nov de 1997.
20. Huberman M. O ciclo da vida profissional dos professores. In: Nóvoa A. Vidas de professores. Lisboa: Porto Editora, 1992, p.31-61.
21. _____. Dificuldades de professores iniciantes: elementos para um curso de didática. 1995. 197f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995.
22. Hypólito AM. Processo de trabalho na escola: Algumas categorias para análise. Teoria & Educação, n. 4, Porto Alegre, RS: Pannonica Editora Ltda. 1991. p. 3- 21.
23. Jáen MJ. Os docentes e a racionalização do trabalho em educação: Elementos para uma crítica da teoria da proletarianização dos docentes. Teoria & Educação. N. 4, Porto Alegre, RS: Pannonica Editora Ltda. 1991. p.74-91.
24. Libâneo JC; Oliveira JF; Toschi MS. Educação Escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2005.
25. Libâneo JC. Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática. 3a Edição, Goiânia: Editora Alternativa, 2001.
26. Lima LC. A escola como organização educativa.3 ed. São Paulo: Cortez. 2008.
27. Nóvoa A. (org.) Profissão Professor. Lisboa: Porto, 1995.
28. Oliveira D. Os trabalhadores da educação e a construção política da profissão docente no Brasil. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. especial 1, p. 17-35, 2010. Editora UFPR.
29. Oliveira DA. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. Educação & Sociedade, Campinas, v. 25, n 89, p. 1127-1144, Set./Dez.2004.
30. Oliveira DA. Mudanças na organização e na gestão do trabalho na escola. In. Oliveira DA; Rosar FF. (orgs). Política e gestão da educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. pp. 125-143.
31. Paro VH. Por dentro da escola pública. São Paulo: Xamã, 2006.
32. Silva Junior JR; Ferretti CJ. O institucional, a organização e a cultura da escola. São Paulo: Xamã. 2004. Pp.49-81.
33. Silva EP; Heloani R. "Gestão educacional e trabalho docente: aspectos sócio-culturais dos processos de saúde-doença", in Revista HISTEDBR, n. 23, 2009, pp. 207-27.



34. Tardif M. Saberes, tempo e aprendizagem do Magistério. In: Saberes docentes e formação de professores. Petrópolis: Vozes, 2001, p.56-111

35. Torres RM. Melhorar a qualidade da educação básica? As estratégias do Banco Mundial. In: Tommasi L; Warde MJ; Haddad S (Orgs.) O Banco Mundial e as políticas educacionais. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998. p. 125-186.

Projeto 20

Tema do Projeto: Não há.

Ementa:

Nesta disciplina, o estágio é de natureza curricular e compreende um total de 120 horas semestrais, divididas entre atividades supervisionadas em instituições educativas e encontros em sala de aula na universidade.

Objetivos:

Possibilitar aos estudantes contato com o trabalho profissional em diferentes instâncias educativas. Para tanto, deverão conhecer as características desse trabalho, das formas mais diversificadas possíveis, para pensarem, planejarem e desenvolverem atividades em diferentes espaços da instituição que os recebeu. Estas atividades podem ser pensadas e desenvolvidas não exclusivamente em sala de aula, nem no âmbito exclusivo de suas disciplinas curriculares, mas sim no âmbito institucional do campo de estágio.

Metodologia:

A partir de uma parceria com o corpo pedagógico da instituição e seus usuários, o estagiário deverá discutir planejar e desenvolver ações educativas que serão acompanhadas pelos profissionais que atuam no campo de estágio (supervisores de estágio) e pelos professores responsáveis pela disciplina na universidade (orientadores de estágio), seja na fase de planejamento, execução ou avaliação. Serão três os momentos deste processo:

1. Aproximação e conhecimento do campo de estágio e das ações educativas ali desenvolvidas.
2. Elaboração de plano de ação do grupo de estagiários.
3. Desenvolvimento de projeto segundo a temática "Educação para o Consumo"
4. Aplicação de minicurso em condições de sala de aula segundo

Projeto a ser realizado nos minicursos

Para a realização dos minicursos os alunos irão ser sorteados aleatoriamente para formar grupos de até cinco membros. Cada grupo irá desenvolver um projeto segundo a temática "Educação para o Consumo".

Tal projeto deverá respeitar e estar em ressonância com o "modus operandi" das instituições que os alunos farão o trabalho de campo. As instituições escolhidas pelos alunos podem ser de natureza privada ou pública e de qualquer nível escolar ou de formação.

Avaliação:

Será baseada na presença e participação dos encontros coletivos e na realização e qualidade das atividades solicitadas durante o semestre. Ainda, se prevê a apresentação do plano do minicurso e dos resultados finais.

Não se prevê também exame final para essa disciplina. Entregas de documentos

Devem-se entregar dois documentos ao longo do semestre, podendo ser feito em grupo.

1. Plano de realização do minicurso. Pode ser feito por e-mail. Indicar no "assunto" – Plano Estágio EL 774. Tal documento deve ser sintético, indicando:

- Nomes dos componentes do grupo
- Local de estágio
- Atividades que serão desenvolvidas
- Expectativa de resultados

2. Relatório de Estágio: Espera-se que o relatório seja descritivo, indicado, além dos dados referentes aos participantes e suas atividades e da instituição que recebeu o estágio, os aspectos positivos e negativos do processo de estágio.

Apresentação do plano dos minicursos e dos resultados:

Os alunos devem preparar apresentações em Power Point para, nas datas previstas, divulgar o plano do minicurso e os resultados finais. As finalidades de tais apresentações são a divulgação e o debate coletivo dos planos e dos aspectos da realidade escolar encontrados nas instituições.

Bibliografia Básica:

1. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
2. Charlot B. Relação com o saber e formação de professores e globalização: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.
3. Delors J. Educação: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, 2001.
4. Libâneo JC. Organização e a gestão da escola: teoria e prática. 3. ed. Goiânia: Alternativa, 2006.
5. Lima MSL; Pimenta SG. Estágio e docência. São Paulo: Cortez, 2004.
6. Nóvoa A. (coord.). Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
7. Perrenoud P. Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas. Lisboa, Dom Quixote, 1993.
8. Pimenta SG. O Estágio na formação de professores. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2005.
9. Tardiff M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
10. Veiga IPA; Amaral AL. Formação de Professores: Políticas e debates. Campinas, SP: Papyrus, 2002.



4- EMENTAS E BIBLIOGRAFIA BÁSICA**BA133 - Anatomia Humana Básica II**

OF:S-1 T:002 P:004 L:000 O:000 D:000 HS:006 SL:006 C:006 AV:N EX:S FM:75%

Pré-Req.: Não há

Ementa: Métodos de estudo em Anatomia. Planos de construção do corpo humano. Leis gerais de crescimento e fatores gerais de variação. Estudo dos sistemas tegumentar, ósseo, articular, muscular, cardiovascular, respiratório, digestório, urinário, reprodutor masculino e feminino. Sistema nervoso e órgãos dos sentidos.

1. DANGELO e FATTINI - Anatomia Humana Sistêmica e Segmentar - Atheneu - Ed. São Paulo S.A.
2. GARDNER, W.D. & OSBURN, W.A. - Anatomia Humana Atheneu. Ed. São Paulo S. A.
3. KHALE, W.; LEONARDT, H. e PLATZER, W.- Atlas de Anatomia Humana .2o vol. Ed. Atheneu SP
4. SOBOTTA, J.& BECHER, H. - Atlas de Anatomia humana - 3o vol. Guanabara Koogan S.A.
5. WOLF-HEIDEGGER, G. - Atlas de Anatomia Humana - 2o vol. Editora GuanabaraKoogan S.A.
6. GEWANDSZNAJDER, F. Ciências: o corpo humano. São Paulo: Ática, 4 ed, 2010.
7. BIZZO N. Novas bases da biologia: seres vivos e comunidades. São Paulo: Ática, v.2, ensino médio, 1 ed, 2011.

BB123 - Bioquímica Básica I

OF:S-1 T:003 P:001 L:001 O:000 D:000 HS:005 SL:004 C:005 AV:N EX:S FM:75%

Pré-Req.: Não há

Ementa: Aminoácidos. Proteínas: estrutura e função. Sistemas tampão, transporte de gases e equilíbrio ácido-base do sangue. Cinética enzimática. Metabolismo de carboidratos, lipídeos e proteínas. Aspectos bioquímicos da ação hormonal. Integração metabólica.

1. Bioquímica Básica, A. Marzocco e B. B. Torres, 2015, 4ª ed. Guanabara Koogan, RJ. ISBN 9788527712842.
2. Manual de Bioquímica com Correlações Clínicas, T.M. Devlin (2011), 7ª. ed. Edgard Blucher. ISBN 9788521205920.
3. Bioquímica, L. Stryer (2014), 7ª. ed. Guanabara Koogan, RJ.
4. Bioquímica Ilustrada, P.C. Champe, R.A. Harvey, D.R. Ferrier (2009), 4ª ed., Artmed, Porto Alegre, RS.
5. Bioquímica, M.K. Campbell & S.O. Farrell (2006), ed. Thomson, São Paulo, SP.
6. Introdução à Química Geral, Orgânica e Bioquímica, Bettelheim, F.A., Brown, W.H., Campbell, M.A., Farrell, S.O. (2011), 9ª. ed., Cengage.
7. Diagnósticos clínicos e Tratamento por métodos laboratoriais, Henry, J.B. (2008) cap. 9, 20ª. ed., Manole.
8. Bioquímica Médica, Baynes, J.W. & Dominiczak, M.H. (2007) 2ª. ed., cap. 23, Mosby/Elsevier.
9. Usberco J, Salvador E. Química essencial. São Paulo: Saraiva, 4 ed, 2012.

BB125 - Fundamentos de Biologia Molecular

OF:S-1 T:002 P:000 L:000 O:000 D:000 HS:002 SL:002 C:002 AV:N EX:S FM:75%

Pré-Req.: Não há

Ementa: Estrutura do DNA e replicação. Mutações e reparo do DNA. Estrutura do RNA e transcrição. Síntese e endereçamento de proteínas. Regulação da expressão gênica. Uso de técnicas recombinantes no diagnóstico e tratamento de saúde (sequenciamento de DNA, southern/northern/western blotting, clonagem, PCR, e outros).

1. Princípios de Bioquímica. A.L. Lehninger, K.Y. Nelson, M.M. Cox, Ed. Sarvier, 6a ed., 2014.
2. Biologia Molecular da Célula. Alberts, B.; Johnson, A.; Lewis, J.; Raff, M.; Roberts, K.; Walter, P. 5ª edição ed., Artmed, 2009.
3. Bruce A. Fundamentos da biologia celular. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2006.

BH125 - Citologia e Histologia

OF:S-1 T:002 P:000 L:002 O:000 D:000 HS:004 SL:004 C:004 AV:N EX:S FM:75%

Pré-Req.: Não há

Ementa: Noções básicas sobre citologia e histologia geral e especial, compreendendo o estudo histológico dos principais órgãos e sistemas.

1. Junqueira, L. C. U. - BIOLOGIA ESTRUTURAL DOS TECIDOS – HISTOLOGIA. Editora Guanabara Koogan, 2005.
2. Junqueira, L. C. U. & Carneiro, J. - HISTOLOGIA BÁSICA. 11ª edição. Editora Guanabara Koogan, 2008.
3. Bruce A. Fundamentos da biologia celular. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2006.



BH127 - Embriologia

OF:S-1 T:001 P:001 L:000 O:000 D:000 HS:002 SL:002 C:002 AV:N EX:S FM:75%

Pré-Req.: Não há**Ementa:** Embriologia geral: introdução à embriologia, fecundação, implantação, gastrulação, neurulação, dobramentos e fechamento do corpo do embrião, anexos fetais, período fetal e malformações congênitas. Embriologia dos sistemas: digestivo, respiratório, urinário, cardiovascular, cabeça e pescoço.

1. Pereira LAV, Justino ML, Moraes SG. Embriologia humana integrada: animações e casos clínicos [e-book], 1ª edição, Campinas, SP: Cedet; 2017. Disponível em: <http://www.embriologiahumana.com.br>
2. Sadler TW. Langman - Embriologia Médica, 13ª. ed., Guanabara Koogan, 2016.
3. Bruce A. Fundamentos da biologia celular. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2006.

BI214 - Imunologia

OF:S-2 T:002 P:000 L:001 O:000 D:000 HS:003 SL:003 C:003 AV:N EX:S FM:75%

Pré-Req.: BB123 BH125**Ementa:** Mecanismos naturais de resistência. Fisiologia da resposta imune. Resposta humoral. Resposta celular. Reações antígeno-anticorpo. Imunopatologia.

1. Abbas AK; Lichtman AH. Funções e distúrbios dos sistema imunológico. W.B. Saunders Company, segunda edição, 2007
2. Abbas AK, Lichtman AH; Pober JS. Imunologia celular e molecular W.B. Saunders Company, quinta edição, 2004
3. Janeway CA; Travers P. Imunobiologia. O sistema imunológico na saúde e na doença. Editora Artes médicas. Porto Alegre, RS. Segunda edição, 1997
4. Amabis JM, Martho GR. Biologia dos organismos. São Paulo: Moderna, 2005.

BF284 - Fisiologia e Biofísica Humana Básica

OF:S-2 T:003 P:000 L:004 O:000 D:000 HS:007 SL:007 C:007 AV:N EX:S FM:75%

Pré-Req.: BA133 BB123**Ementa:** Estudo do funcionamento do organismo humano. Fisiologia e biofísica dos sistemas neurovascular e neurovegetativo; sistema nervoso central; órgãos dos sentidos; sangue e líquidos corporais; sistema cardiovascular; aparelhos respiratório, digestivo e renal; temperatura e metabolismo, glândulas endócrinas e reprodução.

1. PURVES D. et al., Neurociências. Artmed, 4ª ed., 2010.
2. LENT R. Cem Bilhões de Neurônios? Conc. Fund. de Neurociência. Atheneu, 2ª ed., 2010.
3. KANDEL ER et al. Princípios de Neurociências. Artmed, 5ª ed., 2014.
4. BERNE RM & LEVY MN. Fisiologia. Guanabara-Koogan, 6ª ed., 2009.
5. COSTANZO LS. Fisiologia. 2.ed. Elsevier; 2004.
6. GUYTON AC. HALLJE. Tratado de Fisiologia Médica. 11ª ed.; Elsevier-2011.
7. MELMED S et al. Williams Textbook of Endocrinology. Elsevier, 13ª ed., 2016.
8. SILVERTHORN D. Fisiologia Humana - Uma Abordagem Integrada. Artmed, 5ª ed., 2010.
9. STANFIELD CL. Fisiologia Humana. Pearson Education do Brasil, 5ª ed., 2013.
10. SCHIMIDT N, NIELSEM K. Fisiologia animal. São Paulo: Edgard Blucher, 1986.

BM215 - Microbiologia

OF:S-2 T:002 P:001 L:000 O:000 D:000 HS:003 SL:003 C:003 AV:N EX:S FM:75%

Pré-Req.: *BB123 *BH125**Ementa:** Morfologia das bactérias, vírus e fungos. Fisiologia dos microrganismos. Genética bacteriana. Métodos de controle dos microrganismos. Epidemiologia das doenças infecto-contagiosas. Principais grupos de microrganismos causadores de doenças no homem.

1. Introdução à Microbiologia. Ingraham & Ingraham. 3ª ed., CENGAGE, 2011.
2. Microbiologia, Trubulsi & Alterthum, 6ª ed., 2015. Editora ATHENEU.
3. Microbiologia Médica. Jawetz, Melnick & Adelberg, 24 ed. 2009. Editora MCGraw Hill.
4. Microbiologia Médica, Murray, Rosenthal & Pfaller, 6ª ed. 2009. Editora Elsevier.
5. Bruce A. Fundamentos da biologia celular. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2006.

BP323 - Parasitologia Médica II

OF:S-1 T:002 P:002 L:000 O:000 D:000 HS:004 SL:004 C:004 AV:N EX:S FM:75%

Pré-Req.: Não há Ementa:

Relação parasito-hospedeiro e ecologia parasitária. Estudo dos principais protozoários e helmintos de interesse médico. Classificação zoológica, biologia, patogenia, quadro clínico, diagnóstico, epidemiologia e profilaxia. Estudo dos principais artrópodes transmissores e veiculadores de doenças no homem. Acidentes por animais peçonhentos.



1. Neves DP. Parasitologia humana. 13ª ed. São Paulo: Atheneu, 2016.
2. Rey L. Parasitologia. 4ª ed. Ed. Guanabara Koogan, 2008.
3. Bruce A. Fundamentos da biologia celular. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2006.

EL212 - Política Educacional: Organização da Educação Brasileira

OF:S-5 T:002 P:002 L:000 O:002 D:000 HS:006 SL:004 C:006 AV:N EX:N FM:75%

Pré-Req.: Não há

Ementa: Estudo analítico das políticas educacionais no Brasil com destaque para: a política educacional no contexto das políticas públicas; organização dos sistemas de ensino considerando as peculiaridades nacionais e os contextos e legislação de ensino; organização da educação básica e do ensino superior.

1. ADRIÃO, T., GARCIA, Teise, BORGHI, R., ARELARO, L. R. G. Sistemas apostilados e gestão privada da educação pública em São Paulo. Educação & Sociedade (Impresso). v.108, p.183 - 198, 2009.
2. ADRIÃO, T., PERONI, Vera. A educação pública e sua relação com o setor privado: implicações para a democracia educacional. Retratos da Escola. , v.3, p.107 - 116, 2009.
3. BRASIL, Decreto 6755 de 29 de Janeiro de 2009. Institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica.
4. BRASIL, Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação.
5. BRASIL, Plano de Desenvolvimento da Educação: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=content&task=view&id=593&Itemid=910&systemas=1>, acesso em: 5 de março de 2009.
6. CUNHA, Luiz Antonio. O desenvolvimento meandroso da educação brasileira entre o estado e o mercado. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 809-829, out. 2007
7. TORRES, M.R. Melhorar a qualidade da Educação Básica?: as estratégias do Banco Mundial. DE TOMASI, L.; WARDE, M.J.; HADDAD, S (Orgs). O Banco Mundial e as políticas educacionais. São Paulo: Cortez. 1998.
8. EDNIR, M. e BASSI, Marcos. Bicho de Sete Cabeças: Para Entender o Financiamento da Educação Brasileira, Madza Ednir e Marcos Bassi, 176 págs., Ed. Peirópolis.
9. GATTI, Bernadete e BARRETO, E SS. Professores do Brasil: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009.
10. LIBÂNEO, JC. Alguns aspectos da política educacional do governo Lula e sua repercussão no funcionamento das escolas. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.32, p. 168-178, dez.2008. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/32/art12_32.pdf
11. SAVIANI, Dermeval. A nova lei a educação: trajetória, limites e perspectivas. Campinas, S.P.: Autores Associados, 1997.
12. SAVIANI, Dermeval. Política educacional brasileira: limites e perspectivas. Revista de Educação PUC-Campinas, Campinas, n. 24, p. 7-16, junho 2008.
13. VALENTE, Ana Lúcia. Ação afirmativa. Relações raciais e educação básica. In Anped. Revista Brasileira de Educação, 2005, n 28 p.62 a 76.

EL 221 - Práticas de Educação e Saúde

T-02 P-02 L-00 O-00 D-00 SL-04 C-04

Pré-Req.: Não há

Ementa: Esta disciplina discute a multidimensionalidade das práticas de educação e saúde (PES), inserindo-as nos contextos sócio-histórico culturais. Estabelece interlocuções com referenciais que problematizam os discursos, as práticas e as suas formas de organização, pretendendo que estes espaços sejam férteis para ampliar a participação e a democratização das questões de saúde na sociedade.

1. ARAÚJO, Maria José de O. O papel das práticas educativas. **Rev Pesq. Bras. Odontoped Clin Integr**, João Pessoa, v.5, n.2, p.101-102, maio/ago.2005.
2. BENEVIDES, Iracema de A. **Viagem pelos caminhos do coração**. In: VASCONCELOS, Eymard. **A saúde nas palavras e nos gestos**. Editora Hucitec, São Paulo, 2001.
3. BERBEL, N.A.N.; **Metodologia da Problematização. Experiências com Questões do Ensino Superior**. Londrina: UEL, 1998.
4. _____(org.) **Metodologia da Problematização: fundamentos e aplicações**. Londrina: UEL, 1999.
5. CANDEIAS, Nelly Martins Ferreira. Conceitos de educação e de promoção em saúde: mudanças individuais e mudanças organizacionais. **Rev de Saúde Pública**, 31(2):209-13, 1997.
6. COSTA, Marisa V. **Quem são? Que querem? Que fazer com eles? Eis que chegam às nossas escolas as crianças e os jovens do século XXI**. Texto apresentado no VI Colóquio sobre questões curriculares...RJ, ago. 2005.
7. COSTA, M. Vorraber et.al. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Rev Brasileira de Educação**, maio/jun/jul/ago, n. 23, 2003.
8. ESTEBAN, Maria Teresa. **Avaliar: ato tecido pelas imprecisões do cotidiano-texto** ANPED.
9. FERNANDES, Carla N. da Silva. Refletindo sobre o aprendizado do papel de educador no processo de formação do enfermeiro. **Rev Latino-Americana Enfermagem**, jul/ago., 12(4), 2004.
10. GAZZINELLI, Maria Flávia et.al. Educação em Saúde: conhecimentos, representações sociais e experiências da doença. **Cad. Saúde Pública**. [online]. Jan/fev.2005, vol.21, n. 1 [citado 06 junho 2005], p. 200 -206. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php>
11. HOFFMANN, J. **Avaliação Mediadora**. 10ª ed. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1997.
12. L'ABBATE, Solange. Educação em Saúde: uma nova abordagem. **Cadernos de Saúde Pública**, RJ. 10(4):481-490, out./dez, 1994.
13. MEYER, Dagmar E. Estermann et. al. "Você aprende. A gente ensina? Interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade". **Cadernos de Saúde Pública**, v. 22, no. 6 Rio de Janeiro, jun. 2006.
14. Ministério da Saúde. Conferência Nacional de Saúde ON LINE. Educação em saúde: histórico, conceitos e propostas.



<http://www.datasus.gov.br/cns/temas/educacaosaude.htm> (03/03/2011).

15. SILVA, Maria I. Tabosa da. Posicionamento de enfermeiras sobre ensino problematizador. *Rev Latino-Am Enfermagem* 2002 março-abril;10(2):192-8.
16. SMEKE, Elizabeth de L.; OLIVEIRA, Nayara. Educação em saúde e concepções de sujeito. In: VASCONCELOS, Eymard. **A Saúde nas palavras e nos gestos**. Editora Hucitec, São Paulo, 2001.
17. VASCONCELOS, Eymard. **Educação popular e atenção à saúde da família**. Editora Hucitec, São Paulo, 2008.
18. _____. **Os centros de saúde como espaços educativos**. In: **Educação Popular nos Serviços de Saúde**. Editora Hucitec, São Paulo, 1997.
19. FREIRE, Paulo **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**, S.P.: Paz e Terra, 1996.
20. GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**, Campinas, SP : Autores Associados, 2002.

EL511 - Psicologia e Educação

OF:S-5 T:002 P:002 L:000 O:002 D:000 HS:006 SL:004 C:006 AV:N EX:N FM:75%

Pré-Req.: Não há

Ementa: Fundamentos teóricos e contribuições da psicologia para o estudo e compreensão de questões relacionadas à Educação, considerando as possibilidades de atuação docente. Inserção em contextos educativos e análise do cotidiano escolar.

1. DELVAL, J. A Escola Possível: Democracia, participação, autonomia. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008
2. DELVAL, J. (2003) Jean Piaget: Construtivismo. Pedagogias do século XX. Porto Alegre: ArtMed.
3. LEITE, S.A.S. Retomando uma velha questão: a relação herança e meio-ambiente. Carvalho, A.M.(org.). O mundo social da criança: natureza e cultura em ação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999
4. LEONTIEV, A. O homem e sua cultura. O desenvolvimento do psiquismo. Lisboa: Livros Horizonte, 1964.
5. NAVES, M.L.P. (2010) Piaget e as Ideias Modernas sobre Educação: Um Estudo dos Escritos Educacionais de Jean Piaget Publicados entre os Anos de 1920 a 1940. Cadernos de História da Educação. Uberlândia: v. 9, n. 2, p. 455-464, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/11457>
6. RAMOZZI-CHIAROTTINO, Z. Os "estágios" do desenvolvimento da inteligência. Coleção Memória da Pedagogia: Jean Piaget (nº1). Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Segmento-Dueto, 2005.
7. SINGER, H. Aprendendo em liberdade. In: Angela Maria Souza Martins e Nailda Marinho da Costa Bonato (org.), Trajetórias Históricas da Educação, Rio de Janeiro: Rovel Ed, abril, 2009.
8. SMOLKA, A. L. B.; FONTANA, R.C.; LAPLANE, A.; CRUZ, N. A questão dos indicadores de desenvolvimento: apontamentos para discussão. Caderno de Desenvolvimento Infantil. Curitiba CRDI/CNBB, v. 1. n.1, 1994.
9. VINHA, T.P.; MANTOVANI DE ASSIS, O.Z. O direito de aprender a conviver: O ambiente escolar e o desenvolvimento da autonomia moral segundo a perspectiva construtivista. Anais do XXIV Encontro Nacional de Professores do Proepr: O direito de Aprender. Campinas, SP: Faculdade de Educação, Unicamp; Art Point, 2008.
10. INHA, T.P.; TOGNETTA, L.R.P. A comunicação entre escola e família por meio dos bilhetes ou notificações eletrônicas. In: Livro do III Congresso Internacional de convivência escolar. Almeria/Espanha; 2013. NO PRELO
11. VYGOTSKY, L. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

EL683 - Escola e Cultura

OF:S-5 T:002 P:002 L:000 O:002 D:000 HS:006 SL:004 C:006 AV:N EX:N FM:75%

Pré-Req.: Não há

Ementa: Dimensões da escola e da cultura na Pesquisa e no Conhecimento em Educação.

1. AGUIAR, F.; DORIA, O. (orgs.). A escola e a letra. São Paulo: Boitempo, 2009.
2. CANDAU, V. M. (org.). Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
3. DUSSEL, I.; CARUSO, M. A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar. São Paulo: Moderna, 2003.
4. FARIA FILHO, L. M.; VIDAL, D. G. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. Revista Brasileira de Educação, n. 14, mai./ago. 2000, p. 19-34.
5. FERNANDES, R. Cultura de escola: entre as coisas e as memórias. Revista Pro-Posições, v. 16, n. 1 (46), jan/abr. 2005, p. 19-39.
6. HAMILTON, D. Notas de lugar nenhum: sobre os primórdios da escolarização moderna. Revista Brasileira de História da Educação, n. 1, jan./jun. 2000, p. 45-73.
7. HILSDORF, M. L. S. O aparecimento da escola moderna: uma história ilustrada. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
8. JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. Revista Brasileira de História da Educação, n. 1, jan./jun. 2000, p. 9-44.
9. _____. Disciplinas escolares: objetivos, ensino e apropriação. In: LOPES, A. C.; MACEDO, E. (orgs.). Disciplinas e integração curricular: história e políticas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
10. NARODOWSKI, M. Infância e poder: conformação da pedagogia moderna. Bragança Paulista: EDUSF, 2001.
11. PINEAU, P.; DUSSEL, I.; CARUSO, M. La escuela como máquina de educar. Buenos Aires: Paidós, 2001.
12. SOUZA, R. F.; VALDEMARIN, V. T. (orgs.). A cultura escolar em debate: questões curriculares, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas: Autores Associados, 2005.
13. TANURI, L. História da formação de professores. Revista Brasileira de Educação, n. 14, mai./ago. 2000, p. 61-89.
14. IDAL, D. G. Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas: Autores Associados, 2005.



15. IÑAO FRAGO, A. Espaços, usos e funções: a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada. In: BENCOSTA, M. L. A. (org.). História da educação, arquitetura e espaço escolar. São Paulo: Cortez, 2005. p. 15-47.

EL874 - Estágio Supervisionado II

OF: S-5 T:000 P:004 L:000 O:004 D:000 HS:008 SL:004 C:008 AV:N EX:N FM:75%

Pré-Req.: EL774/ EL212 EL221 EL511 EL683

Ementa: Atuação no campo de trabalho que propicie ao professor em formação o contato com experiências, práticas e conhecimentos de natureza profissional, articulando as diferentes formas de ensino-aprendizagem, de gestão e de organização. Trabalho de campo orientado para a avaliação dos componentes da prática educativa, procurando compreendê-la a partir dos contextos nos quais se desenvolvem. Elaboração e implementação de projetos e propostas que ampliem as alternativas de intervenção e atuação. Vide referência no item 3 - Projeto de Estágio.

EL921 - Estágio Supervisionado para a Enfermagem

OF: S-1 T: 000 P: 004 L: 000 O: 008 D: 000 h: 012 SL: 004 C: 012 AV: N EX: N FM: 75%

Pré-Req: AA450 EL212 EL221 EL511 EL683/AA200 AA450

Ementa: Desenvolvimento de atividades de estágio e de reflexões ético epistemológicas sobre a natureza de um trabalho pedagógico em saúde capaz de subsidiar a formação de trabalhadores comprometidos com a sustentação do Sistema Único de Saúde (SUS). Análise das políticas de formação docente para a educação profissional técnica em nível médio na área da saúde, na perspectiva da Reforma Sanitária.

1. APPLE M. **História do Currículo e Controle Social**. In: Ideologia e Currículo. Porto Alegre: Artmed, 2006.
2. BAGNATO, M.H.S.; SORDI, M.R.L.; COCCO, M.I.M. (org) **Educação, saúde e trabalho**: antigos problemas, novos contextos, outros olhares. Campinas: Editora Alínea, 1999. (p.63-70).
3. BERBEL, N.A.N.; **Metodologia da Problematização**. Experiências com Questões do Ensino Superior. Londrina: UEL, 1998.
4. BRASIL 2004. **Portaria 198GM/MS**. Institui a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde e dá outras providências. Ministério da Saúde; 2004.
5. BRASIL 2007. **Portaria 1.996 GM/MS**. Dispõe sobre as diretrizes para a implementação da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde e dá outras providências. Ministério da Saúde; 2007.
6. BRASIL 2016. Catálogo Nacional de Cursos Técnicos. Ministério da Educação; 2016.
7. Conselho Nacional de Educação 2012. Resolução CNE/CEB Nº 6/2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio; 2012.
8. FREIRE, Paulo **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa, S.P.: Paz e Terra, 1996.
9. PEREIRA IB & RAMOS MN. **Educação Profissional em Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006.
10. SILVA TT. **Documentos de identidade. Uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica; 2002.
11. SORDI MRL. **O caos nosso de todo dia: o ensino na área da saúde num sistema em crise**. Texto Contexto Enferm 1997; 6:68-80.

EN112 - Enfermagem em Saúde Coletiva I

OF: S-1 T:002 P:002 L:000 O:001 D:000 HS:005 SL:004 C:005 AV:N EX:S FM:85%

Pré-Req.: Não há

Ementa: Promover a integração do estudante à vida universitária, ao contexto particular de formação profissional e à prática de enfermagem. Saúde-doença como expressão das condições concretas de existência. Introdução ao estudo e aplicação de métodos de apreensão do processo saúde-doença mediante a identificação, análise e discussão das condições sociais, econômicas, políticas e culturais de sua produção. Planejamento, desenvolvimento e avaliação de inquérito de saúde e construção do perfil demográfico e epidemiológico de uma dada população. Desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas que subsidiem a formação do enfermeiro-professor para profissionais de nível médio de enfermagem.

1. Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra; 1997.
2. Haguette TMF. Metodologias qualitativas na sociologia. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 223 p., cap. 8 – A Entrevista
3. Luz MT. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: novos paradigmas em saúde. In: Novos saberes e práticas em saúde coletiva: estudo sobre racionalidades médicas e atividades corporais. 3ª edição. São Paulo: Hucitec, 2007. p. 37-85.
4. Monken M; Barcellos C. O território na promoção e vigilância em saúde. In: Fonseca AF, Corbo AMDA (Org.) O território e o processo saúde-doença. Fonseca e Ana Maria D'Andrea Corbo. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2007. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/index.php?Area=Material&MNU=&Tipo=8&Num=24>. Acesso em 01/11/2015.
5. Paim JS. O que é o SUS? Coleção Temas em Saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.
6. Pereira FGF, Caetano JA, Moreira JF et al. Práticas educativas em saúde na formação de acadêmicos de enfermagem. Cogitare Enferm. 2015; 20(2):332-7.
7. Scliar M. Do mágico ao social: a trajetória da saúde pública. São Paulo: SENAC, 2002. Viana M, Soares CB, Campos CMS. Reprodução social e processo saúde-doença: para compreender o objeto da saúde coletiva. In: Soares CB, Campos CMS (orgs.) Fundamentos de Saúde Coletiva e o cuidado de enfermagem. Barueri, SP: Manole, 2013. p. 107-142.
8. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Especializada à Saúde. Departamento de Regulação Assistencial e Controle. Curso I : Regulação de Sistemas de Saúde do SUS : módulo4 : Redes de Atenção à Saúde [recurso eletrônico]. 1. ed. rev. Brasília : Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/modulo4_regulacao_redes_atencao_saude.pdf

EN212 - Enfermagem em Saúde Coletiva II

OF: S-2 T:002 P:002 L:000 O:000 D:000 HS:004 SL:004 C:004 AV:N EX:S FM:85%



Pré-Req.: EN112

Ementa: Planejamento, desenvolvimento e avaliação de método de apreensão do processo saúde-doença em instituições sociais. Estudo da estrutura e funcionamento das instituições e suas relações com os serviços de saúde. Caracterização social, econômica e sanitária da população abrangida. Vigilância Sanitária. Proposição e participação na implementação de medidas de intervenção no campo de saúde, em âmbito coletivo e individual, com ênfase na diminuição da pobreza, violência e abuso do tabaco, álcool e outras drogas. Desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas que subsidiem a formação do enfermeiro-professor para profissionais de nível médio de enfermagem.

1. Brasil. Ministério da Saúde. Saúde e desenvolvimento da juventude brasileira. Construindo uma agenda nacional. Brasília: Ministério da Saúde, 2000. Disponível em: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_juventude.pdf
2. Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 1988.
3. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Departamento de Atenção Básica/Ministério da Saúde Secretaria de Atenção a Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília, 2012. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/pnab.pdf>. Acesso em: 29/01/2014.
4. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria 687, 2015. Política Nacional de Promoção da Saúde. http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnps_revisao_portaria_687.pdf
5. Brasil. Ministério da Saúde. Política Nacional de Educação Popular em Saúde. <http://www.crpsp.org.br/diverpsi/arquivos/PNEPS-2012.PDF>.
6. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Especializada à Saúde. Departamento de Regulação Assistencial e Controle. Curso I : Regulação de Sistemas de Saúde do SUS : módulo4 : Redes de Atenção à Saúde [recurso eletrônico]. 1. ed. rev. Brasília : Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/modulo4_regulacao_redes_atencao_saude.pdf
7. Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra; 1997.
8. PNUD. Metas do milênio. Brasília. Disponível em: <http://www.objetivosdomilenio.org.br/>
9. Pereira FGF, Caetano JA, Moreira JF et al. Práticas educativas em saúde na formação de acadêmicos de enfermagem. Cogitare Enferm. 2015; 20(2):332-7.
10. Santos AL, Rigotto RM. Território e Territorialização: Incorporando as relações de produção, trabalho, ambiente e saúde na atenção básica à saúde. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 8 n. 3, p. 387-406, nov.2010/fev.2011.
11. O'Dwyer G, Tavares MFL, De Seta MH. O desafio de operacionalizar as ações de vigilância sanitária no âmbito da promoção da saúde e no locus saúde da família. Interface - Comunic. Saúde, Educ. 2007 set/dez; 11(23): 467-84. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141432832007000300006&script=sci_arttext&tlng=pt.
12. Paim JS. Políticas de Saúde no Brasil. In: Rouquayrol MZ, Almeida Filho N. Epidemiologia & Saúde. Rio de Janeiro: Guanabara e Koogan/Medsa, 6ª edição, 2003.

EN230 - Enfermagem em Saúde Mental I

OF:S-2 T:002 P:000 L:000 O:000 D:000 HS:002 SL:002 C:002 AV:N EX:S MF:85%

Pré-Req.: EN112

Ementa: Estudo dos elementos teórico-metodológicos envolvidos na organização da assistência de enfermagem: linguagem, comunicação, relação intersubjetiva. Relação enfermeiro-paciente. Instrumentos básicos do cuidado de enfermagem em saúde mental e psiquiátrica: entrevistas preliminares, construção de caso clínico. As diferentes concepções de loucura e sua historicidade.

1. Amarante P. (org) Psiquiatria social e reforma psiquiátrica. 2ª ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1998. 202 p. 2.
2. Amarante PDC, Freire F, Oliveira FM, Britto R, Marchewka T. Processo da Reforma Psiquiátrica no Brasil: a regulamentação das internações involuntárias como estratégia de proteção da cidadania e dos direitos humanos das pessoas com transtornos mentais. Rev Saúde e Direitos Humanos, 2005; 2(2): 53-9.
3. Bezerra Jr B. Saúde mental ou psiquiatria. In: 4º Encontro de pesquisadores em Saúde Mental e 3º Encontro de Especialistas em Enfermagem Psiquiátrica, 1995, Ribeirão Preto, USP. Anais do 4º Encontro de pesquisadores em Saúde Mental e 3º Encontro de Especialistas em Enfermagem Psiquiátrica, Ribeirão Preto/São Paulo: Escoda de Enfermagem de Ribeirão Preto / USP; 1995. p.3-38.
4. Brasil. Ministério da Saúde. Legislação Brasileira em Saúde Mental [acesso em 17 de jul de 2006]. Disponível em: <http://www.inverso.org.br/index.php/content/view/4.html>.
5. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. DAPES.Coordenação-Geral de Saúde Mental, Álcool e outras drogas. Saúde mental no SUS: as novas fronteiras da reforma psiquiátrica. Relatório de Gestão 2007-2010. Ministério da Saúde: Brasília. Janeiro de 2011, 106p.
6. Freud S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: Freud S. O caso Schreber; artigos sobre técnica e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago; 1996. 12:123-136. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud).
7. Guimarães R, Tavares R. (org) Saúde e Sociedade no Brasil dos anos 80. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. 280 p.
8. Kirchbaum DIR. O trabalho de enfermagem e o cuidado em saúde mental: novos rumos? Cadernos IPUB, 2000; 19(1):13-36.
9. Leite MPS. Psicanálise lacaniana: cinco seminários para analistas kleinianos. São Paulo: Iluminuras, 2000. 269 p.
10. Longo L. Linguagem e Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. 72 p.
11. Orlandi EP. O que é linguística? São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986. 82 p.
12. Vasconcelos EM. Desinstitucionalização e interdisciplinaridade em saúde mental. Cadernos do IPUB, 1997; 1(7):36-54.
13. Toledo VP. Sistematização da Assistência de Enfermagem Psiquiátrica de um serviço de reabilitação psicossocial. [Tese – Doutorado]. Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto / USP; 2004.
14. Duarte, V.F. ; Lavorato Neto, G. ; Rodrigues, L. ; Campos, C. J. G. . Ditos acadêmico do ontem e do hoje acerca do papel da enfermagem no processo e rotina da desinstitucionalização. SMAD. Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em português), v. 12, p. 116-136, 2016.

EN232 - Elementos das Ciências Sociais Aplicados à Enfermagem



OF:S-2 T:000 P:000 L:000 O:000 D:000 HS:002 SL:002 C:002 AV:N EX:S FM:75%

Pré-Req.: Não há.

Ementa: As relações entre saúde, sociedade e enfermagem: evolução histórica e o momento atual, abordando cinco eixos temáticos: a relação entre o cuidar e o curar, a divisão do trabalho na enfermagem, relação enfermeiro(a), paciente, ideais éticos e prática profissional, relação enfermeiro(a) e outros profissionais. Desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas que subsidiem a formação do enfermeiro-professor para profissionais de nível médio de enfermagem.

1. Bastable SB. O enfermeiro como educador: princípios de ensino-aprendizagem para a prática de enfermagem. Porto Alegre: Artmed, 2010.
2. Campos EA. Aspectos Socioculturais e as práticas de cuidados em Enfermagem. In Nakamura E, Martin D, Santos JSFQ. Antropologia para enfermagem. Manole:2009. P5981.
3. Castro C, O'Donnel J. Introdução às ciências sociais. FGV Universitária: 2014.
4. Cicco RRD, Vargas EP. Diversidade sexual, gênero e novas formas de organização da família: questões para o ensino e a comensalidade. Demetra 2016; 11(3): 539-557.
5. Mantorell LB, Nascimento WF, Garrafa V. Social networks, privacy, confidentiality and ethics: exhibition of pictures of pacientes on Facebook. Interface (Botucatu) 2016; 20(56):13-23.
6. Minayo MCS. A produção de conhecimentos na Interface entre Ciências Sociais e Humanas e a Saúde Coletiva. Saúde Soc.2013; 22(1): 21-31.
7. Navarro MBM. A crise Ambiental e a Dimensão Cognitiva e Analítica da Biossegurança. Ciências e Cognição 2016; 21(1): 023-32
8. Santos EA, Bonfim AMA, Hita LF, et al. Disciplinas optativas: Experiência de interprofissionalidade na formação de futuros profissionais de saúde. Rev Enferm UFPE on line 2014; 8(11): 4017-23.
9. Sarti CA, Oliveira EM. Por que das ciências sociais em enfermagem. Acta Paulista Enfermagem, v. 11, Numero Especial, 1998.
10. Silva, Rafael Bianchi; Mendes, Jéssica Paula Silva e Alves, Rosieli dos Santos Lopes. O conceito de líquido em Zygmunt Bauman: Contemporaneidade e produção de subjetividade. Athenea Digital 2015; 15(2): 249-264.
11. Bridi MA, Araujo SM, Motim BL. Ensinar e Aprender Sociologia. São Paulo: Contexto. 2009.
12. GONÇALVES, Danyelle Nilin (Org.). Sociologia e juventude no ensino médio: formação, Pibid e outras experiências. Campinas: Pontes Editores, 2013.

EN445 Nutrição e Cuidado Nutricional

OF:S-2 T:003 P:000 L:000 O:000 D:000 HS:003 SL:003 C:003 FM:75%

Pré-Req.: Não há

Ementa: Estudo da nutrição, dietética e dietoterapia aplicadas ao processo de cuidado alimentar e nutricional (PCAN) na promoção à saúde e prevenção de doenças nos ciclos da vida. Acesso à alimentação como direito humano que preenche necessidades biológicas, psicológicas e sociais, garantindo qualidade de vida a indivíduos, grupos e coletividades. Papel do enfermeiro (a) no PCAN e sua atuação em equipe multiprofissional.

1. GALISA, M. S.; ESPERANÇA, L.M.B.; SÁ, N.G. Nutrição: Conceitos e aplicações. São Paulo: M. Books do Brasil Editora LTDA., 2008.
2. GEISSLER, C.; POWERS, H. Human Nutrition. 11 ed. Edinburg: Elsevier Churchill Livingstone., 2005.
3. CARDOSO, M. A. Nutrição e Metabolismo: Nutrição Humana. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 2006.
4. MAHAN, L. K.; ESTOTT-STUMP, S. Krause: Alimentos, nutrição e dietoterapia. 12ª ed. São Paulo: Editora Elsevier, 2010.
5. BRASIL. Política Nacional de Alimentação e Nutrição. 2ªed. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.
6. BRASIL. Guia alimentar para a população brasileira: promovendo a alimentação saudável. Brasília: Ministério da Saúde / Departamento de Atenção Básica, 2006.
7. MONTEIRO, P. J.; CAMELO JÚNIOR, S. J. Nutrição e metabolismo. Caminhos da Nutrição e terapia nutricional da concepção à adolescência. 1ªed. Rio de Janeiro: editora guanabara Koogan, 2007.
8. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação (NEPA / UNICAMP). Tabela de composição de alimentos. 2ªed. Campinas, SP: Fórmula Editora, 2006.
9. SHILLS, M.E.; OLSON, J.A.; HIKE, M.; ROSS, A.C. Tratado de Nutrição moderna na saúde e na doença. 9ªed. São Paulo: Atheneu, 2001.
10. DUTRA DE OLIVEIRA, J.E.; MARCHINI, J.S. Ciências Nutricionais. São Paulo: Sarvier, 2008.

EN280 - Exercício da Enfermagem I

OF:S-1 T:002 P:000 L:000 O:000 D:000 HS:002 SL:002 C:002 AV:N EX:S FM:75%

Pré-Req.: Não há.

Ementa: Evolução da prática de enfermagem no contexto histórico, político e social. Lei do exercício profissional. Fundamentos da ética e código de ética.

1. Geovanini T, Moreira A, Schoeller SD, Machado WAC. História da enfermagem: versões e interpretações. Rio de Janeiro (RJ): Revinter; 2010.
2. Oguisio T, Zoboli ELCP. Ética e bioética: desafios para a enfermagem e a saúde. 2a. Ed. Barueri (SP): Manole; 2017.
3. Drane J, Pessini L. Bioética, medicina e tecnologia: desafios éticos na fronteira do conhecimento humano. São Paulo (SP): Centro Universitário São Camilo: Loyola; 2005.
4. Salles, AA. Bioética: reflexões interdisciplinares. Belo Horizonte (MG): Mazza; 2010.
5. Waldow VR. Cuidar: expressão humanizadora da enfermagem. Petrópolis (RJ): Vozes; 2012.
6. Mascarenhas NB, Melo CMM, Silva LA. Gênese do trabalho profissional da enfermeira no Brasil (1920- 1925). Esc Anna Nery [internet]. 2016. [Acesso em 03 jan 2017];20(2):220-227. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v20n2/1414-8145-ean-20-02-0220.pdf>
7. Almeida Filho AJ, Peres MAA, Lima RG, Silva EM, Bellaguarda MLR, Alves SM, et al. História de vida das enfermeiras brasileiras: contribuição para o desenvolvimento da enfermagem. [livro na internet]. Brasília: ABEn; 2016. [acesso em 03 fev 2017]. Disponível em: http://www.abennacional.org.br/home/Biografias_book_p13_1.pdf



8. Teodosio SSC, Padilha MY. "Ser enfermeiro": escolha profissional e a construção dos processos identitários (anos 1970). Rev Bras Enferm [internet]. 2016. [Acesso em 03 jan 2017];69(3):428-34. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2016690303i>
9. Queirós PJ. Contribuição da história da enfermagem para a construção da identidade profissional. Histenfem Rev eletrônica [internet]. 2015. [Acesso em 03 jan 2017];6(2):167-9. Disponível em: http://here.abennacional.org.br/here/Contribuicao_Historia_Enfermagem_PORT.pdf
10. Almeida, MCP. O saber de enfermagem e sua dimensão prática. Coautoria de Juan S. Yazlle Rocha. 2. ed. São Paulo, SP: Cortez, 1989.
11. Sanna MC. Os processos de trabalho em enfermagem. Rev. bras. enferm. [internet]. 2007. [Acesso em 18 jan 2017];60(2):221-4. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672007000200018
12. Meneses AS, Sanna MC. Produção do conhecimento sobre história da enfermagem na pós-graduação stricto sensu brasileira (1988-2011). Hist enferm Rev eletrônica [internet]. 2014. [Acesso em 03 jan 2017];5(2):146-68. Disponível em: <http://www.here.abennacional.org.br/here/vol5num2artigo1.pdf>
13. Soares MI, Vieira NF, Souza Júnior DI, Silva NCM, Resck ZMR. A produção do conhecimento na enfermagem à luz do modelo nightingaleano: uma revisão narrativa. Hist enferm Rev eletrônica [internet]. 2014. [Acesso em 03 jan 2017];5(2):146-68. Disponível em: <http://www.here.abennacional.org.br/here/vol5num2artigo6.pdf>
14. Santos BP, Ferreira GB, Soares MC, Meincke SMK. Ensino de enfermagem no Brasil: do advento do sistema nightingale ao cenário científico. Hist enferm Rev eletrônica [internet]. 2014. [Acesso em 03 jan 2017];5(2):146-68. Disponível em: <http://www.here.abennacional.org.br/here/vol5num2artigo11.pdf>
15. Boas LMFMV, Araújo MBS, Timóteo RPS. A prática gerencial do enfermeiro no PSF na perspectiva da sua ação pedagógica educativa: uma breve reflexão. Ciência & Saúde Coletiva [internet]. 2008. [Acesso em 20 jan 2017];13(4):1355-60. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000400033
16. Ciampone MHT, Kurcgant P. O ensino de administração em enfermagem no Brasil: o processo de construção de competências gerenciais. Rev Bras Enferm [internet]. 2004. [Acesso em 20 jan 2017];57(4):401-7. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n4/v57n4a03.pdf>
17. Willig MH, Lenardt MH. A prática gerencial do enfermeiro no processo de cuidar. Cogitare Enferm. [internet]. 2002. [Acesso em 20 jan 2017];7(1):23-9. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/viewFile/32552/20657>
18. Meira MDD, Kurcgant P. O desenvolvimento de competências ético-políticas segundo egressos de um curso de graduação em enfermagem. Rev Esc Enferm USP [internet]. 2013. [Acesso em 20 jan 2017];47(5):1211-8. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v47n5/pt_0080-6234-reeusp-47-05-1203.pdf
19. Conselho Federal de Enfermagem. Principais legislações para o exercício da enfermagem [internet]. 3a ed. São Paulo (SP); 2015. [Acesso em: 05 jan 2017]. 183 p. Disponível em: http://inter.coren-sp.gov.br/sites/default/files/principais_legislacoes_web.pdf
20. Conselho Federal de Enfermagem. Resolução COFEN no. 311 de 09 de fevereiro de 2007. Aprova o código de ética dos profissionais de enfermagem e dá outras providências [resolução na internet]. Diário Oficial da União 13 fev 2007 [acesso em 03 jan 2017]. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/resolucao_311_anexo.pdf

EN304 - Informática em Saúde

OF:S-X T: 02 P:00 L:00 HS:02 SL:02 C:02

Pré-Req.: Não há

Ementa: O uso da informática na área de saúde: aplicações no ensino, pesquisa, assistência e administração em enfermagem. Uso de ambiente virtual de aprendizagem (AVA) e tecnologias da informação e comunicação (TICs) para o ensino de enfermagem de nível médio. Ensino a distância: perspectivas e limitações. Simulação em enfermagem com o uso de TICs. Sistemas de informação em saúde e sistemas de informação hospitalares. Telessaúde e Telenfermagem e suas implicações para o ensino e assistência de enfermagem.

- Colicchio TK. Introdução à informática em saúde: fundamentos, aplicações e lições aprendidas com a informatização do sistema de saúde americano. Porto Alegre, RS: Artmed; 2020. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9786581335083>.
- Hannah KJ. Introdução a informática em enfermagem. Coautoria de Marion J Ball, Margaret J. A Edwards. 3. ed Porto Alegre, RS: Artmed; 2009.
- DOMINGOS, Camila Santana et al. A aplicação do processo de enfermagem informatizado: revisão integrativa. Enfermeria Global, v. 16, n. 4, p. 603-652, 2017.
- JULIANI, Carmen Maria Casquel Monti; DA SILVA, Marcia Cristina; BUENO, Giovanna Hass. Avanços da informática em enfermagem no Brasil: revisão integrativa. Journal of Health Informatics, v. 6, n. 4, 2014.
- JENSEN, Rodrigo; GUEDES, Erika de Souza; LEITE, Maria Madalena Januário. Competências em informática essenciais à tomada de decisão no gerenciamento em enfermagem. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 50, p. 109-117, 2016.
- SANTOS, Sérgio Ribeiro dos. Informática em enfermagem: desenvolvimento de software livre com aplicação assistencial e gerencial. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 44, p. 295-301, 2010.
- ARANTES, Juliana. Construção de um software-protótipo para registro eletrônico das anotações de enfermagem. Tese de Mestrado. Faculdade de Medicina da UNESP, 2020.
- MATSUDA, Laura Misue, ÉVORA, Yolanda Dora Martinez, HIGARASHI, Ieda Harumi, GABRIEL, Carmen Silvia Kelly Cristina Inoue. Informática em enfermagem: desvelando o uso do computador por enfermeiros. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, Jan-Mar; 24(1): 178-86, 2015.
- CASTRO, Talita Candida; GONÇALVES, Luciana Schleder. Informática em Enfermagem: uma proposta de curso baseada em competências. 2016. 10. SOARES, Cristiane Regina; PERES, Heloisa Helena Ciqueto; DE OLIVEIRA, Neurielene Batista. Processo de Enfermagem: revisão integrativa sobre as contribuições da informática. Journal of Health Informatics, v. 10, n. 4, 2018.
- MARIN, Heimar Fatima; GROSSI, Luciane Mandia; PISA, Ivan Torres. Tecnologia da Informação e comunicação na auditoria em Enfermagem. Journal of Health Informatics, v. 7, n. 1, 2015.
- DAL SASSO, Grace TM. Tecnologia em informática: uma contribuição à disciplina de enfermagem. Cogitare Enfermagem, v. 2, n. 2, 2016.
- CASTRO, Talita Candida; GONÇALVES, Luciana Schleder. Uso de gamificação para o ensino de informática em enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 71, p. 1038-1045, 2018.
- CAVALCANTE, Ricardo Bezerra et al. Panorama de definição e implementação da Política Nacional de Informação e Informática em Saúde. Cadernos de Saúde Pública, v. 31, p. 960- 970, 2015.



EN312 - Enfermagem na Organização do Sistema de Saúde

OF:S-1 T:002 P:001 L:001 O:000 PE:3 HS:006 SL:006 C:006 AV:N EX:S FM:85%

Pré-Req.: EN212

Ementa: Políticas e modelos de atenção à saúde. Diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS). Vigilância e educação em saúde. Reconhecimento do perfil sócio-sanitário da população do território dos serviços básicos de saúde. Estrutura, gestão e processo de trabalho. Trabalho de enfermagem. Análise e intervenção em problemas de saúde pública.

1. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Atenção Básica. Brasília, 2012. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/pnab.pdf>.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria no 2.436 de 21 de setembro de 2017. Política Nacional de Atenção Básica. 2017a. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=22/09/2017 & jornal= 1 & pagina= 68 & to%20totalArquivos=120>.
3. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. Manual de Rede de Frio do Programa Nacional de Imunizações. 5. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2017b. Disponível em: [15110459-manual-de-rede-de-frio-2017.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_de_rede_de_frio_2017.pdf) (cevs.rs.gov.br)
4. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. Departamento de Ações Estratégicas de Epidemiologia e Vigilância em Saúde e Ambiente. Guia de vigilância em saúde : volume 1 [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente, Departamento de Ações Estratégicas de Epidemiologia e Vigilância em Saúde e Ambiente. – 6. ed. rev. – Brasília : Ministério da Saúde, 2024. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_vigilancia_saude_6edrev_v1.pdf
5. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Imunizações e Doenças Transmissíveis. Manual de vigilância epidemiológica de eventos adversos pós-vacinação [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Imunizações e Doenças Transmissíveis. – 4. ed. – Brasília : Ministério da Saúde, 2020. Acesso em: 13 nov. 2023. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_vigilancia_epidemiologica_eventos_vacinacao_4ed.pdf
6. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Especializada à Saúde. Departamento de Atenção Hospitalar, Domiciliar e de Urgência. Atenção Domiciliar na Atenção Primária à Saúde [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção Especializada à Saúde, Departamento de Atenção Hospitalar, Domiciliar e de Urgência – Brasília : Ministério da Saúde, 2020. 98 p. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_domiciliar_primaria_saude.pdf
7. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Acolhimento à demanda espontânea / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – 1. ed.; 1. reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 56 p. : il. – (Cadernos de Atenção Básica; n. 28, V. 1). Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acolhimento_demanda_espontanea_cab28v1.pdf
8. Brasil. Calendário Vacinal. Acesso em: 25 nov. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/vacinacao/calendario>
9. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria no 2.979, de 12 de novembro de 2019. Programa Previne Brasil. 2019. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2019/prt2979_13_11_2019.html
10. Campos CMS, Mishima SM. Necessidades de saúde pela voz da sociedade civil e do Estado. Cad. Saúde Pública; 2005; 21(4):1260-1268. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/nvR45LY9VWPKGKqKnKwfttR/?format=pdf&lang=pt>
11. Campos CMS, Soares CB. Necessidades de saúde e o cuidado de enfermagem em saúde coletiva. In: Soares CB, Campos CMS (Orgs.). Fundamentos de saúde coletiva e o cuidado de enfermagem. Barueri (SP): Manole; 2013.
12. Campos GWS e Campos RTO. Gestão em Saúde. In: Pereira IB, Lima JCF. Dicionário da Educação Profissional em Saúde: Gestão em Saúde - Um campo aplicado de conhecimento (p. 231-235). 2a. Edição. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2008. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/l43.pdf>.
13. Campos FCC, Faria HP, Santos MA. Planejamento e Avaliação das ações em saúde. O Planejamento Estratégico Situacional (PES). p. 21-30. 2a. Edição. Belo Horizonte: Nescon/UFMG. 2010. Disponível em: https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/Modulo_Planejamento-2010.pdf
14. Cecílio LCO. As necessidades de saúde como conceito estruturante na luta pela integralidade e equidade na atenção. In: Pinheiro R, Mattos AR (orgs.). Os sentidos da integralidade na atenção e cuidado à saúde. Rio de Janeiro: IMS/UERJ/Abrasco, 2009. Disponível em: <https://www.cepesc.org.br/wp-content/uploads/2013/08/Livro-completo.pdf>
15. Ceccim RB. Emergência de um "campo de ação estratégica": Ordenamento da formação e educação permanente em saúde. Rev de políticas públicas; 2019; 18 (1): 68-80. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1307/688>
16. Conill EM. Sistemas comparados de saúde. In: Campos GWS et al. Tratado de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro: Hucitec, 2012. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4517090/mod_resource/content/2/Sistemas%20comparados%20de%20sa%C3%BAde.pdf.
17. Conselho Federal de Enfermagem (RJ). Resolução No 736, de 17 de janeiro de 2024. Dispõe sobre a implementação do Processo de Enfermagem em todo contexto socioambiental onde ocorre o cuidado de enfermagem. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Rio de Janeiro: Conselho Federal de Enfermagem; 2024. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-736-de-17-de-janeiro-de-2024/>
18. Colussi CF, Pereira KG. Territorialização como instrumento do planejamento local na Atenção Básica [Recurso eletrônico]/Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2016. Disponível em: https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/13957/1/TERRITORIALIZACAO_LIVRO.pdf
19. Fleury, S e Ouverney, AM. Política de Saúde: uma política social In: Giovanella L, Escorel S, Lobato LVC, et al. (org.) Políticas e Sistema de Saúde no Brasil. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2008. Disponível em: http://www.escoladesaude.pr.gov.br/arquivos/File/TEXT0_1_POLITICA_DE_SAUDE_POLITICA_SOCIAL.pdf
20. Marques D, Silva EM. A enfermagem e o programa saúde da família. Rev Bras Enferm. Brasília (DF) 2004, 57(5):545-50. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a06v57n5.pdf>
21. Mendes EV. A atenção primária à saúde no SUS: avanços e ameaças. Brasília, DF: Conselho Nacional de Secretários de Saúde, 2021. Disponível em: <https://www.conass.org.br/biblioteca/conass-documenta-38/>
22. Miranda SMRC. Participação popular na gestão de saúde. In: Santos AS, Miranda SMRC (org.) A enfermagem na gestão em atenção primária à saúde. São Paulo: Manole, 2007, p.337-54.
23. Morosini MVGC, Fonseca AF, Lima. L.D. Política Nacional de Atenção Básica 2017: retrocessos e riscos para o Sistema Único de Saúde. Rev. Saúde Debate. 2018;42(116):11-24. Disponível em:



<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/7PPB5Bj8W46G3s95GFctzJx/?format=pdf&lang=pt>

24. Paim JS. O que é o SUS? Coleção Temas em Saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2015. p.92-101. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/livro/o-que-e-o-sus-e-book- interativo>
25. Paim JS. Sistema Único de Saúde (SUS) aos 30 anos. Ciênc. saúde coletiva. 2018; 23 (6): 1723-1728. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232018000601723&lng=en
26. Peduzzi M. Trabalho em equipe. In: Pereira IB, Lima JCF. Dicionário da Educação Profissional em Saúde. 2a. Edição. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2009. Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/traequ.html>
27. Pinto LF, Giovannella L. Do Programa à Estratégia Saúde da Família: expansão do acesso e redução das internações por condições sensíveis à atenção básica (ICSAB). Ciênc. saúde coletiva. 2018; 23 (6):1903-1914. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/dXV7f6FDmRnj7BWPJf6Lfk/abstract/?lang=pt>
28. Santos DS, Mishima SM, Merhy EE. Processo de trabalho na Estratégia de Saúde da Família: potencialidades da subjetividade do cuidado para reconfiguração do modelo de atenção. Ciênc. Saúde coletiva. 2018; 23 (3): 861-870. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/s9bmJspgCcykVW6gddLytdG/?lang=pt>
29. Silva EM, Marques D, Rimoli J. Modelos Assistenciais e a Enfermagem em Saúde Coletiva. In: Santos AS, Traidi MC. Administração de Enfermagem em Saúde Coletiva. Barueri, SP: Manole, 2015.
30. Pereira FGF, Caetano JA, Moreira JF et al. Práticas educativas em saúde na formação de acadêmicos de enfermagem. Cogitare Enferm. 2015; 20(2):332-7.
31. Marques D, Silva EM. A enfermagem e o programa saúde da família. Rev Bras Enferm. Brasília (DF) 2004, 57(5):545-50. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a06v57n5.pdf> Acesso em: 04/11/2015.
31. Rocha SMM, Almeida MCP. O processo de trabalho da enfermagem em saúde coletiva e a interdisciplinaridade. Rev Latino-am. Enfermagem 2000; 8(6):96-101. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n6/12354.pdf>. Acesso em: 04/11/2015.
32. São Paulo (Estado) Secretaria da Saúde. Comissão Permanente de Assessoramento em Imunizações. Coordenadoria de Controle de Doenças. Centro de Vigilância Epidemiológica. Norma Técnica do Programa de Imunização / Secretaria da Saúde, Comissão Permanente de Assessoramento em Imunizações; Centro de Vigilância Epidemiológica. - São Paulo: SES-SP, 2016. Disponível em: http://www.saude.sp.gov.br/resources/cve-centro-de-vigilancia-epidemiologica/areas-de-vigilancia/imunizacao/doc/2016_norma_imunizacao.pdf. Acesso em: 06/02/2017.
33. São Paulo (Estado) Secretaria da Saúde. Coordenadoria de Controle de Doenças. Centro de Vigilância Epidemiologia "Prof. Alexandre Vranjac". Guia de vigilância epidemiológica – São Paulo: CVE, 2012. Disponível em: http://www.saude.sp.gov.br/resources/cve-centro-de-vigilancia-epidemiologica/publicacoes/cve12_guiave_atualizado.pdf. Acesso em: 06/02/2017.

EN321 - Semiologia Aplicada à Enfermagem I

OF:S-1 T:001 P:002 L:000 O:000 D:000 HS:003 SL:003 C:003 AV:N EX:S FM:85%

Pré-Req.: BF284

Ementa: Capacitação do aluno para a primeira etapa do processo de enfermagem com ênfase no exame físico. Realização do exame físico geral no adulto e idoso. . Desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas que subsidiam a formação do enfermeiro-professor para profissionais de nível médio de enfermagem.

1. Bickley LS. Bates: Propedêutica Médica. 11 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2015.
2. Benseñor IM, Atta JA, Martins MA. Semiologia Clínica. São Paulo: Sarvier; 2002.
3. Cianciarullo TI, Gualda D, Melleiro MM, Anabuki MH (Org). Sistema de Assistência de Enfermagem: evolução e tendências. 5 ed. São Paulo: Ícone; 2012.
4. Jarvis C. Exame físico e avaliação da saúde. 6 ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2012.
5. Jarvis C. Physical examination and health assessment. 6 ed. USA: W.B. Saunders; 2011.
6. Porto CC. Exame clínico: bases para a prática médica. 7 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2011.
7. Porto CC, Porto AL. Semiologia médica. 7 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2013.

EN322 - Aspectos Fundamentais do Processo de Cuidar em Enfermagem OF:S-1 T:005 P:003L:002 PE:2 D:000 HS:013 SL:013 C:013 AV:N EX:S FM:85% **Pré-Req.:** BF284 BM215

Ementa: Ensino teórico-prático dos procedimentos fundamentais ao cuidado de enfermagem aos usuários adultos atendidos em serviços de saúde. Aplicação do processo de enfermagem com vistas ao planejamento e execução dos cuidados de enfermagem. Implementação de práticas educativas. . Desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas que subsidiam a formação do enfermeiro-professor para profissionais de nível médio de enfermagem.

1. Bastable SB. O enfermeiro como educador: princípios de ensino-aprendizagem para a prática de enfermagem. Porto Alegre: Artmed, 2010.
2. Craven RF, Hirnle CJ. Fundamentos de Enfermagem: saúde e função humanas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 4ª ed, 2006.
3. Giovani AMM. Enfermagem: Cálculo e administração de medicamentos. São Paulo:Scrinium, 12ª ed, 2006.
4. Infusion Nurses Society. Infusion Nursing Standards of Practice. Journal of Infusion Nursing 2011; 34(1S): 1533-1458.
5. Pereira FGF, Caetano JA, Moreira JF et al. Práticas educativas em saúde na formação de acadêmicos de enfermagem. Cogitare Enferm. 2015; 20(2):332-7.
6. Pimenta CAM. Dor Manual de Enfermagem. São Paulo. 2000.
7. Potter PA, Perry AG. Fundamentos de Enfermagem. Rio de Janeiro: Elsevier, 8ª ed, 2013.
8. Silva RCL, Figueiredo NMA, Meireles IB. Feridas: fundamentação e atualizações em enfermagem. São Caetano do Sul: Yendis, 1ª ed, 2007.
9. Iezzi G. Fundamentos da matemática elementar. São Paulo: Editora Atual, v.6, 8 ed, 2013.



EN390 – Metodologia de Pesquisa I

OF:S-1 T:02 P:00 L:00 O:00 D:00 E:00 HS:02 SL:02 C:02 EX:S

Pré-Req.: Não há**Ementa:** Caminhos metodológicos e científicos na estruturação de um projeto de pesquisa. Etapas de um projeto de pesquisa: delimitação do tema, pergunta, introdução, justificativa, objetivos, métodos e técnicas de pesquisa. Revisão bibliográfica: bases de dados, organização de referências e citação no texto. Diferenças e complementariedades entre as metodologias qualitativas e quantitativas.

1. Andrade MM. Introdução à metodologia do trabalho científico. 9ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2009. 153p.
2. Garcez LHC. Técnica de redação: o que é preciso saber para escrever bem. 3 ed. São Paulo: Martins Editora, 2012.
3. International Committee of Medical Journal Editors. Requisitos Uniformes para manuscritos apresentados a periódicos biomédicos. Rev Latino-Am Enfermagem 2001; 9(2):7-16
4. Lobiondo-Wood G, Haber J. Pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação Crítica, utilização. 4ª ed., Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2001.
5. Minayo MCS, Deslandes SF, Gomes R. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes;2016.
6. Pineda EB, Alvarado EL. Metodología de la investigación. 3ª. Ed. Washington, OPAS/OMS, 2008. (Série PALTEX para Ejecutores de Programas de Salud, número 47).
7. Poderoso RE. Fontes de informação confiáveis na internet para o trabalhador. In: Iguí AM, Monteiro I (org). Aspectos de saúde e trabalho para jovens estudantes. Campinas, SP: Unicamp BFCM, 2014.
8. Polit DF, Hungler BP. Fundamentos de pesquisa em enfermagem. 3ª ed., Porto Alegre, Artmed, 1995.
9. Polit DF, Beck CT. Fundamentos de pesquisa em enfermagem: avaliação de evidências para a prática da enfermagem. 7ª ed., Porto Alegre, Artmed, 2011.
10. Prado ML, Souza ML, Monticelli M, Cometto MC, Gómez PF (ed.). Investigación cualitativa em enfermería: metodologia y didáctica. Washington, OPAS/OMS, 2013. (Série PALTEX, Salud y Sociedad 2000, número 10)
11. Sampieri RH, Collado CF, Lucio MPB. Metodologia de Pesquisa. 5ª ed., Porto Alegre, Penso, 2013.
12. Severino AJ. Metodologia do trabalho científico. 23ª ed., São Paulo, Cortez, 2007.
13. Therezo GP. Redação e leitura para universitários. Campinas: Editora Alínea, 2014.
14. Triviños ANS. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. 1ª Ed. São Paulo: Atlas; 2017.

EN421 - Semiologia Aplicada à Enfermagem II

OF:S-2 T:001 P:002 L:000 O:000 D:000 HS:003 SL:003 C:003 AV:N EX:S FM:85%

Pré-Req.: EN321 MD231**Ementa:** Capacitação do aluno para realização do exame físico específico do adulto. Registro da história clínica e do exame físico específico. Desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas que subsidiem a formação do enfermeiro-professor para profissionais de nível médio de enfermagem. Bates B. Propedêutica Médica. 10ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2010.

Benseñor IM, Atta JA, Martins M de A. Semiologia Clínica. São Paulo: Sarvier; 2002.

Jarvis C. Exame físico e avaliação de saúde para a enfermagem, 6 ed., Rio de Janeiro: Elsevier; 2012. Jarvis, C. Guia de exame físico para enfermagem. 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2012.

Lopez, M. Semiologia médica: as bases do diagnóstico clínico. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Revinter, 2004. Porto CC. Exame clínico. 8ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2017.

Seidel HM et al. Mosby. Guia de Exame físico. 6ed., Rio de Janeiro: Elsevier; 2007.

EN430 - Enfermagem em Saúde Mental II

OF:S-2 T:001 P:003 L:000 O:000 D:000 HS:004 SL:004 C:004 AV:N EX:S FM:85%

Pré-Req.: EN230 EN322**Ementa:** A enfermagem psiquiátrica como prática técnica e social e sua inserção em serviços de saúde mental de referência. Os meios de aproximação do objeto de trabalho da enfermagem em saúde mental e a participação do enfermeiro no tratamento e na reabilitação psicossocial dos sujeitos em sofrimento psíquico. Políticas de saúde mental e trabalho em equipe. Desenvolvimento de atividades práticas em serviços de referência de atenção à saúde mental. . Desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas que subsidiem a formação do enfermeiro-professor para profissionais de nível médio de enfermagem.

1. Bastable SB. O enfermeiro como educador: princípios de ensino-aprendizagem para a prática de enfermagem. Porto Alegre: Artmed, 2010.
2. Costa CM, Figueiredo AC (Org). Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania. Rio de Janeiro: Edições IPUB; 2004.
3. Cordioli AV. Psicofármacos: consulta rápida. 2.ed. Porto Alegre: Artmed; 2000.
4. Dalgalarrodo P. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais. Porto Alegre: Art med; 2000.
5. Freud S. A dinâmica da transferência. In: Freud S. O caso Schereber, artigos sobre técnica e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago; 1996. 12:109-122 (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud).
6. Freud S. Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III). In: Freud S. O caso Schereber; artigos sobre técnica e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago; 1996. 12:175-192. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud).
7. Freud S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: Freud S. O caso Schereber; artigos sobre técnica e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago; 1996. 12:123-136. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud).
8. Freud S. Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In: Freud S. O caso Schereber; artigos sobre técnica e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago; 1996. 12:161-174. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud).



9. Garcia APRF. Apreendendo possibilidades de cuidar [dissertação]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2004.
10. Galdeano LE, Rossi LA, Zago MMF. Roteiro instrucional para elaboração de um estudo de caso clínico. *Rev Latino-am. Enfermagem* 2003;11(3):371-5.
11. Hirdes A, Kantorski LP. Care systematization in psychiatric nursing within the psychiatric reform context. *J. Psychiatr. Ment. Health Nurs.* 2002;9(1):81-6.
12. Horta, WA. Processo de enfermagem. São Paulo: EPU; 1979.
13. Kaplan, HI, Sadock BJ. Tratado de psiquiatria. 6ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1999.
14. Kirschbaum DIR O trabalho de enfermagem e o cuidado em saúde mental. *Cadernos do IPUB.* 2000; 19(1):13-36.
15. Lacan J. Introdução. In: Lacan J. O seminário livro 4: a relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 1995.
16. Livieres CF, Silva ALA. O projeto moradia assistida do centro de atenção psicossocial: de uma questão clínica a outra. *Rev Esc Enferm USP.* 2006; 40(2):188-95.
17. Loyola C M, Rocha RM. Apresentação. *Cadernos do IPUB.* 2000; 19(1):7-9.
18. Mcsherry A. Jacques Lacan's theory of the subject as real, symbolic and imaginary: how can Lacanian theory be of help to mental health nursing practice? *J. Psychiatr. Ment. Health Nurs.* 2013;20(9):776-81.
19. Morrison EG. Inpatient practice: an integrated framework. *J. Psychosoc. Nurs. Ment. Health Serv.* 1992;30(1):26-9.
20. Pereira FGF, Caetano JA, Moreira JF et al. Práticas educativas em saúde na formação de acadêmicos de enfermagem. *Cogitare Enferm.* 2015; 20(2):332-7.
21. Pergola AM, Garcia APRF. O aprendizado da construção de caso clínico em Saúde Mental Rev. Esc. Enferm. USP [online]. 2008; [cited 2009-06-30]; 42(2):383-8 Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-2342008000200024&lng=en&nrm=iso>. ISSN0080-6234. doi: 10.1590/S0080-62342008000200024.
22. Quinet A. A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 2000.
23. Quinet A. As 4 + 1 condições da análise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 2000.
24. Furegato ARF. Relações interpessoais terapêuticas na enfermagem. Ribeirão Preto, Scala, 1999.
25. Taylor C. Fundamentos de enfermagem psiquiátrica de Mereness. 13ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1992.
26. Toledo VP. Sistematização da assistência de enfermagem psiquiatria de um serviço de reabilitação psicossocial. [Tese-Doutorado]. Ribeirão Preto(SP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP; 2004.
27. Toledo VP, Motubo SN, Garcia APRF. Sistematização da assistência de enfermagem em unidade de internação psiquiátrica. *Revista Baiana de Enfermagem.* 29(2):172-179, 2015.
28. Travelbee J. Intervencion en enfermaria psiquiatrica. Cali: OPAS; 1979.
29. Videbeck S.L. Enfermagem em Saúde mental e Psiquiatria. 5ª. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.
30. Viganò C. A construção do caso clínico em saúde mental. *Curinga.* 13(1):50-59, 1999.
31. Viganò C. A construção de caso clínico. *Opção Lacaniana online.* 01(01):1-9, 2010.

EN433 - Antropologia Filosófica, Educação e Enfermagem

OF:S-1 T:002 P:000 L:000 O:000 HS:002 SL:002 C:002 AV:N EX:S FM:75%

Pré-Req.: Não há

Ementa: Contribuições da antropologia para o campo da saúde, suas interfaces e temas específicos para a enfermagem. Relação entre crença e verdade. Eficácia simbólica na cura. Relação entre cultura, vulnerabilidade, saúde, doença, cuidado, cura, educação e relações de poder. Desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas que subsidiem a formação do enfermeiro-professor para profissionais de nível médio de enfermagem..

1. Barros, NF. Terapias Alternativas e Complementares: a nova parada do itinerário terapêutico. In: Nakamura, E; Martin, D; Santos, JFQ. (org). Antropologia para enfermagem. São Paulo: Manole; 2009. Cap 6.
2. Bauman, Zygmunt. A ética é possível num mundo de consumidores?. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2011. 272 p. ISBN 9788537807163 (broch.).
3. Campos, EA. Aspectos socioculturais e as práticas de cuidados em enfermagem. In: Nakamura, E; Martin, D; Santos, JFQ. (org). Antropologia para enfermagem. São Paulo: Manole; 2009. Cap 4.
4. Costa R, Souza SS, Ramos FRS. Foucault e sua utilização como referencial na produção científica em enfermagem *Texto Contexto Enferm.* 2008; 17(4): 629-37
5. Foucault, Michel. Microfísica do poder. Coautoria de Roberto Machado. 22. ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 2006. 295 p. (Biblioteca de filosofia e história das ciências). ISBN 8570380194 (broch.).
6. Levi-Strauus, C. A eficácia simbólica. In: Antropologia Estrutural; Rio de Janeiro: Tempo brasileiro; 1989; pp 204-224
7. Martin, D. Natureza e Cultura: ferramentas teóricas para a prática da enfermagem. In: Nakamura, E; Martin, D; Santos, JFQ. (org). Antropologia para enfermagem. São Paulo: Manole; 2009; Cap 1.
8. Nietzsche FW. Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2008. 2v. (Coleção das obras de Nietzsche). ISBN 853590025X; 9788535913071 (broch.).
9. Santos, JFQ. Cuidador e doente: Uma relação mediada pela cultura In: In: Nakamura, E; Martin, D; Santos, JFQ. (org). Antropologia para enfermagem. São Paulo: Manole; 2009. Cap 7 .
10. Santos MLSC, Padilha MICS. As posturas compassivas na Enfermagem- O Sofrimento que permeia o cuidar. *Rev Bras Enferm.* 2002; 55(5): 542-8.
11. Silva Para RA, Fernandez JCA, Sacardo DP. Para uma "ecologia de saberes" em saúde: um convite dos terreiros ao diálogo. *Revista Interface.* 2017;21(63):5-8.
12. Velloso ISC, Ceci C, Alves M. Reflexões sobre relações de poder na prática de enfermagem. *Rev Gaúcha Enferm., Porto Alegre (RS)* 2010 jun;31(2):388- 91.
13. Victora, CG; Knauth, DR, Hassen, MNA. (org). *Corpo, Saúde e Doença na Antropologia.* In: Pesquisa qualitativa em saúde – uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial; 2000; pp 9-33.

EN490 – Metodologia de Pesquisa II

OF: S-2 T:002 P:000 L:000 O:000 HS:002 SL:002 C:002 AV:N EX:S FM:75%



Pré-Req.: EN390

Ementa: Processo de construção de um projeto de pesquisa: definição de problema e pergunta de pesquisa, introdução (com revisão bibliográfica), objetivos, método, aspectos éticos, cronograma e elaboração de lista de referências. Plágio em pesquisa. Apresentação de anexos e apêndices.

Referências

1. Garcez LHC. Técnica de redação: o que é preciso saber para escrever bem. 3 ed. São Paulo: Martins Editora, 2012.
2. Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa. 5ª ed., São Paulo, Atlas, 2010.
3. International Committee of Medical Journal Editors. Requisitos Uniformes para manuscritos apresentados a periódicos biomédicos. Ver Latino- Am Enfermagem 2001; 9(2):7-16
4. Lobiondo-Wood G, Haber J. Pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação Crítica, utilização. 4ª ed., Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2001.
5. Malerbo MB, Pelá NTR. Apresentação escrita de trabalhos científicos. Ribeirão Preto, Holos, 2003.
6. Marconi MA, Lakatos EM. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados. 8ª ed., São Paulo, Atlas, 2008.
7. Minayo MCS, Deslandes SF, Gomes R. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes;2016
8. Polit DF, Hungler BP. Fundamentos de pesquisa em enfermagem. 7ª ed., Porto Alegre, Artemed, 2011.
9. Sampieri RH, Collado CF, Lucio MPB. Metodologia de Pesquisa. 5ª ed., Porto Alegre, Penso, 2013.
10. Severino AJ. Metodologia do trabalho científico. 22ª ed., São Paulo, Cortez, 2002.
11. Therezo GP. Redação e leitura para universitários. Campinas: Editora Alínea, 2014.
12. Triviños ANS. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. 1ª Ed. São Paulo: Atlas; 2017.

EN405 - Processo de Cuidar do Adulto e Idoso I

OF:S-1 T:006 P:002 L:002 PE:02 D:000 HS:010 SL:010 C:012 AV:N EX:S FM:85%

Pré-Req.: EN322 EN421 EN430 EN442 MD462

Ementa: Desenvolvimento do processo de cuidar em enfermagem à adultos e idosos em seguimento ambulatorial e internados em unidades clínicas e cirúrgicas de média complexidade e instituições de longa permanência para idosos. Assistência à família e cuidadores. Prevenção de acidentes no hospital. Aspectos éticos na assistência. Desenvolvimento de práticas educativas. . Desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas que subsidiam a formação do enfermeiro-professor para profissionais de nível médio de enfermagem.

1. Bastable SB. O enfermeiro como educador: princípios de ensino-aprendizagem para a prática de enfermagem. Porto Alegre: Artmed, 2010.
2. Pereira FGF, Caetano JA, Moreira JF et al. Práticas educativas em saúde na formação de acadêmicos de enfermagem. Cogitare Enferm. 2015; 20(2):332-7.
3. Porto C. Exame clínico: bases para a prática médica. 6ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2008.

EN532 - Processo de Cuidar em Enfermagem Psiquiátrica

OF:S-1 T:003 P:004 L:000 O:000 D:000 HS:007 SL:007 C:007 AV:N EX:S FM:85%

Pré-Req.: EN322 EN421 EN430

Ementa: Estudo da psicopatologia e da relação enfermeiro – paciente e sua aplicação no Processo de Enfermagem, visando a atuação do enfermeiro junto ao tratamento de sujeitos em sofrimento psíquico que requeiram cuidados contínuos e intensivos em serviços especializados na rede de saúde mental. Desenvolvimento do processo de cuidar em enfermagem psiquiátrica e em emergências psiquiátricas mediante a realização de atividades práticas em serviços de saúde mental.

Desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas que subsidiam a formação do enfermeiro-professor para profissionais de nível médio de enfermagem.

1. Arán M. A psicanálise e o dispositivo diferença sexual. Estudos Feministas. 2009; 17(3): 653-73.
2. Barros R R. Da diferença sexual a diferença feminina. Opção Lacaniana Online. 2012; 3(9): 1-24.
3. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. DAPES.Coordenação-Geral de Saúde Mental, Álcool e outras drogas. Saúde mental no SUS: as novas fronteiras da reforma psiquiátrica. Relatório de Gestão 2007- 2010. Ministério da Saúde: Brasília. Janeiro de 2011, 106p.
4. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. DAPES.Coordenação-Geral deSaúde Mental, Álcool e outras drogas. Saúde mental no SUS: cuidado em liberdade, defesa de direitos e rede de atenção psicossocial. Relatório de Gestão 2011-2015. Ministério da Saúde:Brasília. Maio de 2016,143p.
5. Dalgalarrodo P. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais. 2ed. Porto Alegre: Artmed,2008. 142p.
6. Ferreira N P. Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan.Ágora [online]. 2000; 3(2): 169-173.
7. Freud S. Fragmento da análise de um caso de histeria. In: Freud S. Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago; 1996.
8. Freud S. A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. In: Freud S. Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago; 1996.
9. Freud S. Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In: Freud S. Uma neurose infantil e outros trabalhos . Rio de Janeiro: Imago; 1996.
10. Furegato AR. Relações interpessoais terapêuticas na enfermagem. Ribeirão Preto: Scala; 1999. 142p.
11. Garcia APRF. Apreendendo possibilidades de cuidar . [Dissertação] Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2004.
12. Horta W A. Processo de enfermagem . São Paulo, EPU –EDUSP, 1979.



13. Kaplan HI, Sadock BJ. Tratado de Psiquiatria. 6a. ed., Porto Alegre: Artes Médicas; 1999. v.3.
14. Kirschbaum DIR. O trabalho de enfermagem e o cuidado em saúde mental: novos rumos? Cadernos IPUB, 2000, 19:13-36.
15. Lacan, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: Lacan J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 1998.
16. Laznik M C. Breve relato das idéias de Lacan sobre a histeria.Reverso. 2008; 30(55): 15-35.
17. Loyola C M, Rocha RM. Apresentação. Cadernos do IPUB. 2000; 19(1):7-9.
18. Mantovani C, Migon MN, Alheira FV, Del-Ben CM. Manejo de paciente agitado ou agressivo. Rev. Bras. Psiquiatr. 2011; 32(supl.2): 96-103.
19. Marques, NA, Toledo VP, Garcia APRF. Significação da psicose pelo sujeito e seus efeitos para a clínica da enfermagem. Rev. bras. enferm. [online]. 2012, 65 (1):116-120.
20. Mcsherry A. Jacques Lacan's theory of the subject as real, symbolic and imaginary: how can Lacanian theory be of help to mental health nursing practice? Journal of Psychiatric and Mental Health Nursing. 2013; 20(1): 776-781.
21. Miller JA. Lacan elucidado: palestras no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 1997.
22. Pergola AM, Garcia APRF. O aprendizado da construção de caso clínico em saúde mental. Rev. esc. enferm. USP. 2008; 42(2): 383-8.
23. Quinet A. As 4 + 1 Condições da Análise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 2000.
24. Rogers CR. Tornar-se pessoa. São Paulo: Martins Fontes; 1982.360p.
25. Bastos ADA, Ferreira AP. Psicanálise e Toxicomania -Desafios na Assistência Pública. Ed. Juruá, 2012,146p.
26. Stefanelli MC, Fukuda IMK, Arantes EC (org). Enfermagem psiquiátrica em suas dimensões assistenciais. Barueri: Manole; 2008. 668p.
27. Steinert T, Lepping P. Legal provisions and practice in the management of violent patients. a case vignette study in 16 European countries. Eur Psychiatry. 2009;24(2):135-41.
28. Toledo VP. Sistematização da Assistência de Enfermagem Psiquiatria de um serviço de reabilitação psicossocial. [Tese - Doutorado]. Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto; 2004.
29. Toledo V P, Ramos NA, Wopereis F. Processo de Enfermagem para pacientes com Anorexia Nervosa. Rev. bras. enferm. 2011; 64(1):193-197.
30. Vargens RW, Cruz MS, Santos MA. Comparação entre usuários de crack e de outras drogas em serviço ambulatorial especializado de hospital universitário. Rev. Latino -Am. Enfermagem, 2011; 19 (n. spe): 804-12.
31. Viganò C. A construção do caso clínico. Opção Lacaniana. 2012; 1(1): 10-9.
32. Toledo VP, Motobu SN, Garcia APRF. Sistematização da assistência de enfermagem em unidade de internação psiquiátrica. Rev. Baiana de Enferm. 2015; 29(2): 172-79.
33. Soler C. O que Lacan dizia das mulheres. São Paulo: Zahar Editor, 2005.
34. Videbeck SL. Enfermagem em saúde mental e psiquiatria. 5ª. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.
35. Lopes PF, Garcia APRF, Toledo VP. Processo de Enfermagem no cotidiano do enfermeiro nos Centros de Atenção Psicossocial. Rev. Rene. 2014; 15(5):780-8.
36. Ribeiro CT, Fernandes AH. Os tratamentos para usuários de drogas em instituições de saúde mental: perspectivas a partir da clínica psicanalítica Rev. Latino-am. Psicopat. Fund. 2013; 16(2), 260 -272.
37. Chiaverini, DH et al. Guia Prático de Matriciamento em Saúde Mental. Ministério da Saúde:Centro de Estudo e Pesquisa em Saúde Coletiva, Brasília, DF 2011.

EN590 - Administração em Enfermagem

OF:S-2 T:003 P:000 L:000 O:000 D:000 HS:003 SL:003 C:003 AV:N EX:S FM:75%

Pré-Req.: EN280 EN322 EN312

EMENTA: Ensino teórico-prático de aspectos fundamentais para a organização, direção e controle do gerenciamento de enfermagem na atenção hospitalar: modelos de planejamento; gestão de recursos materiais; gestão de custo; serviços de apoio; mudança e negociação; supervisão, liderança e trabalho em equipe; auditoria de processos assistenciais; gerenciamento de risco e segurança na saúde. Desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas que subsidiem a formação do enfermeiro-professor para profissionais de nível médio de enfermagem.

1. Barnsteiner J. Safety. In: Sherwood G, Barnsteiner J. Quality and safety in nursing: a competency approach to improving outcomes. Iowa: Wiley-Blackwell 2012, p.149-69.
2. Bastable SB. O enfermeiro como educador: princípios de ensino-aprendizagem para a prática de enfermagem. Porto Alegre: Artmed, 2010.
3. Brasil, Ministério da Saúde. Portaria No 529, de 1 de maio de 2013. Programa Nacional de Segurança do Paciente. Diário Oficial, Brasília - DF, 2013. Disponível em FTP.saude.sp.gov.;ftpsessp;bibliote;informe_eletronico2013;1e.
4. Campos ER. Metodologia de gestão por processos, Campinas-SP: UNICAMP, 2003. Disponível em: www.prd.unicamp.br/gestao_por_processos/gestao_processos
5. Chiavenato I. Introdução à teoria geral da administração. 7ª Ed Rio de Janeiro: CAMPUS, 2004.
6. Conselho Federal de Enfermagem. Resolução COFEN 543, de 2017. Atualiza e estabelece parâmetros para o Dimensionamento do Quadro de Profissionais de Enfermagem nos serviços/locais em que são realizadas atividades de enfermagem. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-05272016_46348.html
7. Gomes ELR, Anselmi ML, Mishima SM, Villa TCS, Pinto IC, Almeida MCP. Dimensão histórica da gênese e incorporação do saber administrativo na enfermagem. In: Almeida MCP, Semiramis MMR, orgs. O trabalho de enfermagem. São Paulo: Cortez, 1997(cap. 7, p. 229 a 250).
8. Kurcgant P. Gerenciamento em enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. (caps. 1, 9, 10 e 11).
9. Malik AM, Schiesari LMC. Qualidade na gestão local de serviços e ações de saúde, São Paulo: FSP - USP, 1998 (série saúde e cidadania, vol.3). Ferramentas da qualidade – Anexos. Disponível em www.ids-saude.uol.com.br/saudecidadania/ed_03/index.html



10. Mancia JR, Cabral LCC, Koerich MS, Educação permanente no contexto da enfermagem e na saúde. Rev. Bras Enferm 2004, 57(5): 605-10.
11. Marquis BL, Huston CJ. Administração e liderança em enfermagem: teoria e aplicação, 3a ed, Porto Alegre: Artes Médicas, 2015 (caps. 1 p. 21-50; 14 p.335-54; 15 p.355-84; 16 p. 389-413).
12. Paschoal AS, Mantovani MF, Meier M J. Percepção da educação permanente, continuada e em serviço para enfermeiros de um hospital de ensino. Rev. Esc. Enf USP 2007, 41 (3): 478-84.
13. Pereira FGF, Caetano JA, Moreira JF et al. Práticas educativas em saúde na formação de acadêmicos de enfermagem. Cogitare Enferm. 2015; 20(2):332-7.
14. Sanna MC. Os processos de trabalho em Enfermagem. Rev Bras Enferm 2007; 60(2):221-4.
15. Shirey MR. Nursing practice models for acute and critical care: overview of care delivery models. Crit Care Nurs Clin N AM 2008, 20:365-373. doi 10.1016/j.ccell. 2008.08.014.
16. Sullivan EJ, Decker PJ. Effective leadership and management in nursing. 7th ed. Addison Wesley Longman, Inc. CA, 2009 (Caps 2 e 3).
17. Ferreira MMF, Stancato K. Enfermeiros uma gestão profissional e pessoal. Campinas SP: Editora da Unicamp 2016.
18. Cucolo DF, Perroca MG. Instrumento para avaliação do produto do cuidar em enfermagem: desenvolvimento e validação de conteúdo. Revista Latino- Americana de Enfermagem 2015; 23(4): 642-650.

EN605 - Enfermagem na Atenção Integral à Saúde da Família

OF:S-2 T:008 P:003 L:000 PE:9 C:020 AV:N EX:S FM:85%

Pré-Req.: EN322 EN421 EN504 MD462

Ementa: Educação em saúde, planejamento, execução e avaliação de ações de enfermagem ao indivíduo inserido na família e na comunidade. Desenvolvimento de atividades práticas em serviços de saúde, contemplando a integralidade do cuidado nas dimensões que constituem o ser humano. Desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas que subsidiam a formação do enfermeiro-professor para profissionais de nível médio de enfermagem BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. Almeida FA, Sabatés AL. (Orgs.) Enfermagem pediátrica: a criança, o adolescente e sua família no hospital. Barueri: Manole; 2008.
2. Borges ALV, Fujimori E. Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica. Barueri: Manole; 2009.
3. Brasil. Cofen. Resolução no 546/2017. Dispõe sobre a utilização da técnica do Brinquedo/Brinquedo Terapêutico pelo Equipe de Enfermagem na assistência à criança hospitalizada. Disponível em: <http://www.portalcofen.com.br>
4. Brasil. Estatuto da Criança e do Adolescente. 3.ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2008. 96p. Disponível em: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_crianca_adolescente_3ed.pdf
5. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Promoção da Saúde. Guia alimentar para crianças brasileiras menores de dois anos. Brasília: Ministério da Saúde, 2019. 265p. Disponível em: https://www.svb.org.br/images/guia_da_crianca_2019.pdf
6. Brasil. Ministério da Saúde. Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2010. 132p. Disponível em: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_adolescentes_jovens_promocao_saude.pdf
7. Brasil. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Diretrizes brasileiras para o rastreamento do câncer do colo do útero no Brasil – Sumário executivo para a atenção básica. Brasília: MS, INCA; 2018.
8. Brasil. Ministério da Saúde. Linha de cuidado para atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violências: orientação para gestores e profissionais de saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2010. 104 p. Disponível em: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_crianças_famílias_violências.pdf
9. Brasil. Ministério da Saúde. Orientações básicas de atenção integral à saúde do adolescente nas escolas e unidades básicas de saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2013. Disponível em: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/orientacao_basica_saude_adolescente.pdf
10. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria no. 2.436, de 21 de setembro de 2017. Política Nacional de Atenção Básica. Brasília, 2017. Disponível em: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html.
11. Brasil. Ministério da Saúde. Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para atenção integral às pessoas com infecções sexualmente transmissíveis. Brasília: Ministério da Saúde; 2019. 248 p.
12. Brasil. Ministério da Saúde. Saúde da Criança: acompanhamento do crescimento e desenvolvimento infantil. Brasília: Ministério da Saúde; 2012. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/caderno_33.pdf
13. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Atenção Básica/Ministério da Saúde Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília, 2012. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/pnab.pdf>.
14. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica [recurso eletrônico]/Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2017. 234p. Disponível em: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/proteger_cuidar_adolescentes_atencao_basica.pdf
15. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Acolhimento à demanda espontânea/Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – 1. ed.; 1. reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Volume 1. Disponível em: http://www.saude.sp.gov.br/recursos/humanizacao/biblioteca/documentos-norteadores/cadernos_de_atencao_basica_-_volume_1.pdf.
16. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Acolhimento à demanda espontânea: queixas mais comuns na Atenção Básica. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – 1. ed.; 1. reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Volume 2. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/caderno_28.pdf
17. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Especializada à Saúde. Departamento de Atenção Hospitalar, Domiciliar e de Urgência. Atenção Domiciliar na Atenção Primária à Saúde [recurso



- eletrônico/Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção Especializada à Saúde, Departamento de Atenção Hospitalar, Domiciliar e de Urgência – Brasília:Ministério da Saúde, 2020. 98p. http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_domiciliar_primaria_saude.pdf
18. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Ações Programáticas. Manual de gestão de alto risco [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Ações Programáticas – Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao-mulher/manual-de-gestacao-de-alto-risco-ms-2022/>
19. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Coordenação-Geral de Desenvolvimento da Epidemiologia em Serviços. Guia de Vigilância em Saúde: volume único [recurso eletrônico]/Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Coordenação-Geral de Desenvolvimento da Epidemiologia em Serviços. – 3a. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_vigilancia_saude_3ed.pdf
20. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. Manual de Normas e Procedimentos para Vacinação/Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/images/pdf/2014/dezembro/11/Manual-procedimentos-vacinacao-web.pdf>
21. Brasil. Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Brasília: Secretaria de Políticas para Mulheres; 2013. 114p.
22. Brasil. Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência contra mulheres e adolescentes: norma técnica. 3.ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2012. 124p.
23. Brasil. Protocolos de atenção básica: saúde das mulheres. Brasília: Ministério da Saúde; Instituto Sírio-Libanês, 2016. 230p.
24. Brasil. Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Instituto de Saúde. Promoção, Proteção e Apoio ao Aleitamento Materno: evidências científicas e experiências de implementação/organizadores: Sonia Isoyama Venancio, Tereza Setsuko Toma. – São Paulo:Instituto de Saúde, 2019. 272p. (Temas em saúde coletiva). Disponível em: <http://www.saude.sp.gov.br/resources/instituto-de-saude/homepage/pdfs/49082001internetbx.pdf>
25. Carvalho MR, Gomes CF. Amamentação: Bases científicas. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2017. 554p.
26. Carvalho SD. O Enfermeiro e o cuidar multidisciplinar na saúde da criança e do adolescente. São Paulo/Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: Atheneu; 2012.
27. Chiapara TR, Cacho, DP; Alves, AFD Incontinência Urinária Feminina: assistência fisioterapêutica e multidisciplinar. São Paulo: LMP Editora; 2007.
28. CIE. Conselho Internacional de Enfermeiras. Classificação Internacional de Enfermagem-CIPE Versão 2019 release - Português do Brasil. Disponível em: <https://www.icn.ch/sites/default/files/inline-files/icnp-brazil-portuguese-translation-2017.pdf>
29. Conceição CM, Ribeiro CA, Borba RIH, Ohara CVS, Andrade PR. Brinquedo terapêutico no preparo da criança para punção venosa ambulatorial: percepção dos pais e acompanhantes. Esc Anna Nery. 2011;15(2):346-53.
30. Cubas MR, Albuquerque LM. CIPE®: uma linguagem padronizada para a prática profissional. In: Garcia TR. Classificação Internacional para a prática de Enfermagem versão 2019/2020. RJ: Artmed, 2020.
31. Finotti M. Manual de anticoncepção. São Paulo: FEBRASGO; 2015. 285p
32. Giacomello KJ, Melo LL. Do faz-de-conta à realidade: compreendendo o brincar de crianças institucionalizadas vítimas de violência por meio do brinquedo terapêutico. Ciênc saúde colet. 2011;16(Supl 1):1571-80.
33. INCA (Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva). Detecção precoce do câncer. Rio de Janeiro: INCA, 2021a. 72p.
34. INCA (Instituto Nacional do Câncer). Ações de enfermagem para o controle do câncer: uma proposta de integração ensino-serviço. 3a ed. rev. atual. ampl. Rio de Janeiro: INCA; 2008.
35. INCA. Diretrizes brasileiras para o rastreamento do câncer do colo do útero. 2.ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: INCA; 2016. 114p.
36. INCA. Diretrizes para a detecção precoce do câncer de mama no Brasil. Rio de Janeiro: INCA;2015. 168 p.
37. Obstetrícia de Williams. Coautoria de F. Gary Cunningham, Kenneth J. Leveno, Steven L. Bloom, Jodi S. Dashe, Barbara L. Hoffman, Brian M. Casey, et al. 25. ed. Porto Alegre, RS: AMGH; 2021. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9786558040064>
38. Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). Controle integral do câncer do colo do útero. Guia de práticas essenciais. Washington, DC: OPAS, 2016. 415 p.
39. Organização Pan-Americana da Saúde. Recomendações assistenciais para prevenção, diagnóstico e tratamento da hemorragia obstétrica. Brasília: OPAS; 2018. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2018/09/9788579671241-por.pdf>
40. São Paulo (Estado) Secretaria da Saúde. Coordenadoria de Controle de Doenças. Centro de Vigilância Epidemiológica "Prof. Alexandre Vranjac". Norma técnica do Programa de Imunização. São Paulo: CVE, 2021. Disponível em: http://www.saude.sp.gov.br/resources/cve-centro-de-vigilancia-epidemiologica/areas-de-vigilancia/imunizacao/2021/norma_de_imunizacao_2021_2.pdf
41. São Paulo (Estado). Secretaria da Saúde. Atenção à gestante e à puérpera no SUS – SP: Manual técnico do pré-natal e puerpério. São Paulo: SES/SP; 2010. 234p.
42. São Paulo. Calendário de Vacinação do Programa Estadual de Imunização do Estado de São Paulo - 2021. Centro de Vigilância Epidemiológica "Prof. Alexandre Vranjac". 2017. Disponível em: http://www.saude.sp.gov.br/resources/cve-centro-de-vigilancia-epidemiologica/areas-de-vigilancia/imunizacao/2021/calendario_vacinacao_2021.pdf
43. Sarubbi V, Muylaert J, Gallo SM, Gallo PR. No contexto da creche: a enfermagem e suas representações do cuidado à criança como ato educativo. Rev Esc Enferm USP. 2014;48 (Esp2):48-54.
44. Schlithler ACB, Ceron M, Gonçalves DA. Famílias em situação de vulnerabilidade ou risco psicossocial. Módulo Psicossocial. UNA-SUS/UNIFESP. Disponível em: http://www.unasus.unifesp.br/biblioteca_virtual/esf/1/modulo_psicossocial/Unidade_18.pdf .



45. Stevens C, Oliveira S, Zanello V, Silva E, Portela C (Org). Mulheres e violência: interseccionalidades. Brasília: Tecknopolitik; 2017. 628p. (Ebook disponível online)
46. Veríssimo MDLOR. Necessidades essenciais das crianças para o desenvolvimento: referencial para o cuidado em saúde. Rev Esc Enferm USP. 2017;51:e03283. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-220X2017017403283>
47. World Health Organization. People-centred health care: a policy framework. WHO Regional Office for the Western Pacific. Geneva: WHO; 2007.
48. Wong DL. Fundamentos de enfermagem pediátrica. 7.ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2014.

EN665 - Assistência de Enfermagem a Criança e Adolescente II

OF:S-2 T:003 P:003 L:01 PE:2C:008 AV:N EX:S FM:85%

Pré-Req.: EN504 EN555

Ementa: Ensino teórico e prático da assistência de enfermagem à criança e adolescente saudáveis com doenças de média e alta complexidade e as repercussões da doença e do tratamento na vida da criança, adolescente e família. Desenvolvimento de práticas educativas. Desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas que subsidiam a formação do enfermeiro-professor para profissionais de nível médio de enfermagem.

1. American Heart Association (AHA). Destaque das diretrizes da AHA 2020 para RCP e ACE. Disponível em: https://cpr.heart.org/-/media/cpr-files/cpr-guidelines-files/highlights/hghlghts_2020eccguidelines_portuguese.pdf
2. Behrman RE, Kliegman RM, Jenson HB, Nelson: Tratado de Pediatria. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2017.
3. Bowden VR, Greenberg CS. Procedimentos de enfermagem pediátrica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2013.
4. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (BR). Estimativa 2023: incidência de câncer no Brasil [Internet]. 1. ed. Rio de Janeiro: INCA; 2022. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document/estimativa-2023.pdf>
5. Instituto Ronald McDonald (BR). O diagnóstico precoce do câncer infantojuvenil e a atenção básica: estratégias e desafios para aumentar as chances de cura [Internet]. 3.ed. Rio de Janeiro: Instituto Ronald McDonald; 2018. Disponível em: https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/01/IRM_DIAGNOSTICO-PRECOCE_ate-capitulo2.pdf
6. Hockenberry MJ, Wilson D. Wong, Fundamentos de enfermagem pediátrica. 10.ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2023.
7. Singletary EM, Charlton NP, Epstein JL, Ferguson JD, Jensen JL, MacPherson AI, et al. Part 15: first aid: 2015 American Heart Association and American Red Cross Guidelines Update for First Aid. Circulation. 2015;132(suppl2):S574–S89.
8. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria conjunta No 01, de 10 de janeiro de 2018. Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas da síndrome nefrótica primária em crianças e adolescentes. Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS. Brasília: Diário Oficial da União, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/conitec/pt-br/midias/protocolos/pcdt_sindromenefroticaprimary_criancasadolescentes-1.pdf
9. Kidney Disease Outcomes Quality Initiative. Kidney Disease Improving Global Outcomes (KDIGO). GN Clinical Practice Guideline for Glomerulonephritis. Nephrotic syndrome in children. Kidney International Supplements, 2020. Disponível em: <https://kdigo.org/wp-content/uploads/2017/02/KDIGO-Glomerular-Diseases-Guideline-2021-English.pdf>
10. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria conjunta No 08, de agosto de 2017. Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas da Fibrose Cística – Manifestações Pulmonares e Insuficiência Pancreática. Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS. Brasília: Diário Oficial da União, 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/protocolos-clinicos-e-diretrizes-terapeuticas-pcdt/arquivos/2017/fibrose-cistica-2013-manifestacoes-pulmonares-e-insuficiencia-pancreatica-pcdt.pdf>
11. Wright LM, Leahey M. Enfermeiras e famílias: um guia para avaliação e intervenção na família. 6.ed. São Paulo: Roca, 2015.
12. Brasil. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Medidas de Prevenção de Infecção Relacionada à Assistência à Saúde. Brasília: Anvisa, 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/centraisdeconteudo/publicacoes/servicosdesaude/publicacoes/caderno-4-medidas-de-prevencao-de-infeccao-relacionada-a-assistencia-a-saude.pdf/view>
13. Nickel B, Gorski LA, Kleidon TM, et al. Infusion therapy standards of practice. J Infus Nurs.2024;47(suppl1):S1-S285. doi:10.1097/NAN.0000000000000532. 14.COREN-SP. Uso seguro de medicamentos: guia para preparo, administração e monitoramento. São Paulo: COREN-SP, 2017 Disponível em: <https://portal.coren-sp.gov.br/wp-content/uploads/2010/01/uso-seguro-medicamentos.pdf>
14. ISMP. Instituto para Práticas Seguras no Uso de Medicamentos. Uso seguro de medicamentos em pacientes pediátricos. Boletim ISMP Brasil 2017;6(4):1-6. Disponível em: <https://www.ismp-brasil.org/site/wp-content/uploads/2017/12/BOLETIM-ISMP-BRASIL-PEDIATRIA.pdf>

EN690 - Estágio Supervisionado de Administração em Enfermagem Hospitalar

OF:S-1 T:003 P:008 L:000 O:000 D:000 HS:011 SL:003 C:011 AV:N EX:S FM:85%

Pré-Req.: EN421 EN590

Ementa: Ensino teórico-prático de aspectos fundamentais para a organização, direção e controle do gerenciamento de enfermagem na atenção hospitalar: modelos de planejamento; gestão de recursos materiais; gestão de custo; serviços de apoio; mudança e negociação; supervisão, liderança e trabalho em equipe; auditoria de processos assistenciais; gerenciamento de risco e segurança na saúde. Desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas que subsidiam a formação do enfermeiro-professor para profissionais de nível médio de enfermagem.

1. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Brasil). Plano integrado para a gestão sanitária da segurança do paciente em serviços de saúde: monitoramento e investigação de eventos adversos e avaliação de práticas e segurança do paciente. 2015.
2. Bastable SB. O enfermeiro como educador: princípios de ensino-aprendizagem para a prática de enfermagem. Porto Alegre: Artmed, 2010.
3. Chiavenato I. Administração Geral e Pública. Barueri-SP: Manole, 2012. 2. Costa EA. Gestão estratégica: da empresa que temos para a empresa que queremos. 2ª Ed (11ª tiragem, 2015) São Paulo: Saraiva. 2007.
4. Joint Commission International Accreditation Standards for Hospitals. 4th Edition, Joint Commission Resources, 2010. 4. Kurciant P. org. Gerenciamento em enfermagem. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara



Koogan, 2016.

5. Leão ER, Silva CPR, Alvarenga DC, Mendonça SHF. Qualidade em Saúde: indicadores como ferramenta da gestão. São Paulo: Yendis, 2008. (Caps. 1, 2 e 5).
6. Marquis, Bessie L. Administração e liderança em enfermagem: teoria e prática. Coautoria de Carol J Huston. 8. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2015. 653 p., il. ISBN 9788582712313 (broch.).
7. Murphy-Ruocco M. Delegation: an art of Professional nursing practice. In: Yoder Wise PS. Leading and managing in nursing. St. Louis: Elsevier Mosby, 6th ed, 2015, p.485-505.
8. Organização Mundial da Saúde. Ambientes de trabalho saudáveis: um modelo para ação. Tradução do Serviço Social da Indústria. – Brasília: SESI/DN, 2010.
9. Pereira FGF, Caetano JA, Moreira JF et al. Práticas educativas em saúde na formação de acadêmicos de enfermagem. Cogitare Enferm. 2015; 20(2):332-7.
10. Silva MJP. Comunicação como ferramenta de gestão. In: Harada MJCS (org.). Gestão em enfermagem: ferramenta para a prática segura. São Caetano do Sul, SP: Yendis; 2011. p.150-3.
11. Wilkinson CJ. Work violence and incivility. In: Yoder Wise PS. Leading and managing in nursing. St. Louis: Elsevier Mosby, 6th ed, 2015, p.464-484.
12. WHO. Plano de ação global para a segurança do paciente 2021-2030: Em busca da eliminação dos danos evitáveis nos cuidados de saúde. Disponível em 2021. <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/centraisdeconteudo/publicacoes/servicosdesaude/publicacoes/plano-de-acao-global-para-a-seguranca-do-paciente-2021-2030-traduzido-para-portugues/@download/file>

EN505 - Processo de Cuidar do Adulto e Idoso II,

OF:S-2 T:005 P:003 L:002 PE:2 C:012 AV:N EX:S FM:85%

Pré-Req.: EN405 EN430 EN445 MD462

Ementa: Desenvolvimento do processo de cuidar em enfermagem a adultos e idosos no Centro Cirúrgico, na Sala de Recuperação Pós-anestésica e em situações de alto risco: Unidade de Terapia Intensiva e Emergência. Preparo para alta. Atuação em Centro de Material e Esterilização. Processamento e controle de qualidade de artigos de saúde. Assistência à família e cuidadores. Catástrofes. Ética na assistência. Desenvolvimento de atividades didático-pedagógica que subsidiem a formação do professor para profissionais de nível médio de enfermagem.

Cintra EA, Nishide VM, Nunes WA. Assistência de enfermagem ao paciente gravemente enfermo. 2ª ed. São Paulo: Atheneu; 2003.

1. Meeker MH, Rothrock JC. Alexander cuidados de enfermagem ao paciente cirúrgico. 13a ed., 2011.
2. Práticas recomendadas SOBECC / 6. ed. rev. e atual. Ano 2013
3. Possari, JF. Centro cirúrgico: planejamento, organização e gestão. Edição 5. ed. Imprensa SãoPaulo, SP : látria, 2011. 288 p. : il.
4. Bonfim IM, Malagutti W. Recuperação pós-anestésica: assistência especializada no centro cirúrgico. Imprensa São Paulo, SP : Martinari, 2010. 280p. : il.
5. Santos, NCM. Centro cirúrgico e os cuidados de enfermagem / 6. ed. rev. 2010
6. Bonfim IM, Malagutti W; (orgs.). Enfermagem em centro cirúrgico: atualidades e perspectivas no meio ambiente cirúrgico. 2. ed. Imprensa São Paulo : Martinari, 2011. 333 p.
7. Cintra EA, Nishide VM, Nunes WA. Assistência de enfermagem ao paciente gravemente enfermo. 2a ed. São Paulo: Atheneu; 2003.
8. Jarvis C. Physical examination and health assesment. 4th ed. Philadelphia: W.B. Saunders Co; 2003.
9. Knobel E. Condutas no paciente grave. 3a ed. São Paulo: Atheneu; 2006.
10. Porto CC. Exame clínico. 7a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2008
11. UNICAMP. Manual de Procedimentos do Hospital das Clínicas. Campinas; 2005.
12. Pasini D et al. Diagnósticos de enfermagem de pacientes em unidades de terapia intensiva. Rev Esc Enf USP, 1996; 30(3): 501-18.
13. Sousa OP, Cardoso RM, Koizumi MS. Recuperação das vítimas de traumatismo crânio-encefálico no período de um ano após o trauma. Rev Esc Enf USP, 1996; 30 (3): 484-500,
14. Terzi RGG, Araújo S. Monitorização hemodinâmica e suporte cardiocirculatório do paciente crítico. São Paulo: Atheneu; 1996
15. Terzi RGG, Araújo S. Técnicas básicas em UTI. 2a ed. São Paulo: Manole;1996.
16. Zuñiga QGP. Ventilação mecânica básica para enfermagem. São Paulo: Atheneu; 2003.
17. Herdman TH, Kamitsuru S. Diagnósticos de enfermagem da NANDA International: definições e classificação 2015/2017. Porto Alegre: Artmed, 2015
18. Johnson M, Moorhead S, Bulechek GM; Butcher HK, Maas ML, Swanson E. Ligações NANDA-NOC-NIC: condições clínicas: suporte ao raciocínio e assistência de qualidade. 3.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
19. McCloskey JC, Bulechek GM. Classificação das intervenções de enfermagem. Porto Alegre: Artmed, 6.ed.; 2016.
20. Moorhead S, Johnson M, Maas ML, Swanson E. Classificação dos resultados de enfermagem (NOC). 5.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016.

EN766 - Assistência de Enfermagem à Saúde da Mulher e Recém-Nascido OF:S-1 T:005 P:006 L:000 O:000 D:000 HS:011 SL:011 C:011 AV:N EX:S FM:85% **Pré-Req.:** EN465 EN704

Ementa: Assistência à mulher e seu filho nos processos de nascimento e puerpério (alojamento conjunto). Cuidado ao recém-nascido de risco e à sua família em processo de alta. Intervenção nas intercorrências mamárias, na promoção e manutenção da lactação. Assistência a mulheres portadoras de câncer ginecológico/mamário em atendimento especializado. Desenvolvimento de atividades educativas. Desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas que subsidiem a formação do enfermeiro-professor para profissionais de nível médio de enfermagem.

1. Bastable SB. O enfermeiro como educador: princípios de ensino-aprendizagem para a prática de enfermagem. Porto Alegre: Artmed, 2010.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Ações de Enfermagem para o Controle do Câncer. Instituto Nacional do Câncer. 3.ed.rev. amp. Rio de Janeiro: INCA, 2008.
3. Brasil. Ministério da Saúde. Atenção à saúde do recém-nascido: guia para os profissionais de saúde. 2.ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2014. Volume 1 (Cuidados gerais).
4. Brasil. Ministério da Saúde. Atenção à saúde do recém-nascido: guia para os profissionais de saúde. 2.ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2014. Volume 2 (Intervenções comuns, icterícia e infecções).



5. Brasil. Ministério da Saúde. Atenção à saúde do recém-nascido: guia para os profissionais de saúde. 2.ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2014. Volume 3 (Problemas respiratórios, cardiocirculatórios, metabólicos, neurológicos, ortopédicos e dermatológicos).
6. Brasil. Ministério da Saúde. Atenção à saúde do recém-nascido: guia para os profissionais de saúde. 2.ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2014. Volume 4 (Cuidados com o recém-nascido pré-termo).
7. Brasil. Ministério da Saúde. Atenção humanizada ao recém-nascido de baixo peso: método canguru: manual técnico. 2.ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2013. 204p.
8. Brasil. Ministério da Saúde. Controle dos cânceres do colo do útero e da mama. 2.ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2013. 124p. (Cadernos de Atenção Básica, n. 13)
9. Brasil. Ministério da Saúde. Diretriz Nacional de Assistência ao Parto Normal. Relatório de Recomendação. Ministério da Saúde: Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS; 2016. 381p.
10. Brasil. Ministério da Saúde. Gestação de alto risco: manual técnico. 5.ed. Brasília (DF); 2012.
11. Brasil. Ministério da Saúde. Humanização do parto e do nascimento, Ministério da Saúde. Universidade Estadual do Ceará. – Brasília: Ministério da Saúde; 2014. 465 p. (Cadernos HumanizaSUS; v. 4)
12. Bulechek GM, Butcher HK, Dochterman J, Wagner CM. Classificação das intervenções de enfermagem (NIC). 6.ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2016. 640p.
13. Carvalho MR, Gomes CF. Amamentação: bases científicas. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan (Grupo GEN); 2016. 572p.
14. Carvalho RT, Parsons HA. Manual de Cuidados Paliativos ANCP. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2012 (online).
15. FEBRASGO. Manual de orientação em anticoncepção. São Paulo: FEBRASGO; 2015. 285p.
16. Herdman TH, Kamitsuru S. Diagnósticos de enfermagem da NANDA Internacional: definições e classificação 2015/2017. Porto Alegre: Artmed, 2015
17. Instituto Nacional do Câncer (INCA). Diretrizes Brasileiras para o Rastreamento do Câncer de Colo de útero. Rio de Janeiro; Inca 2011. 104p.
18. Marba STM, Mezzacappa Filho F. Manual de neonatologia da UNICAMP. 2.ed. Rio de Janeiro: Revinter; 2009.
19. Moorhead S, Johnson M, Maas ML, Swanson E. Classificação dos resultados de enfermagem (NOC). 5.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016. 712p.
20. Pereira FGF, Caetano JA, Moreira JF et al. Práticas educativas em saúde na formação de acadêmicos de enfermagem. Cogitare Enferm. 2015; 20(2):332-7.
21. São Paulo (Estado). Secretaria da Saúde. Atenção à gestante e à puérpera no SUS-SP: manual técnico do pré-natal e puerpério. São Paulo: SES/SP, 2010. 234p.
22. Silva RS da, Amaral JB do, Malagutti W. Enfermagem em Cuidados Paliativos: Cuidando para uma boa morte. São Paulo: Martinari, 2013.
23. UNICEF. Iniciativa Hospital Amigo da Criança: promovendo e incentivando a amamentação em um Hospital Amigo da Criança: curso de 20 horas para equipe de maternidades. Brasília: Ministério da Saúde; 2009. 276 p. (Módulo 3).
24. Vendramini RCR et al. Segurança do paciente em cirurgia oncológica: experiência do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo. Rev Esc Enferm USP. 2010; 44(3):827-32. Sites de interesse: www.paliativo.org.br; www.inca.gov.br; www.sbpoc.com.br

EN780 - Exercício da Enfermagem II

OF:S-2 T:002 P:000 L:000 O:000 D:000 HS:002 SL:002 C:002 AV:N EX:S FM:75%

Pré-Req.: Não há

Ementa: Fundamentos ético-filosóficos. Estudo das inter-relações existentes entre a Ética, a Bioética, a Moral e os Valores. Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem. Reflexão sobre os aspectos éticos envolvidos nas questões relativas aos direitos dos pacientes, privacidade e confidencialidade, nascimento e final de vida, morte e morrer, gênero, políticas públicas, segurança do paciente, pesquisas envolvendo seres humanos. Bordenave JD, Pereira AM. Estratégias de ensino-aprendizagem. Petrópolis:Voices;2007. Campos LRG, Ribeiro MRR, Depes VBS. Autonomia do graduando em enfermagem na (re)construção do conhecimento mediado pela aprendizagem baseada em problemas. Rev Bras Enferm 2014;67(5):818-2.

1. Cónsul-Giribet M, Medina-Moya JL. Pontos fortes e deficiências da Aprendizagem Baseada em Problemas sob a perspectiva profissional de enfermeiras. Revista Latino-Americana de Enfermagem 2014; 22(5): 724-30
2. Coriolano MWL, Lima MM, Queiroga BAM, Ruiz-Moreno L, Lima LS. Educação permanente com agentes comunitários de saúde: uma proposta de cuidado com crianças asmáticas. Trab. educ. saúde. 2012;10(1):37-59
3. Cotta RMM, Reis RS, Campos AAO, Gomes AP, Antonio VE, Siqueira-Batista R. Debates atuais em humanização e saúde: quem somos nós? Ciênc. saúde coletiva 2013;18(1):171-9.
4. Mello CCB, Alves RO, Lemos SMA. Metodologias de ensino e formação na área da saúde: revisão de literatura. Rev CEFAC;16(6):2015-28.
5. Morin E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo:Cortez;2006.
6. Oguisso T, Zoboli E. Ética e bioética: desafios para a enfermagem e a saúde. Barueri: Manole, 2006.
7. Prado ML, Velho MB, Espindola DS, Sobrinho SH, Backes VMS. Arco de Charles Maguerez: refletindo estratégias de metodologia ativa na formação de profissionais de saúde. Esc. Anna Nery. 2012;16(1):172-7.
8. Ribeiro LRC. Aprendizagem baseada em problemas (PBL): uma experiência no ensino superior. São Carlos:UFSCar; 2008.
9. Siqueira-Batista R, Siqueira Batista R. Os anéis da serpente: a aprendizagem baseada em problemas e as sociedades de controle. Ciênc Saúde Coletiva 2009;14(4):1183-92.
10. Sobral FR, Campos C.J.G. Utilização de metodologia ativa no ensino e assistência de enfermagem na produção nacional: revisão integrativa. Rev. esc. enferm. USP 2012; 46(1):208-18.
12. Brasil, Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: Saúde. Brasília: MEC/SEF, 1997.

MD212 - Psicologia Geral e do Desenvolvimento

OF:S-2 T:003 P:000 L:000 O:000 D:000 HS:003 SL:003 C:003 AV:N EX:S FM:75%

Pré-Req.: Não há



Ementa:

Desenvolvimento mental normal do ser humano, num contexto evolutivo e dinâmico. Conceitos básicos do desenvolvimento mental em suas várias etapas desde a concepção até a morte. A prática da enfermagem e sua relação com a psicologia. Conceitos fundamentais da Psicologia geral (inteligência, memória, humor, afetividade, pensamento e orientação).

1. Ciasca SM; Rodrigues SD; Salgado-Azoni CA; Lima RF. Transtornos de Aprendizagem: neurociência e interdisciplinaridade. Ribeirão Preto: Book Toy, 2015.
2. Fuentes D.; Malloy-Diniz LF; Camargo CHP; Cosenza RM e cols. Neuropsicologia: teoria e prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.
3. Gazzaniga MS; Ivry RB; Mangun GR. Neurociência Cognitiva: a biologia da mente. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
4. Moura-Ribeiro MVL, Gonçalves VMG. Neurologia do Desenvolvimento da criança. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2009.

EN214 - Epidemiologia e Saúde

OF:S-2 T:003 P:001 L:000 O:000 D:000 HS:004 SL:004 C:004 AV:N EX:S FM:75%

Pré-Req.: Não há

Ementa: Definição e usos da Epidemiologia. Conceitos básicos. População e saúde: noções de demografia, crescimento populacional. Transição demográfica e epidemiológica. A medida das condições de saúde: Fontes de informações. Principais indicadores de mortalidade. Letalidade. Mortalidade infantil e principais componentes. Incidência. Prevalência. Diagnóstico descritivo em Epidemiologia. Medidas de risco. A Epidemiologia e o controle das doenças. Epidemias e endemias. Investigação epidemiológica. Vigilância epidemiológica. Validação de testes diagnósticos. Desenhos epidemiológicos.

1. Medronho R.A., Bloch K.V., Luis R.R., Werneck G.L. Epidemiologia. Atheneu, Rio de Janeiro, 2009. 676pp.
2. Beaglehole R., Bonita R., Kjellström T. Epidemiologia Básica. Santos Editora 2ªEd., 2010.
3. Ministério da Saúde. Guia de Vigilância Epidemiológica, Brasília 2015, acessível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/images/pdf/2015/fevereiro/06/guia-vigilancia-saude-atualizado-05-02-15.pdf>

MD311 - Genética para Enfermagem I

OF:S-2 T:002 P:000 L:000 O:000 D:000 HS:002 SL:002 C:002 AV:N EX:S FM:75%

Pré-Req.: Não há

Ementa: O material genético, constituição dos cromossomos, ação gênica e análise do DNA. Estudo do cariótipo humano normal e das aberrações cromossômicas. Genética e câncer. Padrões de herança clássicos e não clássicos. Determinação e diferenciação do sexo. Os genes nas populações. Princípios de teratogênese e mutagênese.

1. Thompson & Thompson (2007) Genética Médica. Editora Guanabara Koogan S.A., Rio de Janeiro.
2. Jorde, L.B. , Carey, J.C. , Bamshao, M.J. , White, R.C.- Genética Médica- 2ª edição, Rio de Janeiro, Editora Guanabara Koogan, 2000.
3. Snustad D.P., Simmons MJ. Fundamentos da genética. Editora Guanabara Koogan S.A., Rio de Janeiro, 2013.

ME176 - Introdução à Estatística Vital

OF:S-2 T:001 P:001 L:000 O:000 D:000 HS:002 SL:002 C:002 AV:N EX:S FM:75%

Pré-Req.: Não há

Ementa: Levantamentos e apurações de dados. Introdução à medidas de epidemiologia. Coeficiente e índices mais usados em saúde pública. População e amostra. Descrição de dados amostrais: tabelas, gráficos, medidas de posição e dispersão.

1. Bussab WO; Morettin PA. Estatística básica. Atual editora. São Paulo. 1987.
2. Fleiss JL Statistical methods for rates and proportions John Wiley & Sons. 1981.
3. Rothman K. Modern Epidemiology. Little Brown and Company. 1986.
4. Iezzi G. Fundamentos da matemática elementar. São Paulo: Editora Atual, v.5, 8 ed, 20

